

RECEITAS
safadinhas
INSPIRADAS EM
DO
Diário
DA BARONESA
OS FINAIS FELIZES

POR
CRISTIANE SERRUYA

Este ebook não se destina à venda, mas tão somente à distribuição gratuita para os assinantes VIPs da autora Cristiane Serruya.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, transmitida, feito download, decompilado em quaisquer formas ou por quaisquer meios, quer eletrônico ou mecânico, sem a expressa autorização escrita do autor, exceto nos casos de breves citações inseridas em artigos da crítica ou resenhas.

Os trechos dos livros aqui compilados são trabalhos de ficção. Nomes, personagens, lugares, diálogos e incidentes envolvendo-os derivam da imaginação do autor. Quaisquer similaridades com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais são inteiramente coincidência.

As receitas contidas neste livro foram inspiradas nos cadernos de receitas de minha mãe e minhas avós, livros de receitas, e blogs especializados ou sites de culinária. Foram devidamente testadas e contém um pitada de originalidade minha, tirada exclusivamente da minha cabeça, seja um molho especial, ou uma especiaria a mais.

Todos os direitos reservados.

Copyright texto e capas © 2019 e 2020 Between the Pages

Traduzido, editado, formatado e produzido por Between the Pages

ELOGIOS PARA CRISTIANE SERRUYA

**Foi como ler Jane Austen ou William Shakespeare, mas em inglês moderno.
— M. Richardson**

Nora Roberts encontra 50 Tons de Cinza — Paula Penteado

Cristiane Serruya é excepcionalmente boa no que faz. — Dks

Danielle Steele encontra Cinquenta Tons de Cinza, exceto que a heroína não é tão ingênua. Personagens fortes, mistério, e intriga internacional. Mantém o leitor cativo e com dificuldade de largar o livro. — Pat Harmon

[A história de Cristiane] gradualmente desabrocha, encantando gentilmente o leitor e tocando as cordas dos nossos corações, cativando os românticos. Leia e você encontrará uma Nora Roberts quando ela estava no auge. — Jonhaboutime

É uma daquelas séries que mantém você grudado até o fim e, depois que termina, você se pergunta para onde sua vida está finalmente indo! Os amantes de livros saberiam exatamente como me sinto, suponho! :) — Criti... que ... don't ... criti...cize

CRISTIANE SERRUYA

**Você pode esperar o inesperado. — Musings from an Addicted Reader
(Reflexões de uma Leitora Viciada)**

Serruya é uma mestra da caracterização. A profundidade de seus personagens é incrível. A intensidade das relações fará o leitor ansiosamente virar as páginas. — Readers' Favorite (Favoritos dos Leitores)

ELOGIOS PARA OS DIÁRIOS, VOLS. 1-3

Os Diários 1-3

É uma história de amor maravilhosamente escrita! Embora estes [livros] sejam definitivamente eróticos, há uma graça na história que a torna linda. Este é um conjunto de livros que *precisa* ser lido! — Nora Houston

Personagens fortes e uma ótima história. — Kim Sparks

Eu gostei muito desta história escandalosa com grandes personagens, romance e intriga. — Blingsupreme

Altamente recomendado para os amantes do romance HOT e enredos angustiantes e sinuosos. — Linda Reads



Do Diário da Baronesa 1

CRISTIANE SERRUYA

Eu não resisto a dar a Sra. Serruya as 5 ESTRELAS que eu dei a ela e a ele [Do Diário da Baronesa I]. — Robin Leigh Morgan, Contribuidor TOP da Amazon

Esta história sexy é um na verdade um virador de página. — J. Mitchell

A autora fez algo que posso descrever como sensacional e único aqui - pelo menos na minha experiência literária. — EMW, Vine Voice da Amazon



Do Diário da Baronesa 2

Outro [livro] vitorioso adicionado à minha biblioteca. — Mary M.

Este livro é definitivamente um livro sexy e quente. Um virador de página, com certeza. — Kathleen Buffon

[A história] é bonita, inteligente, divertida! Recomendo! — CowGirl from Space



Do Diário da Baronesa 3

E essa é a coisa com essa história: é sobre amor. Não apenas relacionamento sexual não convencional. Têm reviravoltas que você não prevê, suspense, perigo, e muita risada. — EMW, Vine Voice da Amazon

É um trabalho dramático de ficção. — Emma Davis

Este é o melhor RH que já li! — mississipimomma

Cheio de emoção, suspense e muitos segredos. Garantido para apimentar o seu Kindle e levá-lo em uma montanha russa emocional. — BP34

Eu fiquei encantada logo nas primeiras páginas... Agora eu vou ter que cuidar de um vício. — Momof2sons

Um livro maravilhosamente bem escrito, cheio de histórias e personagens com profundidade emocional impressionante. — Ksd

UM MINUTINHO SÓ!

ANTES QUE VOCÊ VIRE A PÁGINA...

*V*ocê quer romances grátis? Quer ficar atualizado com os meus próximos livros, promoções e brindes exclusivos?

Junte-se à minha família VIP. É só visitar www.crisserruya.com.br e se inscrever na minha newsletter. E o melhor de tudo, você ganha de presente um ebook e um audiobook inéditos.

Será um prazer ter a sua companhia.

Com carinho,

A handwritten signature in black ink, reading "Cris". The signature is written in a cursive, flowing style with a large initial 'C'.

SÓ MAIS UM MINUTO!

O terceiro volume da série *Os Diários, OS Finais Felizes*, pode ser lido de forma independente, mas, obviamente, por fazer parte de uma série, garanto que vocês terão mais prazer se seguirem a minha ordem... Hmm... Quero dizer: a ordem de leitura. 😘

Bom, o primeiro livro, *As Confissões Eróticas da Esposa do Barão Beardley*, está de graça nas seguintes lojas on-line:

AppleBooks: <https://apple.co/35112RY>

Kobo: <http://bit.ly/KoboChloe1>

Nook: <http://bit.ly/BNCChloe1>

GooglePlay: <http://bit.ly/GPChloe1>

Escolhi um capítulo de cada livro antes dos prometidos 10 primeiros capítulos para vocês poderem saber se querem lê-los ou não.

Espero que adorem a história diferente (e em alguns lugares deste mundo, muito real) da Chloé, Salvatore, Enzo e Angelo.

Com carinho,

CRISTIANE SERRUYA

Cris



RECEITAS

safadinhas

INSPIRADAS EM

DO

Diário

DA BARONESA

OS FINAIS FELIZES

POR

CRISTIANE SERRUYA

 AVISO 

 Não sou uma chef de gastronomia, nem tampouco uma cozinheira profissional, mas apenas uma autora muito gulosa que ama cozinhar e adora comer.

A comida é, desde o começo dos tempos, um agregador de calor humano, seja em um jantar ou reunião de família, ou apenas aquele momento a sós com nós mesmas, quando bate aquele desejo de uma comidinha-conforto, aquela panela de brigadeiro que você faz para comer sozinha lendo aquele romance gostoso ou vendo um filme na TV.

É inevitável para mim, como autora, criar cenas nas quais meus personagens estão, ou comendo, ou cozinhando. E aqueles que já me conhecem sabem que sou neurótica o suficiente para pensar nas receitas em seus mínimos detalhes e, às vezes, até testá-las antes de colocá-las nas cenas.

E depois que uma das minhas leitoras me pediu uma das receitas – mais precisamente o Doce de Queijo com Calda de Goiabada Light da Sophia Leibowitz, minha heroína da série Emoções – passei a dar como bonus para as leitoras que estivessem interessadas as receitas que aparecem nos livros.

Quase nenhuma dessas receitas foi inventada totalmente por mim, já que como disse, não estudei gastronomia. Antigamente, eu ligava para a minha mãe ou para a minha avó pedindo receitas e anotava tudo nos meus cadernos.

Hoje, quando não acho o que quero nesses cadernos, me inspiro em livros de receitas, em blogs ou sites de culinária.

Mas todas essas receitas foram devidamente testadas e quase sempre tem um pitada de originalidade minha, tirada exclusivamente da minha cabeça, seja um molho especial, ou uma especiaria a mais.

Isso não as torna melhor ou pior do que as que me serviram de inspiração. Só as torna minhas.

E agora suas!

 *B*on appetit.

Pris



 *A*gora vire a página e confira o que esses italianos *safadinhos* andaram preparando para a Chloé!

SCONES

Chloé

— *B*onjour, senhoras! Meu nome é Chloé e ... opa! Desculpe. Não era tão comum ter cavalheiros na cozinha em meados do século XX. Deixe-me começar de novo.

— Bom dia, senhoras e senhor. Meu nome é Chloé e tenho o prazer de recebê-los na Villa Di Luca, em Taormina, Sicília.

— Não me preocupo muito em cozinhar, e a única vez que entrei na cozinha para preparar uma receita deliciosa – apenas uma – foi a receita de bolinho da minha primeira sogra! Paola Di Luca, minha verdadeira sogra,

tentou me ensinar a cozinhar, mas sou um desastre na cozinha e, como ela e Enzo são chefs de supremo talento, fico longe de seus domínios. *Alors*, vamos dar uma olhada no livro de receitas, não é?



Scones para o Chá da Tarde

Ingredientes:

- 150 gr. de frutas secas, como cerejas ácidas, passas, sultanas, damascos azedos picados, mirtilos
- suco de laranja para imersão
- 150 gr. de manteiga sem sal fria
- 500 gr. de farinha de fermento fresco, além de um pouco extra para polvilhar
- 2 colheres de chá de fermento em pó
- 2 colheres de chá amontoadas de açúcar refinado dourado
- sal marinho
- 2 ovos grandes ao ar livre
- ¼ xícara de leite, mais um pouco extra



Instruções:

1. Coloque os frutos secos em uma tigela e despeje apenas o suco de laranja suficiente para cobrir. Deixe por algumas horas.

2. Pré-aqueça o forno a 200°C.

3. Coloque a manteiga, a farinha, o fermento, o açúcar e uma boa pitada de sal marinho em uma tigela.

Use os polegares e os dedos indicadores para quebrar a manteiga e esfregue-a na farinha para obter pequenos pedaços do tamanho de flocos de milho. Faça um buraco no meio da massa, adicione os ovos e o leite e mexa com uma espátula.

4. Escorra as frutas encharcadas e adicione-as à mistura. Adicione um

pouquinho de leite, se necessário, até obter uma massa macia e seca. Mova-o o mínimo possível para parecer uma massa desalinhada.

5. Polvilhe um pouco de farinha, cubra a tigela com filme plástico e coloque-a na geladeira por 15 minutos.

6. Enrole a massa sobre uma superfície polvilhada com farinha até que ela tenha cerca de 2 a 3 cm de espessura. Com um cortador redondo de 6 cm ou a borda de um copo, corte círculos da massa e coloque-os de cabeça para baixo em uma assadeira – eles crescerão melhor assim. Role novamente os cortes para usar a massa.

7. Pincele a parte superior de cada bolinho com o leite extra ou um pouco de manteiga derretida e asse no forno por 12 a 15 minutos, ou até dourar.



Dicas:

a) Fazer *scones* é mais sobre ter a confiança necessária para fazer o **mínimo** possível. Lembre-se: quanto menos você tocar na massa, mais *desintegrados* serão os seus *scones*.

b) Essa é uma receita que aceita congelamento; portanto, se você quiser tomar *scones* o mês inteiro, depois de cortá-los, congele-os.

Dessa forma, você pode colocar as pequenas rodela de massa congelada no forno e cozinhá-las a 180°C por 25 minutos – ou até ficarem douradas e agradáveis — sempre que quiser.

c) Sirva com creme e/ou geléia.



— **P**ara tomar seu chá da tarde como um conhecedor, siga meu conselho:

a) Não *mexa* o chá com a colher. Movimentos para frente e para trás (6-12, 6-12, imaginando-o como um relógio) são a maneira correta.

b) O leite é adicionado por último. Sempre! Você não sabe o quão forte é o chá antes de despejá-lo na xícara.

c) O chá é servido com leite, nunca com creme. O creme é muito pesado e mascara o sabor do chá.

d) Nunca adicione limão ao leite, pois o ácido cítrico do limão fará com que as proteínas do leite se coagulem.

e) Os *scones* são quebrados com as mãos, não cortados com talheres.

f) Os sanduíches do Chá da Tarde devem ter suas crostas cortadas e apresentadas na forma de triângulos, retângulos ou – como a família real prefere! – em pequenos quadrados.



Curiosidades:

a) *Scones* são pronunciados como *skon*, nunca *skone*.

b) Sanduíches tem este nome por causa do 4º Conde de Sanduíche. Por volta dos anos 1800, Lord Sandwich teve a idéia de cobrir sua carne com fatias de pão para que ele pudesse continuar jogando cartas e comer, sem usar talheres e, é claro, o mais importante para Lord Sandwich, sem deixar suas cartas engorduradas ao comer com as mãos.

c) O Chá da Tarde não é o mesmo que o Alto Chá.

O Alto Chá era o que os servos de uma casa grande comiam por volta das 18h, depois que o andar de cima era servido do Chá da Tarde.

— **B***on*, deveria haver coisas mais importantes na vida do que garantir o tamanho correto de um guardanapo de chá (12 polegadas quadradas), *n'est ce pas?*

ARANCINI SEXY

ENZO

Na Sicília, o *arancine* é tradicionalmente consumido no dia de Santa Lúcia, 13 de dezembro. Mas também é um prato muito popular vendido em todos os lugares aqui, inclusive na rua.

São bolinhos de arroz de açafrão fritos recheado com molho de carne ou molho de queijo. A versão do queijo é chamada *al burro* – na manteiga – mas, na verdade, são recheadas com molho bechamel, queijo, presunto e ervilha, enquanto o *arancine al ragú* tem um recheio espesso de molho à bolonhesa com ervilhas, mussarela e mortadela. Na realidade, você pode encher a bolinha de

arroz com o que quiser, mas a família Di Luca os faz há muitos anos da maneira tradicional.



Risoto para as bolinhas de arroz

*I*ngredientes:

- 2 colheres de sopa de azeite
- 4 colheres de sopa de manteiga
- 1 cebola média bem picada
- 1 1/2 colher de chá de açafrão
- 3 xícaras de arroz arborio (deve ser arborio ou carnaroli, arroz longo não funciona para esta receita, pois você precisa que o arroz fique um pouco pegajoso)
- 1/2 xícara de vinho branco
- cerca de 4 xícaras de caldo de carne (dependendo do tempo de cozimento)
- 1/2 xícara de queijo Parmigiano Reggiano ralado na hora
- Pão ralado
- Clara de ovo
- Óleo vegetal para fritar



*C*omo fazer:

- Em uma panela com fundo pesado, aqueça o azeite em fogo médio.
- Adicione a cebola e cozinhe em fogo baixo até ficar macia e translúcida.
- Adicione o arroz e mexa com uma colher de pau até que o arroz fique bem revestido e opaco, por 3 a 4 minutos.
- **ATENÇÃO:** O caldo deve estar quente o tempo todo enquanto você cozinha

o risoto, para que a temperatura do arroz não caia quando você adiciona o caldo.

- Adicione o vinho (Temperatura ambiente, tá?! Nada de vinho gelado!) ao arroz e, em seguida, adicione uma concha de 10 a 15 ml de caldo fervendo e cozinhe, mexendo ocasionalmente, certificando-se de limpar as laterais e o fundo da panela enquanto mexe, até que todo o líquido seja absorvido.
- Continue adicionando o caldo uma concha de cada vez, aguardando até que o líquido seja completamente absorvido antes de adicionar mais.
- Quando o arroz estiver na metade do tempo de cozimento, adicione o açafrão. Continue cozinhando, adicionando o caldo por cerca de 10 a 13 minutos, no total, contando a partir do momento em que você começar a adicionar o caldo. Nesta fase, o arroz precisa estar mal cozido, pois continuará cozinhando até esfriar completamente.
- Desligue o fogo e misture as 4 colheres de sopa de manteiga e o queijo Parmigiano Reggiano até ficar bem misturado.
- O arroz precisa estar bem seco, para que, depois que esfrie, você possa fazer bolas dele.
- Despeje em uma folha de papel manteiga, espalhe bem e deixe esfriar.



Dicas:

- a) Sempre que cozinhar risoto, não lave o arroz antes de cozinhar. O amido é necessário para que o risoto fique cremoso.
- b) Para o risoto de açafrão para arancini, cozinhe por 12-13 minutos.



Para o recheio...

Arancine al ragù

. . .

*I*ngredientes:

- 1 cebola de tamanho médio
- 1 cenoura grande
- 1 talo de aipo
- 300 gramas de carne moída (magra, mas de preferência não o coração, pois é muito fina para este prato)
- 1 pedaço de linguiça italiana (melhor com erva-doce) - aproximadamente 200 gramas (se você não gosta de linguiça, adicione um pouco de carne moída)
- ½ copo de vinho tinto
- 600 ml de purê de tomate ou 400 ml de tomate em cubos em conserva
- 200 ml de purê de tomate
- 1 concentrado de tomate em lata pequeno
- Sal marinho a gosto
- 2 colheres de sopa de azeite extra-virgem
- 5 grãos de pimenta ou uma pitada de pimenta fresca ralada (opcional)
- 1 xícara de ervilhas congeladas
- Mozzarella em cubos
- Mortadela em fatias e em cubos.



*C*omo fazer:

- Corte em cubos finos a cebola, a cenoura e o aipo e coloque-os em uma panela com o azeite extra-virgem. Deixe fritar em fogo lento até ficarem macios, mas não dourados).
- Descasque a linguiça. Adicione a carne moída e a linguiça e mexa bem. Certifique-se de quebrar a carne moída e a linguiça para que não haja grumos e tudo fique bem dourado.
- Aumente um pouco o fogo e adicione o vinho tinto.
- Após a evaporação do álcool, adicione sal, pimenta e purê de tomate.
- Adicione 4 copos de água e o sal e mexa.
- Cubra a panela e cozinhe em fogo baixo por pelo menos 1 hora. Quanto mais melhor.

- Quando estiver quase cozido, adicione as ervilhas congeladas e deixe cozinhar. Adicione água, se necessário - ou reduza o excesso de água - até obter a consistência correta. Tem que ser bem grosso para facilitar o enchimento.



*A*rancine al Burro

*I*ngredientes:

- 250 ml de molho bechamel (próxima receita)
- 50 gramas de queijos italianos misturados (mussarela, fontina, provolone) em cubos
- 2 colheres de sopa de Parmigiano Reggiano, ralado bem fininho
- 2 colheres de sopa de ervilhas congeladas, descascadas
- 50 gramas de presunto fatiado e picado



*C*omo fazer:

- Faça o molho bechamel.
- Adicione todo o queijo picado e Parmigiano Reggiano.
- Mexa bem, até os queijos derreterem.
- Adicione as ervilhas descascadas e deixe o molho esfriar.
- Adicione o presunto fatiado e picado e mexa bem.



Como montar seus arancini

Quando o arroz esfriar, faça bolas e abra-as colocando o polegar de um lado.

O buraco deve ser bem grande para permitir preenchê-los o máximo possível com o recheio de ragú.

Adicione um pouco de mussarela e mortadela em cubos (para o *arancine al ragú*) e feche as bolas.

Enrole-os em clara de ovo já levemente batidas com um garfo e na mistura já preparada com metade farinha, metade micro-migalhas de pão.

Frite em óleo, mas não em imersão.

Coma-os quente...ou pelo menos, mornos!

Buono appetito!

MOLHO BECHAMEL OU LA BESCIAPELLA

Angelo

A pesar de ser originalmente um molho francês, o bechamel é comumente usado na culinária italiana e chamamos de *besciamella*.

Nós o usamos em bolos de massa (especialmente em lasanha ou canelone) e em muitos outros pratos, como no *aracine*.

É muito fácil de fazer e, se você seguir a receita abaixo, obterá um molho suave em minutos.

Então, vamos fazê-lo!



*I*ngredientes:

- 1 litro de leite, quente
- 100 gramas de manteiga
- 100 gramas de farinha
- 1 pitada de sal
- 1 pitada de noz-moscada



*I*nstruções:

- Coloque a manteiga em uma panela antiaderente e deixe derreter.
- Adicione a farinha e bata constantemente até incorporar bem. Isso é muito importante e o truque de uma boa *besciamella*.
- Deixe cozinhar por um minuto ou dois.
- Agora comece a adicionar leite quente aos poucos, enquanto mistura continuamente. Não adicione o próximo lote até que o leite esteja bem incorporado. Continue adicionando o leite quente até todo o leite estar incorporado.
- Adicione sal e noz-moscada e cozinhe em fogo baixo por 10 minutos ou até engrossar.
- Quando estiver pronto, cubra-o para evitar filmagens na superfície.



*D*ica:

Se você ainda receber um molho irregular, não o jogue fora. Você ainda pode salvá-lo e suavizá-lo usando um liquidificador.

PASTA AL VONGOLI
OU MACARRÃO COM AMÊIJÔAS

Salvatore

Comida, vinho e uma *bella donna*... não há nada melhor. Produzo o melhor vinho da Sicília, tenho a mulher dos meus sonhos e, agora, vou cozinhar um prato delicioso.



Ingredientes:

- 1,25 kg de amêijoas ou *vongoli* pequenos e frescos, como

littlenecks, Manilas ou berbigão (cerca de 3 a 4 dúzias, dependendo do tamanho)

• 3 colheres de sopa (45ml) de azeite extra virgem, ou um pouco mais, conforme necessário

- 3 dentes médios de alho em fatias finas
- Uma pitada de flocos secos de pimenta vermelha
- 120ml de vinho branco seco
- 500grms de espaguete seco
- 1 colher de sopa (15g) de manteiga sem sal (opcional)
- punhado de salsa fresca picada
- Sal



Modo de fazer:

• Encha uma tigela grande com água fria e misture sal suficiente para torná-la salgada... hmm ... como o mar.

• Adicione amêijoas e deixe-as ficar por 30 minutos.

• Retire as amêijoas da água e descarte a água de purga; se houver areia no fundo da tigela, lave-a e repita esse processo até que as amêijoas não liberem mais areia na água (geralmente 2 a 3 ciclos de purga).

• **ATENÇÃO:** Descarte as amêijoas abertas e se recuse a fechar quando pressionadas/empurradas.

• Em uma frigideira grande, misture o óleo com alho e flocos de pimenta vermelha. Cozinhe em fogo médio até o alho ficar levemente dourado, cerca de 5 minutos. Para mantê-lo escaldante, ajuste o calor conforme necessário.

• Adicione vinho branco e amêijoas, cubra e aumente o fogo para alto.

• Cozinhe, verificando a cada 30 segundos, até as amêijoas se abrirem e liberar seus sucos, 3-6 minutos, dependendo do tamanho das amêijoas. Quando as amêijoas se abrirem, use pinças para transferi-las para uma tigela uma tigela grande e resistente ao calor é ideal.

• Remova a frigideira do fogo.

• Deixe as amêijoas esfriarem um pouco e depois retire a carne das conchas; Se desejar, você pode economizar algumas amêijoas com casca por porção para enfeitar.

• Em uma panela, com água levemente salgada, cozinhe o macarrão até

ficar com um pouco de al dente, que é cerca de 1 a 1 ½ minutos a menos que o tempo de cozimento na embalagem.

- Transfira o macarrão para a frigideira grande com molho de vinho branco, adicione algumas colheres de sopa de água para cozinhar macarrão e cozinhe em fogo alto, mexendo rapidamente, até que o molho diminua e comece a formar um revestimento emulsificado e cremoso.

- Adicione manteiga e carne de molusco e amêijoas com casca.
- Cozinhe, mexendo sempre, até a manteiga derreter e as amêijoas serem aquecidas por cerca de 1 minuto.

- Se o molho diminuir demais e ficar seco ou oleoso, adicione mais água da massa, 1 colher de sopa de cada vez.

- Tempere com sal, se necessário. Retire do fogo.
- Misture a salsa e um fio de azeite fresco. Transfira para as tigelas, decore com as conchas, se desejar, ou com um raminho de salsa e sirva imediatamente.



Dicas:

- a) Quanto mais frescas as amêijoas, melhor o prato.
- b) A salinidade dos amêijoas varia de acordo com sua variedade e proveniência; portanto, neste caso, salte levemente a água de cozimento da massa.
- c) Se a carne do molusco for muito grande, por exemplo, como as de amêijoas maiores, você pode cortá-la ao meio.
- d) Não se esqueça de descartar as amêijoas que estão abertas e se recusam a fechar quando pressionadas após o ciclo de purga.

POLIANDRIA

CURIOSIDADES

Para aqueles que ainda não me conhecem bem, eu sou uma autora meio à parte daquelas que pensam o ato de escrever é apenas um trabalho.

Para mim, escrever ou melhor, contar histórias, é um ato de amor, em vários sentidos.

Um desses sentidos, talvez um dos mais importantes, é a empatia que eu passo a ter com quem quer que tenha vivido, ou esteja vivendo, uma situação parecida com as dos meus personagens.

Dentro das possibilidades (e o máximo possível), incorporo os personagens que estou escrevendo naquele momento.

Além de ter que conhecer bem os meus personagens, seus sonhos e medos, ambições e desejos, dores e frustrações, suas famílias, seus amigos, onde nasceram, o que fazem, como se sentem, etc... faço sempre pesquisas extensas, *in loco*, ou online, desde o guarda-roupa de cada um até o perfil psicológico, passando pelo local onde nasceram e o que gostam de comer.

Eu acordo, passo o dia com eles, e durmo com eles até escrever *Fim* na história.

Vai entender, né?

Essa é uma das razões pelas quais não consigo produzir mais que três a

quatro livros por ano, apesar das muitas ideias que me vêm à cabeça todos os dias.

Vocês podem encontrar algumas dessas ideias e inspirações no meu Pinterest e no meu Instagram. Ou vislumbrar outras pistas nas dedicatórias dos livros ou nas epígrafes que eu uso.

Em *Do Diário da Baronesa 1*, por exemplo, descobri que até 1967 o sexo anal entre homens era punido com a prisão perpétua, além de outras ignomínias contra o amor homossexual. E, mesmo depois que esta lei foi revogada, só muito recentemente é que o sexo homossexual deixou de ser crime na Grã-Bretanha.

E o que falar da lei que rege o divórcio? Até hoje (sim, até hoje) é difícil se divorciar na Inglaterra se o parceiro não estiver de acordo.

No *Do Diário da Baronesa 3* a pesquisa me abriu os olhos para a existência da poliandria, algo que eu pensava que só acontecia muito raramente.

Devo confessar que desde o começo tinha medo de desembrulhar o mundo de Chloé, não apenas porque ele toca em muitos assuntos delicados, mas também porque eu poderia abordá-los com meus próprios *pré-conceitos*.

Não é tão fácil nos colocarmos no lugar dos outros, especialmente quando os sapatos são tão... não-convencionais.

Ao pesquisar, aprendi que há vários lugares na Ásia onde há poliandria, que é uma mulher casada com mais de 2 homens (ou poliandria fraterna, quando a mulher se casa com um grupo de irmãos de uma só vez) é a norma, não a exceção. Para minha total surpresa, mesmo aqui no Brasil, duas tribos indígenas, os Zo'é e os Bororos, praticam poliandria.

Em 2012, ambos os candidatos à presidência dos EUA devem sua própria existência à poligamia. O pai do ex-presidente Obama pertencia à tribo poligâmica de Luo e os bisavôs paternos de Mitt Romney se mudaram para o México para continuar a prática mórmon de poligamia quando esta foi proibida nos EUA.

Todos são exemplos notáveis da diversidade da humanidade e devem ser comemorados com um enorme FELIZES PARA SEMPRE!!

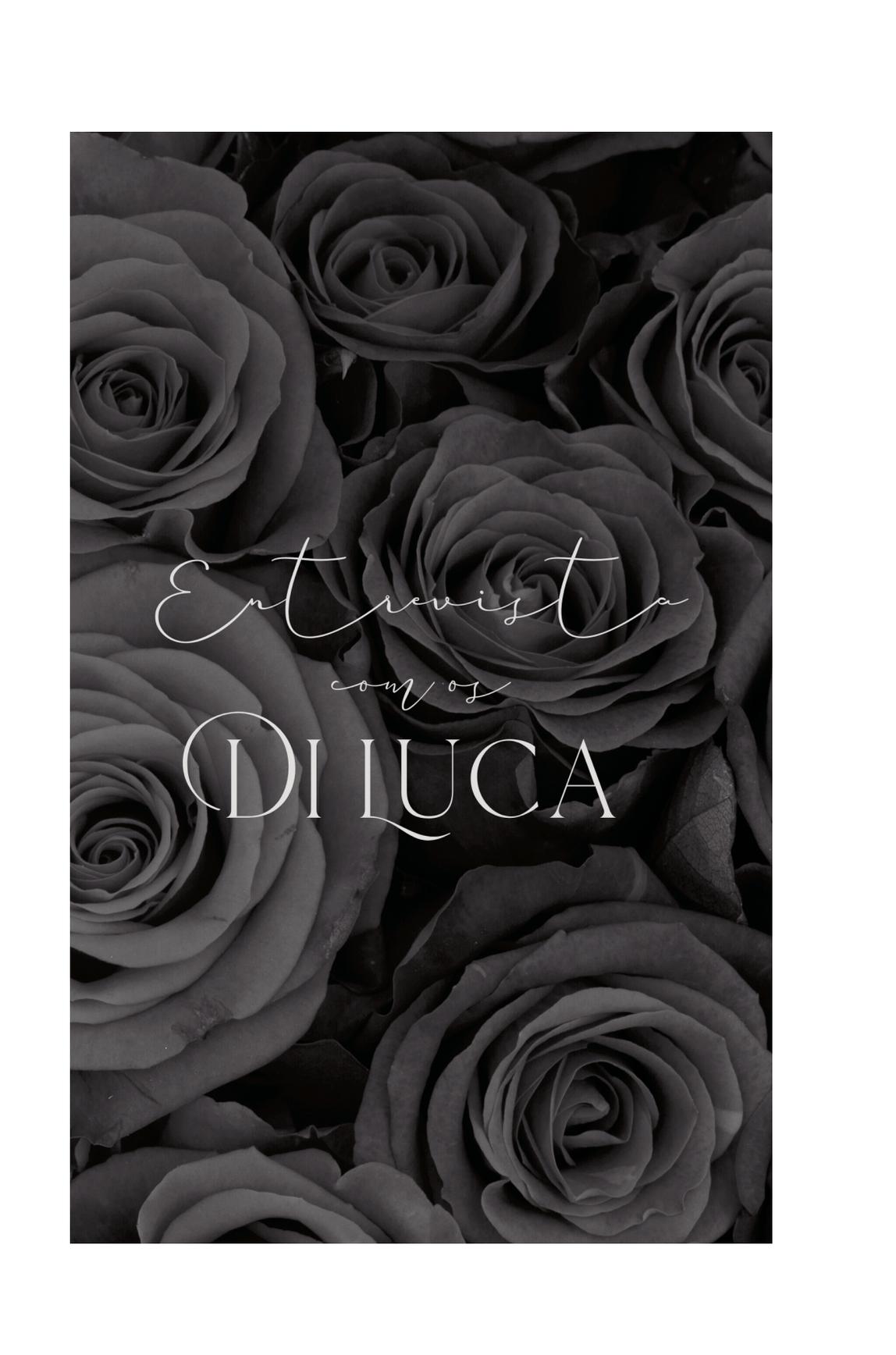


Depois do Do Diário da Baronesa 1 e dos primeiros capítulos dos outros diários, você vai encontrar as entrevistas com Chloé, Enzo, Salvatore e Angelo.

Mas...

AVISO

Se você ainda não leu os livros, pule as entrevistas porque elas estão cheias de spoilers e você não quer estragar as surpresas que vem por aí.



Entrevista
com os
DILUCA

AVISO: Se você ainda não leu todos livros, pule as entrevistas porque elas estão cheias de spoilers e você não quer estragar as surpresas que vem por aí.

ENTREVISTA COM A FAMÍLIA DI LUCA

Laady Chloé e sua sogra, Paola Di Luca, talvez sejam duas das defensoras mais entusiastas do poliamor – ou melhor da poliandria – que já conheci.

Eles receberam a X – que, como você sabe, é o codinome de Laetitia MacCraig – e a mim para esta entrevista.

Bem acomodada no colo de Enzo, Chloé sorri maliciosamente quando eu pergunto se ela está pronta para começar as perguntas da entrevista porque eu estava ansiosa para saber mais sobre sua vida amorosa.

Ela parece muito mais jovem do que seus cinquenta e cinco anos, com um corpo elegante e em forma, algo pelo qual as mulheres mais jovens morreriam – ou matariam.

Talvez seja a paz, a felicidade e a sedução à sua volta. Acredito que seja uma boa ideia arranjar o meu próprio harém.

Mas, como diz Chloé, eu divago.

Venha comigo e conheça Chloé, Enzo, Salvatore e Angelo!

Pergunta: *Como você consegue conciliar as necessidades sexuais de três maridos?*

Risos no quarto.

Chloé: Não consigo pensar em uma única desvantagem em ter três maridos. Eu me sinto exatamente da mesma maneira a respeito de todos eles. Além disso, nunca estou sozinha. Quando um ou dois irmãos estão viajando a negócios, eu durmo com o terceiro.

Enzo: Nós dividimos o trabalho muito bem entre nós.

Salvatore: Em outras palavras, isso significa que Enzo geralmente organiza para que Angelo e eu façamos as viagens a negócios, enquanto ele fica por aqui.

Angelo: Todos nos damos bem e, entre nós, temos quatro filhos.

Pergunta (sussurrada): *Não é demais às vezes?*

Chloé: Você conhece a música do Lou Bega? *Um pouco de Monica na minha vida, um pouco de Erica ao meu lado, um pouco de Rita é tudo que preciso...*¹ Pois é! Mais homens oferecem mais apoio emocional – sem falar nos benefícios sexuais.

Meus homens têm diferentes pontos fortes, estilos, pontos de vista, todos se unindo para serem incríveis. Também me proporcionam diferentes experiências sexuais, eliminando a monotonia que inevitavelmente acontece em todos os relacionamentos de longo prazo. A variedade, no fim das contas, mantém todas as nossas vidas sexuais excitantes.

Eu tenho um pouco do melhor que há no Enzo, no Salvatore e no Angelo, e isso é tudo que preciso. E se eu preciso de um descanso, todos eles levam as crianças para um dia fora e eu passo um dia inteiro sem fazer nada.

Pergunta: *Qual é o segredo da sua vida familiar feliz?*

Chloé: Amor, eu descobri, é a cura para muitos males. O amor dos meus maridos salvou minha vida.

Pergunta: *Como três homens desempenham o papel de pai?*

Chloé: Meus maridos dão aos nossos filhos a melhor comida, abrigo e educação que podem, e quando um pai está longe, os outros cuidam dos filhos.

Angelo: Somos como qualquer outra família, exceto pelo fato de que somos quatro desempenhando a função parental em vez de dois.

Enzo: O que significa que as crianças têm mais atenção do que em uma família normal.

Salvatore: Comparados com muitas famílias de hoje, somos muito mais normais.

Pergunta: *Como assim?*

Salvatore: Bem, nós realmente conhecemos nossos filhos. Sei de algumas famílias que vivem como estranhos na mesma casa. Todos são tão independentes, envolvidos em suas próprias vidas, e quando estão em casa ao mesmo tempo, cada um está ocupado em seu telefone ou computador.

Com a gente, claro, nós temos aparelhos eletrônicos e estamos conectados ao mundo, mas eu diria que nossa conexão familiar é mais central. E, claro, temos um objetivo comum enquanto trabalhamos juntos com nossos negócios familiares.

Pergunta: *Vocês sabem quem é o pai de quem?*

Angelo: Quando eles eram pequenos, muitas vezes olhávamos para eles e tentávamos adivinhar quem fez quem.

Enzo: Federico adorava o Angelo, mas eu sempre imaginei que ele fosse meu por causa de sua natureza amigável.

Angelo bufa e acrescenta: Vittorio passou muito do seu tempo atrás do Enzo e absorvendo todas as coisas relacionadas ao vinho, mas tenho certeza que ele é do Salvatore.

Salvatore: Maxima, isso é fácil. Embora ela idolatre todos nós, ela é do Angelo.

Paola: Agora, Lorenzo... Desde cedo, ele mostrou uma notável aptidão com os animais, e eu juro que o garoto se comunica com cães, cavalos e todos os animais de quatro patas, porque eles fazem o que ele quer que eles façam. Não importa para qual dos meus filhos eu olhe, não posso dar uma explicação para a personalidade dele.

Chloé: Quando ele não estava ameaçando queimar a casa, estava sempre querendo um abraço e um beijo meu. Mas eu sempre me perguntava se não

havia acontecido alguma confusão no hospital, pois não conseguia identificá-lo com nenhum de meus maridos. Mas depois ele cresceu e não tenho dúvida de que ele é *meu* filho. Então, não nos importamos com esses detalhes.

Pergunta: *Você planejou ter tantos?*

Salvatore: Claro que não. Ela veio para a Itália para ficar só comigo.

Chloé revira os olhos para Salvatore e diz: Ela quer dizer essas pestinhas que você chama de filhos.

Salvatore: Meus filhos? *Madonna mia*, não. Não foi minha ideia ter tantos.

Angelo: Bem, minha é que não foi.

Enzo, voltando para a sala após uma ausência rápida carregando uma bandeja com seu vinho branco especial e copos de cristal, pergunta: O que estamos discutindo?

Salvatore e Angelo, ao mesmo tempo: Seus filhos.

Enzo, olhando embevecido para Chloé: *Cazzo*. Como diabos eu sou o culpado pelos diabinhos?

Chloé: Bem, com certeza não engravidei sozinha. E nenhum de seus irmãos está reivindicando responsabilidade. Então, seja bonzinho, aceite a culpa e nos sirva esse delicioso vinho.

Risos no quarto enquanto Enzo balança a cabeça, mas faz exatamente conforme Chloé pediu.

Pergunta: *Você já quis fazer um teste de DNA agora que eles estão disponíveis?*

Chloé: Não, *pas du tout!* Salvatore é o pai oficial de todas as crianças e isso é suficiente para nós.

Enzo: Nós vemos as crianças como pertencentes a nós, coletivamente.

Entra **Vittorio**, o filho mais velho: E nós nos vemos como tendo sido criados coletivamente, se não em esperma, pelo menos em espírito.

1. A música em inglês é assim: A little bit of Monica in my life, a little bit of Erica by my side, a little bit of Rita is all I need...

ENTREVISTA COM ANGELO DI LUCA

Depois de conversar com todos juntos, passei alguns minutos a sós com Angelo para saber mais sobre um assunto delicado. Então, agora, temos a entrevista com o doce Angelo Di Luca falando um pouco sobre sua experiência de juventude e como ele superou o trauma.

Pergunta: *Você viu as notícias recentes nos EUA sobre os padres católicos?*

Angelo: Sim, nós temos esse problema aqui também. Na verdade, os escândalos são globais. Infelizmente, como você sabe, a notícia não foi nova para mim, nem foi chocante.

Pergunta: *Ainda é perturbador para você quando isso acontece?*

Angelo: Pessoalmente, não. Isso me irrita, é claro. Eu sei mais e melhor do que a maioria das pessoas o que essas crianças passaram, então me irrita que isso ainda seja um problema. Mas no meu caso, sinto que me recuperei bem com a ajuda de Chloé, meus irmãos e o padre Adamo.

. . .

Pergunta: *Como o Padre Adamo ajudou?*

Angelo: Uma das maneiras que ele ajudou foi sendo o representante da igreja que se esperava que fosse. Ele fez o seu trabalho e fez bem. Além disso, ele dobrou as regras e nos fez um favor especial, e ao fazê-lo, acho que ele mostrou o lado oposto de uma moeda podre, se é que isso faz sentido.

Pergunta: *Mas não houve um incentivo financeiro para isso?*

Angelo: É verdade. Não foi totalmente altruísta. Mas o padre Roberto e o padre Adamo cruzaram uma linha que poderia lhes custar as posições. Mas um era destrutivo e o outro foi útil.

Pergunta: *De que outra forma o padre Adamo foi útil?*

Angelo: Ao longo dos anos, nós conversamos muito sobre o que aconteceu comigo. Eu acredito que ele foi sinceramente penitente em nome da Igreja. Ele também me ajudou a ver que a Igreja Católica não é única quando se trata deste problema e que Deus não é responsável por atos odiosos dos homens, mesmo que feitos em Seu nome. Todas essas conversas me liberaram a mente para poder pensar sobre um Ser Supremo, ou imortalidade, ou o que quer que seja que se possa chamar. Eu não tenho mais essa parte da minha vida intrinsicamente ligada ao assunto do meu abuso e sofrimento. E isso me permitiu ter uma vida espiritual saudável novamente.

Pergunta: *Que bom ouvir isso, Angelo. Então você não tem mais animosidade em relação à igreja?*

Angelo: Bem, tenho, até certo ponto, porque não me parece que eles fizeram muito progresso para resolver esse problema. E tem a questão da cumplicidade quando se trata de líderes da igreja. Mas uma das coisas que aprendi é que não adianta ficar com raiva da igreja. É como se concentrar em uma fatia de uma torta grande. Veja quantos alunos são abusados pelos professores – especialmente nos EUA. Provavelmente é muito pior em países menos desenvolvidos. Tantos soldados, até mesmo soldados da paz da ONU,

com escândalos de estupro. E você sabe quem está no topo quando se trata de abusar de crianças? Membros da família. Eles superam todos os outros perpetradores juntos. Então, pensando macro, é um pouco bobo achar que os padres católicos têm o monopólio desse tipo de mal.

*P*ergunta: *Quando Salvatore disse que sua família era mais normal do que outras, ele estava se referindo a seus filhos não terem sido abusados sexualmente?*

Angelo: *Si*, estava. Somos extremamente orgulhosos de sermos bons pais para nossos filhos. Eles são verdadeiramente amados e sempre estiveram seguros. Eles vão para escolas particulares, que têm a sorte de conceder-lhes esse privilégio. E nós temos ensinado religião a eles em casa. Sem ofensa ao Padre Adamo. Ele foi ótimo, mas ele também se aposentou há oito anos e quem sabe sobre a substituição dele? Exercitar a parentalidade saudável inclui isto: aprender a minimizar o risco sem tolher os filhos.

AUTORA BESTSELLER DE ROMANCES DO USA TODAY

CRISTIANE
SERRUYA

DO
Diário
DA BARONESA



AS CONFISSÕES ERÓTICAS DA ESPOSA DO BARÃO BEARDLEY

UM MINUTINHO SÓ!

ANTES QUE VOCÊ VIRE A PÁGINA...

*V*ocê quer romances grátis? Quer ficar atualizada com os meus próximos livros, excelentes promoções, e brindes exclusivos?

Para estar sempre por dentro, junte-se à minha família VIP.

É só visitar www.CrisSerruya.com.br e se inscrever na minha newsletter. E o melhor de tudo, você ganha de presente um ebook e um audiobook.

Será um prazer ter a sua companhia.

Com carinho,



Cris

EPÍGRAFE

Este é Huck Finn, um filho meu de reputação obscura. Seja bom para ele para o bem de seus pais.

~ Mark Twain,
em *As Aventuras de Huckleberry Finn*
(tradução livre)

PRÓLOGO

*A*s páginas do diário imaginário que vocês estão prestes a ler – e as que pertencem a alguns outros volumes criativos que estão para serem publicados em breve – caíram nas mãos de uma das minhas melhores amigas-literárias, X, que trabalhava na Mansão Beardley.

Este sincero registro da vida amorosa de uma jovem mulher, as memórias de Lady Chloé, vão muito além da usual literatura erótica. Estas páginas revelam como uma mulher jovem, mesmo isolada numa mansão perdida no meio do nada, presa a um marido autocrático e muito mais velho, descobriu prazeres que nunca julgou possíveis de serem desfrutados em seu corpo e alma.

É a busca de uma mulher por respostas ao tópico mais questionado do mundo, o enigma que aflige o universo: o amor e os prazeres do sexo.

No ano passado, enquanto eu visitava uma imaginária galeria de arte mundialmente famosa, encontrei-me com X e ela me disse que tinha feito as pinturas para a sua série A Baronesa, usando as histórias de Lady Chloé, e me deu de presente os diários que salvou, com a condição de que eu os traduzisse e publicasse.

Com grande atenção, examinei página após página – e devo confessar que não consegui largá-los até ter lido a última! Eu sabia que tinha nas mãos uma história extraordinária de amor e desejo.

Lady Chloé de la Fleur Beardley, sem dúvida, nunca sonhou que suas memórias hipotéticas um dia seriam expostas aos olhos de outros, mas X e esta autora têm certeza de que ela ficaria muito feliz em ter você lendo sobre suas aventuras – e desventuras.

Saibam então, leitores, que tudo o que esta autora teve de fazer foi organizar as páginas imaginárias do diário, traduzi-las para o português, e *voilà*: com pequenas adaptações, trazer as confissões da mitológica Lady Chloé às suas mãos; e faço isso sem peso na consciência, já que o Barão Beardley faleceu há um mês, sem ter nenhum herdeiro direto a não ser um pomposo sobrinho-neto que está agora cumprindo pena na cadeia por causa de... Bom, essa já é outra história.

Bem-vindos ao mundo de Lady Chloé!

CAPÍTULO 1
MEU MARIDO, O DÉCIMO PRIMEIRO BARÃO
BEARDLEY

*M*on Cher Journal,
Estou animada! Estou excitada! Eu – ah! – estou tão feliz.
Deixe-me começar do início.

Eu sou a filha única de um marquês francês empobrecido e meu nome é Chloé de la Fleur – ou melhor, era. Ontem de manhã, foi mudado para Chloé de la Fleur Beardley, porque agora sou uma mulher casada.

O nome do meu marido é Joseph Georges Charles Fitzroy Von Tussen Beardley e ele é o décimo primeiro Barão Beardley. Ele tem 40 anos e é um inglês muito rico.

Quando ele me foi apresentado na minha festa de *début* em Londres, eu o achei charmoso. Ele é loiro, com olhos azul-bebê, magro e não muito mais alto do que eu. Ele está mais em forma e é mais bonito do que a maioria dos homens de sua idade.

Nós conversamos por um tempo sob os olhos vigilantes da minha mãe e, quando o barão deixou a festa, ele disse que nos encontraríamos novamente.

E assim fizemos, em mais cinco ocasiões.

Em uma dessas festas, depois que dançamos, ele me convidou para uma caminhada pelo lindo jardim na parte dos fundos da mansão do Duque de Belfort, e eu disse a ele que tinha que pedir a permissão de minha mãe, que foi concedida imediatamente. Nós caminhamos para a parte menos iluminada do

jardim, onde apontando para um banco de madeira, o barão me perguntou se eu queria sentar com ele.

Eu sorri e concordei.

Ele me contou sobre sua falecida esposa, que morrerá em trabalho de parto, deixando-o sem herdeiros; sobre a mãe viúva, a baronesa-mãe, que ainda mora com ele – ou melhor, *conosco*, desde ontem; sobre suas propriedades em Londres e em Warwickshire, e seus interesses comerciais. Ele é um homem inteligente e cativante e, embora possa ter parecido chato, não o foi.

Fiz algumas perguntas educadas e também respondi educadamente quando ele perguntou sobre minha infância, estudos, amigos e minha breve vida parisiense.

Quando ele inclinou a cabeça loira e colocou o braço em volta da minha cintura, me puxando contra seu peito, eu deixei ele me beijar.

Quando ele pressionou a língua nos meus lábios fechados, eu me abri para ele.

— Suave como pétalas — ele sussurrou na minha boca antes de empurrar sua língua para dentro novamente e roçando-a contra a minha.

E então sua mão acariciava meu peito, puxando um mamilo, e eu me contorci no banco. — Não, *monsieur*.

— Joseph — ele me corrigiu, não parando suas carícias ao meu mamilo. Sua língua agora estava deslizando pelo meu pescoço e meus pensamentos se embaralharam.

Quando a outra mão dele vagou debaixo da minha saia e acariciou minha perna, eu tentei novamente pará-lo, segurando seu pulso. — *Non, non*. Joseph.

— Sim, querida? — Ele levantou a cabeça por um minuto, mas suas mãos não se moveram, nem do meu seio, nem da minha coxa. Bem, suas mãos não se mexeram, mas seus dedos estavam muito ativos, massageando meu peito e a parte interna da minha coxa.

— Ah — eu gemi com a sensação boa e quente que estava se espalhando sobre o meu corpo.

— Isso aí, querida — ele sussurrou. Sem tirar os olhos dos meus, ele colocou a mão dentro das minhas calças e começou a esfregar meu cabelo lá embaixo.

Sem pensar, minhas pernas se abriram e eu me inclinei para trás.

Seus dedos procuraram e encontraram minha abertura, e ele lentamente inseriu apenas uma ponta dentro, recuando quando eu me encolhi.

— Oh — eu engasguei, piscando para ele. — O que você está fazendo? — Ele não respondeu e começou a esfregar outro ponto.

Era gostoso – muito gostoso – e relaxei novamente.

— Você é tão linda, Chloé.

Logo ele estava me esfregando rapidamente e eu estava ofegante; ele estava respirando alto e eu estava me contorcendo, até que eu gritei: — Jo-seph!

Fiquei surpresa quando me ouvi gritando de prazer e, empurrando-o para longe, eu fugi de volta para a festa, indo diretamente para o banheiro. No espelho, meu reflexo mostrava lábios avermelhados e um rosto corado. Eu podia ver meus mamilos enrugados apontando para mim pela fina gaze e renda do meu vestido de noite mais bonito. Quando ajeitei minhas calças, elas estavam molhadas.

Eu estava confusa, mas – ah! – eu tinha gostado daquilo.

Quando saí do banheiro, ele estava encostado no batente da porta. Eu hesitei, sem saber o que fazer, e baixei a cabeça.

Ele pegou minha mão com a dele e galantemente beijou-a. — Perdoe-me por ter avançado demais, Chloé.

Tropeçando em palavras, eu disse: — *Monsieur le baron*, por favor, não conte à minha mãe.

— Eu não vou contar a ninguém — ele respondeu, e continuou — mas você deve me chamar de Joseph.

Quando ele me ofereceu seu braço, eu recuei.

— Você está com medo de mim, querida?

E em um sussurro, eu confessei: — *Non, monsieur...* Joseph, quero dizer. Eu estou... Nunca senti algo assim...

— Linda garota. — Ele sorriu, beijou minha testa e colocando minha mão em seu braço, me levou de volta para o lado da minha mãe.

Depois de alguns minutos, o barão se despediu, dizendo que ligaria na manhã seguinte.

Eu não poderia imaginar que na tal manhã seguinte ele iria propor casamento. E que meus pais o aceitariam em meu nome.

Veja você, eu tinha 17 anos então – agora tenho 18 anos – e era uma virgem. Não, espera! Quero dizer, tenho 18 anos e ainda sou virgem.

Eu fui criada em um convento na França e não tive muito contato com homens, a não ser nos últimos três meses, em algumas festas em Paris e Londres. Eu tinha certeza de que encontraria um rico Príncipe Encantado

que resolveria todos os meus problemas – e salvaria minha família da falência.

Eu sabia que deveria casar, mas devo dizer que foi um choque. Eu não estava esperando – ou planejando – fazer isso tão rápido.

Deixe-me dizer aqui que eu não fui aos jardins com a intenção de seduzir o barão. Além disso, não pense que o barão é um sedutor de jovens garotas. Ele é um cavalheiro em primeiro lugar.

No mês que se seguiu à proposta e antes do nosso casamento, meu pai me proibiu de ver o barão sozinha, enquanto minha mãe me instruía na arte do sexo, ou como ela dizia: — O que mulher precisa suportar para sobreviver.

Para ser sincera, não me importei muito com as *palestras* dela, e até achei algumas coisas engraçadas. Acho que meu pai nunca fez minha mãe se sentir bem do jeito que eu me senti nos braços do barão.

O barão me levou – e a meus pais – a almoços, chás e jantares. Ele me levou – e a minha mãe – às compras. Flores frescas, deliciosos chocolates e pequenas lembranças, com seus cartões manuscritos, chegavam ao nosso apartamento alugado todos os dias. Ele me comprou um guarda-roupa novo e completo, pagou pelo meu vestido de noiva e me deu um anel de diamantes de valor inestimável.

Durante esse mês, ele roubou alguns beijos enquanto se despedia. Dois dias atrás, meu pai nos permitiu passar alguns minutos a sós, com a porta da sala aberta.

Ele não me tocou como eu estava esperando. Em vez disso, tivemos uma conversa séria, e ele me prometeu que eu não precisaria de nada em minha vida de casada, que nós seríamos muito felizes e nossos filhos seriam tão lindos quanto eu. Pouco antes de meu pai bater no batente da porta, ele me beijou apaixonadamente, dizendo que estava esperando ansiosamente pela nossa noite de núpcias.

Ontem, nos casamos em uma cerimônia luxuosa na capela do Solar Beardley, seguida por uma festa suntuosa realizada pelos jardins do lago.

Era uma bela manhã de primavera e me permitiram pela primeira vez beber champanhe.

Acho que exagerei porque depois que minha mãe me colocou na cama ontem à tarde, dormi e só acordei esta manhã.

Agora devo me lavar, me vestir e descer para tomar café da manhã com meu marido.

CAPÍTULO 2

MEU PRIMEIRO DIA COMO BARONESA

*M*on Cher Journal,

A mansão que agora é minha casa é incrivelmente bela.

Enquanto eu caminhava pelos longos corredores, onde homens e mulheres sérios olhavam para baixo do alto de suas pinturas emolduradas, me perguntei quando meu retrato estaria pendurado naquelas paredes e fiz uma nota mental para pedir a meu marido que encomendasse uma pintura minha.

O mordomo, o sr. Longman, instruiu-me em sua voz de barítono que o café da manhã já estava servido nos jardins à beira do lago e que o barão e a baronesa-mãe já estavam esperando por mim.

Minhas bochechas coraram vermelhas de vergonha por estar atrasada e, embora eu quisesse correr para ganhar alguns preciosos segundos, agradei ao Sr. Longman e saí pelo hall principal para o lado de fora, admirando o gramado bem cuidado e a folhagem verde e os canteiros de flores perfeitamente aparados.

Cinco minutos depois, quase tropecei nos cães ingleses do meu marido que estavam brincando perto do lago. Recuperando a compostura, andei os últimos passos até o imenso guarda-sol branco sob o qual meu marido e sua mãe estavam sentados em uma mesa coberta por uma toalha bordada, com delicadas xícaras de chá e pires de porcelana, talheres brilhantes e potes reluzentes.

— Bom dia. Me desculpe, estou atrasada — disse enquanto o barão se levantava.

— Bom dia! — Exclamou minha sogra com entusiasmo.

— Bom dia — respondeu o barão, e me beijou na bochecha, então puxou a cadeira para que eu me sentasse ao lado dele. — Eu espero que você esteja se sentindo descansada.

Eu sorri para ele. — *Oui, merci.*

Meu marido não falou outra palavra em nosso primeiro café da manhã juntos, mas a mãe dele... *Dieu!* Sua mãe relembrou seus anos como uma jovem baronesa, me ensinando sobre as muitas tarefas que devo supervisionar. Como se eu não estivesse me preparando para isso toda a minha vida!

Depois, o barão me convidou para andar a cavalo e me mostrou o lindo e gigante terreno que cercava o Solar Beardley, a propriedade da qual sou senhora agora.

Quando chegamos à entrada oeste da mansão, onde havia um labirinto feito de arbustos, ele desmontou de seu garanhão e me ajudou a descer da doce égua sobre a qual eu estava montada, amarrando nossas duas montarias na cerca.

— Venha — disse ele, estendendo a mão para mim.

Juntos, andamos pelo labirinto, enquanto o barão me contava histórias de sua infância e o quanto gostava de brincar lá.

Quando chegamos ao centro, ele me convidou para sentar em um grande balanço que foi colocado estrategicamente sob uma sombra de árvore e sentou ao meu lado.

Tirando o meu grande chapéu preto, enfeitado com rosas vermelhas, ele tocou a ponta dos dedos na minha bochecha em uma carícia. — Você tem uma pele tão bonita.

— *Merci.* — Eu sorri para ele timidamente.

Mas minha timidez não durou muito.

Ele me puxou para ele para um beijo de boca aberta, sua língua se enfiando entre meus lábios. Eu cedi a ele, ansiando por seu toque. Timidamente, eu coloquei minhas mãos em seus ombros e deslizei-as sobre seu pescoço e seu cabelo, tocando sua língua com a minha. Uma das mãos dele encontrou meu seio e começou a massageá-lo, seus dedos puxaram meu mamilo e sua outra mão baixou para as minhas coxas e as afastou. Eu gemi em sua boca e beijei-o com força enquanto ele me esfregava por cima da calça.

— Ah. Ah. — Eu tremi e uma sensação de calor tomou conta de mim. Eu o beijei ternamente depois que acabou. — Obrigada, Joseph.

Ele grunhiu baixo e, pegando minha mão, apertou-a contra uma pequena protuberância em suas calças.

Eu sabia o que era: seu membro masculino, mas eu não sabia o que deveria fazer, então deixei minha mão onde estava.

Ele colocou a mão sobre a minha e ofegou no meu ouvido: — Esfregue. Assim.

Ele me mostrou o que fazer enquanto mordiscava meu lóbulo da orelha.

Fiquei surpresa com a maneira como a pequena protuberância cresceu sob a minha ministração e eu retirei minha mão para olhar para ela. Havia uma... *Vara* em suas calças e parecia estar querendo liberdade. Meus dedos se agitaram e se contorceram em resposta. Eu pisquei, surpresa. — Oh.

— Sinto muito. — Joseph corou e levantou-se, ajustando seu blazer sobre seus culotes para escondê-lo. — Eu não deveria ter feito isso.

Por que não?, eu queria perguntar enquanto ele amarrava meu chapéu na minha cabeça, mas eu mantive minha curiosidade sob controle.

Enquanto eu o seguia de volta para onde os cavalos estavam amarrados, eu olhei para a sua vara e notei que ela havia encolhido para apenas uma pequena protuberância novamente, mas não tão pequena quanto antes de começarmos.

Intrigada com sua reação corporal e com sua negação de aproveitar o prazer que eu tinha certeza de que ele iria sentir, não consegui me conter e perguntei: — Por que você parou, Joseph? Eu estava fazendo certo, *non?*

Ele corou ainda mais forte e me olhando nos olhos, ele me disse severamente: — Chloé. Senhoras não fazem isso ou falam sobre isso. Muito menos, questionam seus maridos.

Foi a minha vez de corar e abaixei os olhos. — Perdão.

Ele me ajudou a subir na égua e fizemos nosso caminho de volta para nossa casa em um pesado silêncio.

Eu sorri e agradei ao rapaz que estava esperando para levar nossos cavalos de volta para os estábulos e, ao lado do meu marido rígido, subi os degraus até a grande mansão que era agora a minha casa.

O barão me apresentou ao pessoal da casa e se certificou de que eles tinham entendido que deveriam se reportar a mim de agora em diante.

Fiquei um pouco desapontada quando nos juntamos à mãe dele na

biblioteca. Enquanto Joseph lia seu jornal, a velha me mostrou seu livro de receitas.

Devo confessar que não tenho nenhum interesse em cozinhar e, enquanto ela falava e falava, tive que fazer um esforço para manter meus olhos abertos e inserir um sim e um não de vez em quando. Ela parava ocasionalmente seu falar incessante para rapidamente tomar fôlego.

Depois de um delicioso almoço, meu marido sorriu para mim, seu bom humor restaurado pelo que eu acho que foi meu comportamento recatado. — Tenho alguns negócios urgentes para atender e não voltarei antes do jantar.

— Ah. Não estamos em lua de mel? — O barão tinha me explicado que não poderíamos viajar para uma lua de mel adequada devido aos seus negócios, mas que aproveitaríamos um bom tempo juntos e seria como se estivéssemos em lua de mel.

Ele deve ter visto a decepção no meu rosto.

— Seja uma boa menina — disse ele em voz baixa e pressionou um beijo casto na minha bochecha. — Vou visitar seu quarto mais tarde.

Eu sorri para ele, mostrando o quanto eu estava ansiosa por isso e obedientemente o acompanhei até a porta e acenei até que seu carro esportivo não pudesse mais ser visto.

Ocupei-me dos assuntos da casa e fiquei surpresa ao descobrir que o dia havia se passado quando minha sogra disse que íamos jantar em meus aposentos particulares.

Apesar de sua conversa incessante, a refeição foi agradável.

Então, sob seu escrutínio, sua empregada me ajudou a tomar banho e me preparar para esta noite. A noite.

Minha mãe não me disse que eu tinha que raspar minhas axilas, minhas pernas ou meu sexo. Mas a viúva disse que agradaria ao barão, então eu fiz. Ela também me deu uma garrafa de óleo perfumado para esfregar na minha pele. Depois vesti minha nova camisola longa de algodão branco, aquela com fitas de seda e renda, e deslizei entre os lençóis.

Antes de se retirar para o seu quarto, a baronesa-mãe sentou-se ao meu lado e me deu as mesmas instruções que minha mãe tinha dado nos dias anteriores ao meu casamento, além de reforçar que eu não deveria me limpar da *semente* de seu filho depois que ele terminasse o ato. Eu acho que corei com isso, porque meu rosto ficou quente demais.

Há alguns minutos, ouvi os passos do barão no corredor.

Eu posso me sentir tremendo de antecipação, mas não por causa das histórias da minha mãe e sogra.

Meu marido me deu prazer duas vezes e tenho certeza de que no recesso de meus aposentos ele me dará mais, muito mais.

Em alguns minutos!

CAPÍTULO 3

MINHA PRIMEIRA VEZ

*M*on Cher Journal,
Monsieur le baron visitou meu quarto ontem à noite, como ele me informou que faria.

Ele estava de banho tomado e seu cabelo loiro estava perfeitamente penteado para trás, ainda um pouco molhado. Sentando na cama, ele me ofereceu um dos dois pequenos copos de cristal que ele estava carregando, dizendo: — Licor de cereja.

Nós tocamos os copos e brindamos. Enquanto bebia o doce álcool, ele me perguntou como a minha tarde tinha sido e me contou um pouco sobre a dele.

Quando terminei minha bebida, ele pegou o copo da minha mão e depositou ao lado do dele na minha mesa de cabeceira. Ele então se levantou e tirou o roupão, colocando-o sobre a poltrona ao lado da minha cama. Em seu pijama de seda, ele não estava tão em forma como eu imaginara, mas não parei para pensar nisso porque eu estava animada com o que estava por vir.

Voltando para a cama, ele fez sinal para eu dar espaço para ele. Depois apagou as luzes e, no quarto escuro, ouvi o farfalhar dos lençóis de seda e senti o colchão afundar.

Sua mão na minha nuca trouxe meu rosto para perto dele e ele me deu um beijo. Ah! Meu marido sabe beijar.

Coloquei minhas mãos em seus ombros e descobri que ele não tinha tirado a camisa. E também não havia tirado as calças, mas eu não me importei.

Seu beijo me fez sentir bem, e meu sexo se agitou e uma umidade morna se juntou lá embaixo quando ele massageou meu seio e brincou com meu mamilo por sobre minha camisola.

Eu separei meus lábios para sua língua e ele a empurrou para dentro da minha boca, puxando as fitas que amarravam minha camisola sobre meu peito. Eu ansiosamente puxei a barra, mas ele não me deixou tirá-la.

A parte de cima se abriu com seu puxão insistente e seus lábios desceram do meu queixo até o meu pescoço, e eu arfei quando seus lábios se fecharam sobre um mamilo duro e ele chupou.

— Ah. Joseph.

Minhas palavras fizeram ele chupar mais forte e ele puxou minha camisola para cima, em volta da minha cintura, e sua mão vagou da minha coxa até meu estômago e depois para baixo.

— Boa menina — ele gemeu quando seus dedos roçaram a pele lisinha do meu sexo. — Agora, abra suas pernas.

Eu abri, querendo sentir o prazer novamente. Seus dedos me acariciavam levemente para cima e para baixo, separando minhas dobras, provocando e circulando a pequena fenda que eu tinha lá, deixando-me sem fôlego por antecipação.

Ele empurrou o dedo dentro de mim e eu engasguei com a invasão. — Joseph?

Ele grunhiu novamente e moveu a cabeça para meu outro mamilo, seu dedo entrando e saindo, e eu relaxei quando ele começou a esfregar *naquele* lugar.

— Ah. — Eu me contorci sob ele quando ele pressionou dois dedos dentro de mim. Algo deve estar errado, pensei, eu era muito apertada para dois dedos. — Joseph, *non*. Pare.

Ele não parou. No entanto, logo não estava tão apertado e seus dedos se moviam com mais facilidade, à medida que mais umidade começava a se acumular ali, e mais fundo, mas não muito fundo, e ele começou a trabalhar de novo naquele lugar de que eu gostava. Ah, era bom.

Suspirei e fechei meus olhos. — Ah, Joseph.

Ele esfregou mais rápido quando eu comecei a tremer e soltei um pequeno grito quando uma onda repentina de calor tomou conta do meu corpo.

Então ele desamarrou as calças e tirou *aquela* vara. Eu me esforcei para ver, mas ele imediatamente se posicionou sobre mim, bloqueando-o dos meus olhos curiosos. Senti seu membro bater *lá* e deslizar, perdendo o alvo.

Ele se atrapalhou com isso por um momento e, em seguida, se posicionou na borda da minha fenda. Com um grunhido, ele empurrou a vara.

— Ah! — Eu gritei. Realmente doeu desta vez. Ninguém disse que ia doer. Eu tentei afastá-lo. — Pare!

— Vai passar, querida. — Ele me segurou e voltou para trás e mergulhou novamente dentro de mim. — Abra mais as suas pernas.

A segunda vez não foi tão ruim, e se tornou... Interessante quando ele me penetrou mais e mais rápido.

— Boa menina, boa menina — ele continuou dizendo, fazendo-me sentir importante. Eu estava agradando meu marido, como ele havia me agradado.

Mas eu praticamente desisti de achar *interessante* quando seu beijo se tornou muito molhado e suas mãos massagearam meus seios com força.

E então... Então... Eu não senti nada além de tédio enquanto ele bufava e se enfiava entre as minhas pernas. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, ele gemeu longo e alto e jorrou dentro de mim.

Ele caiu sobre o meu corpo, respirando pesadamente e com força contra o meu pescoço. — Obrigado, Chloé.

— Você é... Bem-vindo — eu disse, confusa, e dei um tapinha no ombro dele, sem saber o que mais dizer ou fazer.

Ele beijou minha bochecha e rolou para fora de minha cama.

Eu podia ver a silhueta dele se movendo enquanto ele amarrava o cordão das calças e vestia o roupão.

— Da próxima vez, será melhor — disse ele enquanto caminhava para a porta.

— Tudo bem — eu respondi. — *Bonne nuit*.

— Boa noite.

Quando ele saiu, eu me toquei *lá* e encontrei sua semente escapando de onde não deveria sair. Preocupada, rapidamente apertei minhas coxas e, lembrando-me das palavras de minha sogra, levantei meus quadris e coloquei um travesseiro sob eles.

Eu adormeci com uma certeza: da próxima vez, será melhor.

CAPÍTULO 4

DESAPONTAMENTO

*M*on Cher Journal,

Eu odeio ser desapontada. Odeio, odeio, odeio. Mas deixe-me dizer por que estou reclamando.

Eu acordei esta manhã sentindo-me descansada e alegre. Eu cheguei cedo ao jardim do lago e esperei o café da manhã ser servido por um longo tempo, mas ninguém apareceu. Quando eu estava com fome demais para esperar mais tempo, voltei para a mansão e descobri que minha sogra havia pedido que o café da manhã fosse servido na Sala Amarela, pois ela estava com frio.

Quando cheguei lá, meu marido já havia saído e a baronesa-mãe havia se retirado para seus aposentos. A governanta, a sra. Lynd, uma mulher corpulenta de bigode escuro, que limpava a mesa, disse-me com voz severa que eu precisava chegar na hora das refeições e que ela não aqueceria tudo de novo.

Eu quebrei meu jejum sozinha, lavando minhas lágrimas com chá frio e torradas. Depois, eu vaguei pelos quartos e toquei um pouco de piano, o que imediatamente levantou meu ânimo.

Ao meio-dia, eu tinha trocado de roupa e estava esperando pelo barão na biblioteca para almoçar com ele e sua mãe. E, novamente, esperei e esperei, mas ninguém apareceu.

Quando o relógio bateu duas horas, fui procurar o Sr. Longman, nosso mordomo, perguntando-lhe sobre o meu marido. Ele me disse que o barão tinha saído logo após o café da manhã e não voltaria para o jantar. Eu lhe perguntei sobre a minha sogra e ele respondeu que ela estava na cama e não queria ser incomodada. Finalmente, lhe perguntei sobre o almoço. Ele me deu um olhar curioso e respondeu que, como eu não tinha pedido o almoço, a cozinheira já havia se retirado para o quarto dela e isso significava que eu tinha que esperar pela hora do chá.

Eu não pude acreditar no que estava ouvindo. Eu levantei meu queixo e o informei que estava esperando toda a equipe da casa na sala de jantar para uma reunião em uma hora.

Eu não deixaria as pessoas fazerem o que quisessem na *minha* casa.

Passei aquela hora na biblioteca escrevendo furiosamente instruções e regras em folhas de papel que planejava distribuir àqueles funcionários *mal-educat*.

Entreí em nossa grande sala de jantar e examinei o lugar. Estou ansiosa para o dia em que vou dar a minha primeira recepção na nossa bela casa. Sentei-me na cadeira alta do meu marido, à cabeceira da longa mesa de mogno.

A reunião foi estressante, para dizer o mínimo, mas com toda a pompa e apurmo que eu tinha aprendido no convento, entreguei à governanta, ao mordomo, à cozinheira-chefe e à chefe dos lacaios as novas regras que eles deveriam seguir e lembrei-lhes que o barão dissera que eu era quem dava ordens naquela casa a partir de agora. Aproveitei para exigir que o chá fosse servido em meia hora com doces e sanduíches no jardim.

Quando eles permaneceram lá sem palavras, olhando para mim, eu estalei meus dedos e disse: — *Allez-y*.

Em vão, pois não falavam uma palavra de francês, *les ignorantes!* Suprimindo um suspiro irritado, eu traduzi: — Vocês podem ir.

Eles balançaram a cabeça e se foram e, em trinta minutos, eu estava me fartando com uma deliciosa comida preparada na hora só para mim. Há! Eles não iam me fazer de boba dentro da minha própria casa.

Passei o resto do dia tomando notas sobre arranjos de flores e planejando cardápios e me retirei para os meus aposentos depois de informar à Sra. Lynd que não iria jantar, mas queria apenas uma ceia fria entregue com champanhe na minha sala de estar privada enquanto me preparava para a noite.

Marta, a empregada da minha sogra, preparou um banho quente para mim, escovou meu cabelo até que ele brilhasse, hidratou minha pele e me ajudou a vestir outra linda camisola branca. Sentei-me na minha sala de estar com um livro, bebendo o champanhe gelado.

Quando ouvi os passos do barão, corri para o banheiro para me refrescar e voltei para o sofá.

Ele entrou em meus aposentos depois de uma breve batida na porta, novamente carregando dois copos de Cherry. — Boa noite, Chloé. Eu... O que é isso?

Eu pensei que ele estava se referindo à ceia e eu expliquei que tinha mandado prepará-la para nós dois.

Ele atravessou a sala com uma carranca, colocou os copos na mesa e pegou a taça da minha mão. — Por que você está bebendo?

Por que eu estava bebendo? Porque eu queria. Mas não disse isso. Ele estava com raiva, eu sabia, mas ele me chocou quando ele jogou meu champanhe no balde de gelo e bateu a taça na mesa, dizendo: — Você não tem permissão para beber. Não é bom para a sua saúde.

— Sinto muito — eu disse. — Eu...

— Vá para a cama — disse ele.

— Joseph, *non* — eu reclamei, colocando minhas mãos em seus ombros. Eu não queria fazer amor com ele com raiva de mim.

— Cama — ele repetiu. E engoliu o conteúdo de ambos os copos de licor de cereja!

Corri para o quarto e deslizei entre os lençóis.

Não houve conversa ontem à noite como havia tido na noite anterior.

Meu marido tirou o roupão, apagou as luzes, deitou-se ao meu lado e enfiou sua língua entre meus lábios.

Eu empurrei seu peito. — Joseph, eu...

— Cale a boca, Chloé. — Ele puxou as fitas da minha camisola e a abriu, revelando meus seios para ele. Ele colocou um mamilo entre os lábios e puxou com força, e enfiou a mão entre as minhas coxas, afastando-as. — Abra as pernas.

— Joseph, por favor, pare — eu disse, empurrando-o novamente. — Você está me assustando.

Isso o fez parar. Seus lábios vagaram agradavelmente sobre meu peito e

seus dedos entre minhas pernas se suavizaram e ele me acariciou levemente ali, naquele lugar – meu pequeno botão – circulando delicada e lentamente.

Logo, eu relaxei e ele persuadiu a umidade de dentro do meu corpo e começou a me esfregar, e me esfregar, e me esfregar mais, até que eu estava ofegante, até que eu estava gemendo, até que eu gritei o meu prazer. Mas não foi a mesma coisa.

— Boa menina — disse ele.

E então seu membro estava dentro de mim. E seus dedos amassaram meu peito com força, e sua língua lambeu meus lábios e rosto, e ele estava ofegante, ofegante e respirando quente no meu pescoço.

Ele havia dito que seria melhor desta vez, mas fora o fato de não machucar, não foi melhor. Foi tão irritante e chato como na noite passada, e toda vez que ele se enfiava em mim, ele repetia: — Boa menina.

Eu contei mais de trinta *boas meninas*, antes que ele endurecesse, grunhisse alto e longo, e jorrasse dentro de mim.

No escuro, ele saiu de cima de mim, levantou-se, foi ao banheiro, voltou e acendeu a luz da mesa. Sentado ao meu lado, ele colocou um travesseiro sob meus quadris e pernas e acariciou minha bochecha. — Me desculpe por ter assustado você. É só que fiquei com raiva quando te vi bebendo. Não é bom para uma futura mamãe.

Então ele me beijou, deu boa noite e se retirou para seus aposentos.

Futura mamãe. Bem... Depois de muito tempo refletindo sobre suas palavras e percebendo que era eu que estava errada, não ele, me repreendi por não agradar meu marido e caí em um sono profundo.

Tudo o que posso dizer agora, enquanto termino de escrever isso e antes de descer para tomar café da manhã no jardim do lago, onde é servido todas as manhãs a partir de agora, é que espero que meu marido não esteja mais zangado comigo e que farei tudo o que ele quer que eu faça. Eu serei a baronesa mais elegante e perfeita que já governou esta mansão.

E também espero que, de alguma forma, o *ato* melhore.

Eu odeio ser desapontada. Odeio, odeio, odeio. Mas deixe-me dizer por que estou reclamando.

Eu acordei esta manhã sentindo-me descansada e alegre. Eu cheguei cedo ao jardim do lago e esperei o café da manhã ser servido por um longo tempo, mas ninguém apareceu. Quando eu estava com fome demais para esperar mais tempo, voltei para a mansão e descobri que minha sogra havia

pedido que o café da manhã fosse servido na Sala Amarela, pois ela estava com frio.

Quando cheguei lá, meu marido já havia saído e a baronesa-mãe havia se retirado para seus aposentos. A governanta, a sra. Lynd, uma mulher corpulenta de bigode escuro, que limpava a mesa, disse-me com voz severa que eu precisava chegar na hora das refeições e que ela não aqueceria tudo de novo.

Eu quebrei meu jejum sozinha, lavando minhas lágrimas com chá frio e torradas. Depois, eu vaguei pelos quartos e toquei um pouco de piano, o que imediatamente levantou meu ânimo.

Ao meio-dia, eu tinha trocado de roupa e estava esperando pelo barão na biblioteca para almoçar com ele e sua mãe. E, novamente, esperei e esperei, mas ninguém apareceu.

Quando o relógio bateu duas horas, fui procurar o Sr. Longman, nosso mordomo, perguntando-lhe sobre o meu marido. Ele me disse que o barão tinha saído logo após o café da manhã e não voltaria para o jantar. Eu lhe perguntei sobre a minha sogra e ele respondeu que ela estava na cama e não queria ser incomodada. Finalmente, lhe perguntei sobre o almoço. Ele me deu um olhar curioso e respondeu que, como eu não tinha pedido o almoço, a cozinheira já havia se retirado para o quarto dela e isso significava que eu tinha que esperar pela hora do chá.

Eu não pude acreditar no que estava ouvindo. Eu levantei meu queixo e o informei que estava esperando toda a equipe da casa na sala de jantar para uma reunião em uma hora.

Eu não deixaria as pessoas fazerem o que quisessem na *minha* casa.

Passei aquela hora na biblioteca escrevendo furiosamente instruções e regras em folhas de papel que planejava distribuir àqueles funcionários *mal-educat*.

Entrei em nossa grande sala de jantar e examinei o lugar. Estou ansiosa para o dia em que vou dar a minha primeira recepção na nossa bela casa. Sentei-me na cadeira alta do meu marido, à cabeceira da longa mesa de mogno.

A reunião foi estressante, para dizer o mínimo, mas com toda a pompa e aprumo que eu tinha aprendido no convento, entreguei à governanta, ao mordomo, à cozinheira-chefe e à chefe dos lacaios as novas regras que eles deveriam seguir e lembrei-lhes que o barão dissera que eu era quem dava

ordens naquela casa a partir de agora. Aproveitei para exigir que o chá fosse servido em meia hora com doces e sanduíches no jardim.

Quando eles permaneceram lá sem palavras, olhando para mim, eu estalei meus dedos e disse: — *Allez-y*.

Em vão, pois não falavam uma palavra de francês, *les ignorantes!* Suprimindo um suspiro irritado, eu traduzi: — Vocês podem ir.

Eles balançaram a cabeça e se foram e, em trinta minutos, eu estava me fartando com uma deliciosa comida preparada na hora só para mim. Há! Eles não iam me fazer de boba dentro da minha própria casa.

Passei o resto do dia tomando notas sobre arranjos de flores e planejando cardápios e me retirei para os meus aposentos depois de informar à Sra. Lynd que não iria jantar, mas queria apenas uma ceia fria entregue com champanhe na minha sala de estar privada enquanto me preparava para a noite.

Marta, a empregada da minha sogra, preparou um banho quente para mim, escovou meu cabelo até que ele brilhasse, hidratou minha pele e me ajudou a vestir outra linda camisola branca. Sentei-me na minha sala de estar com um livro, bebendo o champanhe gelado.

Quando ouvi os passos do barão, corri para o banheiro para me refrescar e voltei para o sofá.

Ele entrou em meus aposentos depois de uma breve batida na porta, novamente carregando dois copos de Cherry. — Boa noite, Chloé. Eu... O que é isso?

Eu pensei que ele estava se referindo à ceia e eu expliquei que tinha mandado prepará-la para nós dois.

Ele atravessou a sala com uma carranca, colocou os copos na mesa e pegou a taça da minha mão. — Por que você está bebendo?

Por que eu estava bebendo? Porque eu queria. Mas não disse isso. Ele estava com raiva, eu sabia, mas ele me chocou quando ele jogou meu champanhe no balde de gelo e bateu a taça na mesa, dizendo: — Você não tem permissão para beber. Não é bom para a sua saúde.

— Sinto muito — eu disse. — Eu...

— Vá para a cama — disse ele.

— Joseph, *non* — eu reclamei, colocando minhas mãos em seus ombros. Eu não queria fazer amor com ele com raiva de mim.

— Cama — ele repetiu. E engoliu o conteúdo de ambos os copos de licor de cereja!

Corri para o quarto e deslizei entre os lençóis.

Não houve conversa ontem à noite como havia tido na noite anterior.

Meu marido tirou o roupão, apagou as luzes, deitou-se ao meu lado e enfiou sua língua entre meus lábios.

Eu empurrei seu peito. — Joseph, eu...

— Cale a boca, Chloé. — Ele puxou as fitas da minha camisola e a abriu, revelando meus seios para ele. Ele colocou um mamilo entre os lábios e puxou com força, e enfiou a mão entre as minhas coxas, afastando-as. — Abra as pernas.

— Joseph, por favor, pare — eu disse, empurrando-o novamente. — Você está me assustando.

Isso o fez parar. Seus lábios vagaram agradavelmente sobre meu peito e seus dedos entre minhas pernas se suavizaram e ele me acariciou levemente ali, naquele lugar — meu pequeno botão — circulando delicada e lentamente.

Logo, eu relaxei e ele persuadiu a umidade de dentro do meu corpo e começou a me esfregar, e me esfregar, e me esfregar mais, até que eu estava ofegante, até que eu estava gemendo, até que eu gritei o meu prazer. Mas não foi a mesma coisa.

— Boa menina — disse ele.

E então seu membro estava dentro de mim. E seus dedos amassaram meu peito com força, e sua língua lambeu meus lábios e rosto, e ele estava ofegante, ofegante e respirando quente no meu pescoço.

Ele havia dito que seria melhor desta vez, mas fora o fato de não machucar, não foi melhor. Foi tão irritante e chato como na noite passada, e toda vez que ele se enfiava em mim, ele repetia: — Boa menina.

Eu contei mais de trinta *boas meninas*, antes que ele endurecesse, grunhisse alto e longo, e jorrasse dentro de mim.

No escuro, ele saiu de cima de mim, levantou-se, foi ao banheiro, voltou e acendeu a luz da mesa. Sentado ao meu lado, ele colocou um travesseiro sob meus quadris e pernas e acariciou minha bochecha. — Me desculpe por ter assustado você. É só que fiquei com raiva quando te vi bebendo. Não é bom para uma futura mamãe.

Então ele me beijou, deu boa noite e se retirou para seus aposentos.

Futura mamãe. Bem... Depois de muito tempo refletindo sobre suas palavras e percebendo que era eu que estava errada, não ele, me repreendi por não agradecer meu marido e caí em um sono profundo.

Tudo o que posso dizer agora, enquanto termino de escrever isso e antes de descer para tomar café da manhã no jardim do lago, onde é servido todas as manhãs a partir de agora, é que espero que meu marido não esteja mais zangado comigo e que farei tudo o que ele quer que eu faça. Eu serei a baronesa mais elegante e perfeita que já governou esta mansão.

E também espero que, de alguma forma, o *ato* melhore.

CAPÍTULO 5
O QUE EU DESCOBRI EM MEIO A ROSAS
VERMELHAS

*M*on Cher Journal,

Estou na minha vida de casada há apenas três meses e meu marido tinha negócios prementes para cuidar, como ele me disse durante a nossa cavalgada matinal. Eu já estava acostumada a ele passar o dia fora para cuidar de seus negócios, mas desta vez ele me disse que teria que passar cinco dias em Londres e que estaria saindo depois do almoço.

Eu fiquei tão feliz que, assim que voltei do nosso passeio, arrumei uma valise com meus vestidos mais bonitos, coloquei meus elegantes chapéus em uma caixa redonda de couro brilhante e minhas joias na caixa de seda. Deixei de lado meu chapéu preto favorito, decorado com grandes rosas vermelhas e um xale preto de lã para viagem, por causa do carro esportivo de Joseph.

Tomei um longo banho, perfumei-me, coloquei um leve brilho nos meus lábios e vesti minhas roupas de viagem para almoçar com minha sogra e meu marido.

Joseph franziu a testa para o meu traje quando eu entrei na sala de jantar, mas não disse nada quando o lacaios puxou a minha cadeira no meu lugar na cabeceira da mesa de jantar. Meu marido ajudou a mãe a sentar-se no meio e caminhou até a outra extremidade da mesa, sentando-se em sua cadeira alta.

Nossa mesa de jantar de mogno pode facilmente acomodar duas dúzias de

convidados. Para ser precisa, podem caber duas dúzias de convidados de cada lado, além de meu marido e eu em cada extremidade.

Mas estou divagando.

Depois de comermos a sobremesa e tomarmos o café, o barão dobrou o guardanapo, levantou-se e beijou a mão da mãe, pedindo licença para se preparar para ir embora.

Ansiosamente, eu também me levantei e disse: — Minha bagagem já está pronta em meus aposentos. Eu...

— Você... Você não vai — Joseph gaguejou por um momento e depois disse: — Você tem deveres aqui, Chloé.

Eu encarei ele boquiaberta. — Eu não vou?

— Não, vou estar muito ocupado com negócios muito importantes — ele respondeu secamente e um rubor avermelhou sua pele clara. — Não posso me distrair, Chloé.

— Mas eu não vou incomodar você. — Lágrimas se juntaram em meus olhos em sua repreensão. Eu queria tanto ir a Londres! — Posso ir à *modiste* e passear no parque enquanto você está ocupado. E podemos jantar... — Parei quando ele balançou a cabeça loira. — *Non?*

— Não, você não vai — ele disse mais enfaticamente. — Voltarei em menos de uma semana.

— Mas Joseph...

Minha sogra escolheu esse momento para intervir e começou a falar sobre as amigas que convidaria para nos fazer companhia e Joseph saiu da sala de jantar, instruindo o Sr. Longman, nosso mordomo, a levar seu carro até a porta da frente em dez minutos.

Corri atrás dele e gritei pouco antes de ele entrar em seu quarto. — Joseph! Você vai me deixar aqui sozinha?

Ele se virou e me observou por um momento antes de atravessar o corredor para o meu quarto. Abrindo a porta, ele gesticulou para eu entrar e me seguiu.

Parei no meio da minha sala de estar, insegura.

Após trancar a porta, cruzou o quarto, fechou as cortinas e, na sala mal iluminada, sentou-se no grande e confortável sofá de veludo dourado, dando tapinhas no lugar ao lado dele. — Vem cá, minha linda menina.

Eu fui e ele me puxou em seus braços, beijando-me ternamente. E ele me beijou mais, e abriu os botões da minha blusa e tirou um dos meus seios do meu sutiã e chupou. Ele empurrou minha saia longa para cima, enrolando-a

em volta da minha cintura, desabotoou minhas calças e esfregou o lugar que eu gostava muito. E ele esfregou e enfiou o dedo em mim, e esfregou mais e chupou meu peito. Ah! Eu gosto quando ele faz isso.

Logo, eu estava tremendo em seus braços, e puxando seu cabelo, e ondulando e ofegando de prazer. — Joseph, Joseph.

E então estava lá: aquela sensação boa. Suspirando, reclinei no sofá. — *Merci*, Joseph.

Ele abriu a calça, puxou seu membro para fora – que, por sinal, eu não vi até agora – e se inclinou sobre mim, e começou a parte que eu não gostava muito, mas que sempre suporto com um sorriso nos lábios, como eu devo.

— Boa menina, boa menina — disse ele trinta e três vezes em conjunto com cada mergulho de sua vara dentro e fora do meu buraco, bufando e soprando respiração quente no meu pescoço, até que ele endureceu e senti sua semente enchendo meu corpo.

— Obrigado, Chloé.

Eu dei um tapinha no ombro dele. — De nada, Joseph.

Depois que ele se recuperou, ele se levantou, ajustou suas roupas e as minhas, arranjou meus quadris e pernas sobre alguns travesseiros e também trouxe um cobertor do guarda-roupa para me cobrir. — Descanse agora.

Fechei minhas coxas com força, esperando que seu líquido branco fizesse sua mágica e me desse um bebê, e sorri para ele. — Eu vou.

— Vou lhe trazer presentes — disse ele. Com um beijo superficial na minha bochecha, ele foi embora.

Meu marido já se foi há mais de uma semana. Obedientemente continuei a supervisionar minhas obrigações, tais como treinar a equipe da casa e manter tudo em ordem. Me diverti cavalgando e lendo alguns romances românticos que eu trouxera de Paris.

Além disso, obedientemente, tomei café da manhã, almoço, chá e jantar com minha sogra, enquanto ela me contava sobre como tinha sido seu passado como dona da casa e como o filho dela é maravilhoso. Continuo evitando suas perguntas incômodas sobre a minha menstruação, que veio e foi embora, apesar de todas as *boas garotas* que foram enfiadas dentro de mim.

Servi o chá para as velhas amigas da viúva – algumas velhas viúvas com ela, outras só velhas – e escutei a interminável ladainha sobre maridos doentes ou falecidos e joguei cartas. E com o passar dos dias, nenhuma notícia veio de que meu marido estava voltando.

Algumas horas atrás, um buquê de rosas vermelhas chegou. Junto a ele, uma carta do *secretário* (!) do meu marido, explicando que o barão precisava ir a Paris e voltaria em três dias.

Paris!

Ele foi para Paris e me deixou aqui sozinha.

Sozinha!

Nesta mansão abandonada, onde nada acontece, exceto por velhas matronas que vêm, me dão tapinhas na mão e elogiam-me sobre o delicioso chá que eu sirvo a elas, e falam sobre seus passados.

Esta não era a vida que o barão me prometeu quando ele estava me cortejando. Onde estão os almoços e passeios no parque? Onde estão os jantares e festas que eu estaria dando para receber os amigos dele e suas esposas? Onde estão todos os bons amigos que eu faria?

Mas isso não era tudo. *Non!* Em sua carta, o secretário do barão me informou que meu marido voltaria a cumprir suas obrigações conjugais durante meu período fértil.

Eu não pude acreditar nisso! Seus deveres conjugais durante meu período fértil! *Mon Dieu!*

Para o horror de minha sogra e de nosso mordomo, joguei as rosas no chão, rasguei a carta em pedaços pequenos e fui para os meus aposentos com lágrimas de raiva molhando meu rosto.

Chorei por um longo tempo. Ah! Em que armadilha caí: casada com um velho que enfia a vara em mim só para me engravidar de seus herdeiros, enquanto ele viaja pelo mundo e me deixa aqui para cuidar de sua mãe pré-histórica.

Eu não gosto de ser cínica. Juro. A vida é um equilíbrio complicado, eu sei. Mas quando estou otimista, a decepção é, obviamente, pior do que quando não espero muito. Esta é a pior cartada que recebi até agora e me sinto tão tola e ingênua por ter estado feliz e esperançosa de estar agradando ao barão.

Oh, *Mon Cher Journal*, o que devo fazer agora?

CAPÍTULO 6

MINHA AMIGA COLLETTE

*M*on Cher Journal,

Esta manhã recebi uma carta da minha amiga Collette e estou muito feliz. Mas deixe-me contar um pouco sobre o meu passado primeiro.

Passei minha infância com meus pais no lindo castelo dos meus avós no Loire. Tudo que eu lembrava daquela época eram dias felizes brincando com delicadas bonecas de porcelana, aulas de equitação e alguns amigos que eram filhos de empregados. Quando eu tinha dez anos, meus avós morreram em um acidente de carro e um véu negro de tristeza caiu sobre a minha família. Depois de um ano lutando, meus pais tiveram que vender o castelo para pagar os muitos homens enfurecidos – cobradores de dívidas, sei agora – que batiam em nossas portas noite e dia, exigindo pagamento.

Alguns dias depois do meu décimo primeiro aniversário, minha mãe fez uma pequena maleta e me levou em uma viagem de um dia. Ela me explicou que eu iria estudar em um lugar bonito com outras garotas da minha idade. E assim, ela me deixou em um convento.

Les soeurs – as freiras – eram boas, mas a vida no convento era muito diferente do que eu tinha conhecido até então. Não havia aquecimento na casa e à noite eu estava sempre com frio. A comida era muito simples e não tão abundante como eu estava acostumada. Eu tinha que estudar muitas horas e

orar mais algumas outras, além de limpar meu quarto, lavar minhas roupas e ajudar as freiras trabalhando no pomar.

Depois de um tempo – meses, devo dizer – resignei-me a meu destino, parei de chorar e decidi que seria feliz ali, apesar de tudo. Foi a melhor decisão que eu poderia ter tido porque fiz grandes amizades e conheci minha melhor amiga, Collette Dupont, que é quase um ano mais nova que eu.

Collette é muito bonita: longos cabelos loiros, olhos azuis brilhantes e uma boca de cupido. Ela é filha de um rico empresário que tem uma conhecida vinícola em Bordeaux.

Às vezes – uma vez a cada três meses, mais ou menos – seu pai, junto com sua jovem esposa, que não era a mãe de Collette, vinha e a levava para um fim de semana.

Todas nós, meninas, esperávamos a chegada de Monsieur e Madame Dupont com muito mais entusiasmo do que a própria Collette, pois ela não gostava da madrastra. Seu pai trazia garrafas de vinho – para as freiras, é claro – e doces, bolos, pães, tortas, queijos, carnes e todos os alimentos deliciosos de nossos sonhos, além de um vestido novo para cada uma de nós. Nada tão luxuoso ou belo quanto os que o barão comprou para o meu enxoval. Eles eram em cores lisas, sem frescuras, mas eram novos e, no inverno, sempre tínhamos meias de lã também. Monsieur Dupont doava dinheiro para o convento e a vida melhorava um pouco durante o mês seguinte.

Para comemorar o décimo quinto aniversário de Collette, Madame e Monsieur Dupont levaram todos nós – e as freiras – para almoçar em um belo restaurante e depois para um parque.

Um dia, quando Collette voltou depois do fim de semana, ela tinha um brilho diferente em seus olhos azuis. Depois que as luzes se apagaram e tínhamos certeza de que as freiras estavam dormindo profundamente, nos reunimos na cama de Collette e ouvimos boquiabertas quando ela nos disse que tinha sido beijada.

Nos mínimos detalhes, ela nos contou tudo sobre Jean, o irmão de sua madrastra, que estava apaixonado por ela.

Cheia de si mesma, ela revelou em um sussurro: — Os homens têm algo entre as pernas totalmente diferente do que nós, garotas, temos.

Os silenciosos *Oohs!* e *Aahs!* que saíram de nossas bocas a fizeram sorrir secretamente.

— Algo parecido com um minhocão, que cresce e fica duro como um pau

quando tocado. E tem o propósito expresso de ser inserido em nossos buracos. Jean me disse que, quando inserido, ambas as partes desfrutaram de prazeres inefáveis.

Com este comentário, as mãos de algumas garotas entraram por baixo de suas camisolas à procura do dito buraco. Enquanto outros faziam caretas, lembrando-se do pecado de Eva.

Tivemos muitas perguntas para as quais ela não tinha respostas porque Jean ainda não lhe mostrara direito seu *instrumento de prazer*.

Três meses nunca passaram tão devagar enquanto todas esperávamos ansiosamente que Monsieur Dupont viesse buscar Collette para o fim de semana fora. No domingo seguinte, à noite, estávamos todas reunidas novamente em torno de Collette e, desta vez, suas palavras estavam cheias de romance, já que a história era sobre um dia inteiro com Jean, que foi descrito como o mais bonito, galante e viril cavalheiro do mundo. Mas, tanto quanto estávamos interessadas em sua história de amor, estávamos morrendo de vontade de ouvir os detalhes picantes.

— Ele remou até uma pequena ilha e me perguntou se eu queria descansar um pouco na areia, com o qual concordei. Nós nos sentamos na areia e ele se inclinou sobre mim, me beijando, e então, e então...

Mesmo no escuro, podíamos ver a expressão exultante no rosto dela.

— Ele colocou a mão sob a minha blusa e segurou no meu peito, e me perguntou se eu daria a ele a honra de beijá-lo. — Todas nós sussurramos oohs e aahs e ela riu. — Eu nunca percebi que minha blusa tinha tantos botões!

Collette nos contou como ele beijou os dois seios e sugou os dois mamilos enquanto proferia juramentos de amor e elogiava sua beleza. Ela também nos contou – agora com um pouco de estranheza em sua voz – como ela havia esfregado seu *instrumento de prazer* e que havia vazado um líquido branco pegajoso em sua mão, e apesar de nossas perguntas, ela não deu mais detalhes.

Mais três meses se passaram e o conto se tornou ainda mais romântico, porque Collette disse que Jean havia feito o pedido. E agora ela nos contou sobre um ponto – meu botão especial que o barão esfrega e me dá tanto prazer – e como ela adorou quando ele a tocou lá.

— Eu posso mostrar para vocês como fazer — ela propôs.

Aos nossos acenos de cabeça, ela gesticulou para nos movermos para que ela pudesse levantar a camisola. Ela tirou a calcinha – Collette nunca usou calçolas – e abriu as pernas.

Nossos olhos estavam fixos em seu dedo quando ela começou a demonstrar: ela se abriu e começou a esfregar e levantar os quadris. Então ela colocou a própria mão sobre a boca para abafar um pequeno gemido e caiu na cama, ofegando. Ela sorriu para nós e disse: — Vocês deveriam tentar.

Eu fiz mais tarde, mas não consegui alcançar o que o barão faz tão bem. Três meses depois, Collette não voltou depois do fim de semana.

Na segunda-feira, depois da oração da noite, fomos todas chamadas para uma reunião com as freiras e a abadessa. Depois de uma breve e severa explicação dos pecados da carne, *Mère Claire* nos disse que todas deveríamos orar por Collette.

Elucubrações abafadas sobre o que realmente aconteceu com Collette abundaram no convento silencioso até que recebi uma carta da minha amiga quase cinco meses depois.

Monsieur Dupont os encontrou em flagrante delito! Parece que Jean não queria realmente se casar com Collette, só... *Usá-la*. Mas Monsieur Dupont usara suas habilidades de persuasão, oferecendo ao jovem uma posição na vinícola da família e um generoso dote, e assim Jean concordou com o casamento. Eles se casaram em segredo, mas Collette disse que estava amando sua vida de casada e que tínhamos que nos reunir para que ela pudesse me contar tudo sobre isso.

Eu não vejo a hora dela chegar.

AUTORA BESTSELLER DE ROMANCES DO USA TODAY

CRISTIANE
SERRUYA

DO
Diário
DA BARONESA



AS AVENTURAS - E DESVENTURAS - DE LADY CHLOÉ

EPÍGRAFE

AVISO

Se alguém tentar encontrar um tema nesta narrativa, será processado;
se tentar encontrar uma moral, será banido;
se tentar encontrar um enredo, será fuzilado.

POR ORDEM DO AUTOR

por

G.G., CHEFE DA INTENDÊNCIA

~ Mark Twain, em *As Aventuras de Huckleberry Finn*
(Tradução livre)

SINOPSE E LINKS

Lady Chloé descobriu que, no Solar Beardley, flertes inocentes podem se transformar em escapadas sexuais eróticas. Mas ela ainda precisa descobrir por que seu marido precisa de um herdeiro tão desesperadamente. E, é claro, ela quer mais do que um encontro com seu amante, o jardineiro. Ela quer amor!

Mas Chloé não tem ideia que sua busca lhe trará grandes aventuras – e desventuras.

Sequência d'As Escapadas Eróticas da Esposa do Barão Beardley, o segundo volume da coleção secreta de diários de uma jovem mulher, As Aventuras – e Desventuras – de Lady Chloé, traz uma mulher mais madura, já não tão inocente, em busca de respostas ao tópico mais questionado do mundo: os prazeres do sexo e os mistérios do amor!

Se você é fã das séries A Garota do Calendário e Misadventures, você vai adorar esse romance escandaloso, refrescante e, é claro, incrivelmente sexy, perfeito para uma leitura de mesa de cabeceira, escrito com todo carinho pela autora bestseller do jornal USA TODAY, Cristiane Serruya.



*P*ode ser comprado nas seguintes lojas online:
AppleBook: <https://apple.co/39dGf0I>

Kobo: <http://bit.ly/KBChloe2>

Nook: <http://bit.ly/BNChloé2>

GPlay: <http://bit.ly/GPChloé2>

OS COLARES DE PÉROLAS

*V*ou ter que agir logo se quero fazer um bebê com Salvatore. Tenho que tomar as decisões corretas ou arriscar perder mais um mês, antes que a lua cresça e diminua em mais um ciclo.

Mas ainda não será hoje.

Hoje, quando Joseph anunciou que almoçaríamos na cidade, eu fingi uma dor de cabeça e implorei para ser dispensada, pedindo desculpas aos nossos convidados. Eles não pareceram nada preocupados em sair sem mim, muito menos sobre como eu me sentia.

Momentos depois de partirem, eu já estava no jardim à espera de Salvatore, recatadamente sentada no banco quando ele chegou, sujo e suado do tempo passado sob o sol e o calor, entre flores e esterco. Pelo olhar em seu rosto, eu podia dizer que ele sabia que o barão havia chegado em casa. Mas ele sorriu quando eu disse a ele que o barão e seus convidados tinham saído e que poderíamos roubar esse dia para nós e que não teríamos que ficar uma semana inteira sem nos ver.

Já faz mais de um ano que estamos juntos e não houve uma única vez sequer em que um de nós sentisse algo que não uma vontade louca, uma fome desesperada pelo outro.

Salvatore não perdeu tempo me beijando ou me cumprimentando como um cavalheiro faria. Além disso, ele não fingiu que iria se lavar, nada disso.

Afinal, ele não é um cavalheiro recatado, e fico feliz por isso.

Ele simplesmente ordenou que eu me despiße, mas não tirasse os delicados e longos colares de pérolas, e ficou ali, braços enormes cruzados sobre o peito largo, descaradamente olhando eu me contorcer para me livrar das enghocas do meu vestido apertado, sem nem sequer se oferecer para me ajudar, como se para me punir pelas horas que eu não estaria disponível para ele.

Para cada peça que eu tirei, Salvatore dizia o que ele queria fazer com a parte nua do meu corpo. Sua voz era rouca e eu já estava tremendo de desejo quando minha calcinha caiu na grama.

Seus dedos ásperos beliscaram meus seios antes que ele agarrasse os colares, puxando-os gentilmente.

— Eles são um presente de Joseph? — Perguntou ele, referindo-se ao meu marido, o barão, pelo seu primeiro nome, como se fossem amigos de longa data. E eu acho que ele teria todo o direito de se sentir íntimo com seu patrão, já que eles compartilhavam meu corpo.

Perversamente, eu estou feliz que Salvatore fique com ciúmes do tempo que o barão passa em casa, com ciúmes de me dividir com meu marido.

Respondi a sua pergunta com a verdade: — As pérolas são da mãe dele.

Seus olhos escuros brilharam – ele estava satisfeito, eu poderia dizer – e ele me beijou, intenso e por um longo momento, sua língua empurrando na minha boca, seus dedos cavando os músculos da minha bunda, beliscando meus mamilos, e então procurando por minha boceta e mergulhando dentro como se possuísse ela – a mim. E de certa forma, ele possuía.

Lá, no gramado, perto dos estábulos, não tão longe da mansão, da minha casa, senti-me desejada. Não havia nada de me envergonhar; eu poderia ser livre com esse homem que só se importava com os prazeres que ele poderia drenar do meu corpo, e o que eu poderia oferecer ao dele.

— Você terá que ser muito, muito cuidadosa com eles — ele me disse, segurando os colares em suas mãos grandes, e me rebocando por eles até uma árvore caída que estava próxima.

Eu sabia que ele não iria nem arranhar uma pérola, mas – ah! – ele me colocou em perigo de fazê-lo. Se eu estava molhada antes, agora estava encharcada com meu próprio desejo. A pressão da mão dele no meu ombro me fez ajoelhar na grama.

Ele puxou meus braços para as minhas costas e os amarrou com um dos colares e ordenou que eu me inclinasse para frente.

— Por favor — eu implorei, não sabendo realmente o que eu estava pedindo.

— Quieta — ele ordenou, e cutucou uma bota na parte interna das minhas coxas, separando-as.

E — ah! — para minha surpresa e deleite, pérola por pérola, ele encheu minha boceta e com os dedos as empurrou para dentro, massageando-me.

Agora, eu já estava miando e choramingando, querendo que ele me fodesse. Então sua cabeça apareceu entre minhas coxas e ele agarrou meus quadris.

Ele olhou para mim e, antes de me puxar para o rosto, Salvatore sussurrou: — Eu amo essa boceta.

— Ah. — Eu gemi alto.

Ele ia me espancar depois por eu expressar meu prazer em voz alta, eu sabia disso — e ele o fez — mas eu não me importava, porque tudo que eu podia fazer era me concentrar em não quebrar o frágil nó em torno dos meus punhos e desfrutar de seus dedos martelando as pérolas, rolando-as dentro de mim, e a sua língua lambendo rapidamente o meu clitóris.

— Foda-me, por favor.

— Eu sou o dono dessa boceta. E vou fazer só o que eu quero com ela.

Oh, isso é tão Salvatore, tão ele, como ele é, o jeito que ele olha para mim, para o meu corpo, minha boceta — e o jeito que ele me deixa excitada, só com o poder de suas palavras. É isso — eu amo a palavra boceta desde então.

Eu não acho que ele se importava de me manter à beira do orgasmo, entre o prazer e a dor, por horas. Ele me lambeu e me chupou e eu o deixei arrancar meu prazer de mim com sua língua e dedos.

E depois, depois que eu gritei de um jeito alto e longo durante o meu clímax, depois que minha bunda estava queimando e vermelha de tanto apanhar, ele me fodeu como um garanhão fode uma égua. Ele estava com total controle esta tarde, me adorando, tirando de mim as reações que queria, fazendo o que ele queria, e eu era quase mera figurante nisso tudo.

Lá fora, ao ar livre, sem vergonha, nada além de mim e daquele homem rude, minha boceta e seu pau grande, dentro e fora, duro e rápido, sem sutileza e sem fingimento, meu rosto na terra, seu corpo suado cobrindo o meu, ele me deu outro orgasmo devastador.

— Amanhã — disse ele, enquanto fechava os botões da sua calça.

— Mas eu não sei se vou ter uma chance amanhã.

— Tente — disse ele.

E assim, ele me deixou, enquanto meu corpo ainda tremia com choques do último clímax e seu esperma corria pelas minhas pernas.

Quando cheguei em casa, horas depois de sair para o jardim, o barão e seus convidados ainda não haviam retornado, e a baronesa-mãe, minha sogra, ainda não havia acordado de seu cochilo da tarde.

Eu me esgueirei furtivamente para o meu quarto, onde tomei banho de chuveiro, depois deitei na minha cama relembrando o tempo que passei com meu amante.

Quando o barão voltou, ele perguntou sobre minha dor de cabeça. Eu disse a ele que o descanso me havia feito bem e que me sentia muito melhor.

Ele me convidou para encontrá-lo e aos nossos convidados no pátio para o chá. Eu disse a ele que estaria lá assim que trocasse de roupa.

Minha aia me vestiu enquanto eu mentalmente me preparava para o que estava por vir: chá com o homem que estava transando com meu marido, e as senhoras amigas da baronesa-mãe, além de Nadine e minha sogra. E mais tarde, o barão Tateando meus seios e se esfregando entre as minhas coxas.

Mas eu estava me sentindo magnânima depois da tarde estelar com o jardineiro do meu marido e suportaria tudo com um sorriso. Talvez, em troca de o barão ter empregado tal jardineiro, eu até o elogiasse por seus esforços sexuais.

Como a grande dama da mansão, agradei a minha empregada e atravessei a mansão até a biblioteca, fechando a porta suavemente atrás de mim.

Suspirei para mim mesma enquanto movia o Renoir para abrir o cofre.

Tenho que confessar que quase não coloquei as pérolas de volta no lugar delas, mas, com o coração pesado, finalmente cedi, e as pérolas da mãe do barão agora descansam em sua caixa de veludo preto.

Sem terem sido limpas.

AUTORA BESTSELLER DE ROMANCES DO USA TODAY

CRISTIANE
SERRUYA

DO
Diário
DA BARONESA
OS FINAIS FELIZES



DO  *Jiário*
DA BARONESA
OS FINAIS FELIZES

AUTORA BESTSELLER DE ROMANCES DO USA TODAY

**CRISTIANE
SERRUYA**

EPÍGRAFE

*Você não ama porque; você ama apesar de;
não pelas virtudes, mas apesar das falhas.*

~ William Faulkner
(tradução livre)

SINOPSE E LINKS

*F*ui para a Itália buscar meu amor, nunca imaginei que encontraria três...

Viajei para encontrar Salvatore Di Luca, meu amor há muito tempo perdido, e para fugir do meu marido abusivo. Mas, no momento em que ponho os pés na Sicília, minha vida dá uma reviravolta inesperada: conheço Enzo, um homem dominante e de coração partido, e Angelo, que acha que está danificado por toda a vida. E finalmente reencontro Salvatore.

Mas ainda sou casada e meu passado desaba sobre nós, ameaçando mais do que a nossa felicidade...

A conclusão épica para os diários de Lady Chloé, que vai te deixar sem fôlego e implorando por mais...



*O*S FinaiS FelizeS pode ser adquirido nas seguintes lojas on-line:

- AppleBooks – <https://apple.co/2rSEBRd>
- Kobo – <http://bit.ly/Chloe3-KoboBr>
- Nook – <http://bit.ly/Chloe3-Nook>
- GPlay – <http://bit.ly/Chloe3-GPlay>



OS FinaiS FelizeS pode ser lido como romance independente, mas a leitura em ordem garante mais prazer. 😊



Trailer em inglês: <https://youtu.be/AOvP1Zc-xW0>

PRÓLOGO

Como você já deve saber, os diários anteriores caíram nas mãos de X, ou melhor, de Laetitia MacCraig, a minha amiga-literária do romance *Amor Inesperado*, funcionária do Solar Beardley. Ela e eu achamos que o “felizes para sempre” da Chloé seria para sempre desconhecido, já que não sabíamos de nenhum outro diário.

Mas, num golpe de sorte, esta autora teve o prazer de conhecer pessoalmente a mitológica Lady Chloé de la Fleur Beardley Di Luca – ou melhor, apenas Chloé. Eu tive acesso não apenas a seus outros diários secretos, mas também entrevistei sua família – que eu anexei lá no finalzinho deste livro para matar a curiosidade de vocês.

Chloé me confessou que ela certamente nunca sonhou que suas memórias seriam um dia colocadas diante dos olhos dos outros, mas ela está muito feliz que você esteja lendo sobre suas aventuras – e desventuras.

Então, desta vez, diferentemente dos outros dois volumes do diário, nós vamos conhecer uma Chloé ainda mais interessante, que... Ah, mas eu vou deixar ela contar sua história com suas próprias palavras. E também com as de Salvatore, Enzo e Angelo...

Bem-vindos de novo ao mundo de Lady Chloé!

CAPÍTULO 1

Chloé

Muita coisa aconteceu desde que eu escrevi pela última vez em meu diário. Eu não fiz isso por capricho, mas porque a vida ficou complicada – e bota complicada nisso.

Eu decidi que eu deveria ir atrás do meu verdadeiro amor, meu Salvatore. Devia ir para a Itália, já que meu marido de quase sete anos, o décimo primeiro Barão Beardley, Joseph Georges Charles Fitzroy e Tussen Beardley, com toda a sua pompa e circunstância, está fora há oito meses viajando a negócios e ainda não retornou para casa.

Não tenho certeza, mas estou achando que ele não voltará tão cedo.

Eu me pergunto se ele se apaixonou – e se foi pelo seu parceiro, Carl Wainsteam – e finalmente decidiu seguir seus impulsos sexuais naturais.

Agora que sei que ele tem um amante masculino, suspeito que é isso que o mantém longe daqui.

Não que eu possa culpá-lo.

Honestamente, eu invejo a sua liberdade. Ele pode sair sob o pretexto de negócios e viver sua vida como desejar. E só desejo bem a ele.

Eu, por outro lado, tenho muitos olhos observando todos os meus movimentos, esperando que eu seja a baronesa deles, uma dama, e nunca pise fora dessa caixinha bonita em que fui forçada a entrar.

Mas isso não vai me impedir de ir atrás de Salvatore. Vou encontrá-lo e viver a vida que eu desejo viver – *Non*. Que eu mereço viver.

Depois de um pequeno período em Londres com minha querida amiga Collette e seu marido, Jean, voltei para a mansão, para os corredores vazios e para as lembranças do que aconteceu nesta casa desde que me tornei sua dona.

Collette implorou-me para não voltar, aborrecida por eu só escutar metade do que ela diz, mas eu tinha um assunto para discutir com meu marido: nosso divórcio. Além disso, Londres tinha se tornado chata, as intermináveis festas e os homens de olhares lascivos não mais capturavam minha atenção como antes.

— Milady, ele chegou.

Eu saio do sofá e endireito a minha blusa, desfazendo um botão que deixa entrever meus seios quando me movo. É vergonhoso, mas não me importo. Ninguém nesta casa horrorosa me fez sentir especial ou até mesmo olhou para mim em meses. Nem mesmo meu jardim florescente traz a alegria que uma vez trouxe. Desejo deixar este lugar por um tempo, abrir minhas asas, como faz meu marido.

— Mande-o entrar.

O Sr. Longman, nosso mordomo, acena com a cabeça e uma fissura de excitação dispara em minhas veias. Foi sugestão de Collette contratar um investigador particular para encontrar meu querido Salvatore, alegando que o país era vasto demais para eu procurá-lo sozinha. Fiz exatamente o que ela sugeriu – discretamente, é claro.

A porta se abre e um homem alto atravessa a porta, seus olhos pousando em mim. Ele é mais jovem do que eu esperava, sua estrutura magra envolta em um terno cinza que combina com a cor dos olhos. Há uma centelha de interesse em suas profundezas enquanto ele caminha em minha direção, curvando-se. — Lady Beardley, um prazer.

— *Monsieur* Brown — eu respondo, apertando minhas mãos na minha frente com força para acalmar meus nervos. — O prazer é todo meu. Vamos nos sentar?

Ele se endireita e sinto o bater apressado do meu pulso contra o meu pescoço, um sinal que é vagamente familiar para mim.

Eu me movo para as poltronas na frente da lareira, onde o Sr. Longman já colocou o carrinho de chá.

— A senhora disse em seu telefonema que está procurando por alguém? — Ele pergunta, observando-me servir o chá para cada um de nós. — A senhora o perdeu?

Rio levemente, entregando-lhe a xícara e o pires. — Isso, *monsieur*, ainda está para ser decidido. Veja o senhor, ele não deixou nenhum endereço quando partiu e eu preciso desesperadamente falar com ele.

— Interessante — ele responde, olhando-me especulativamente. — Nem o barão sabe?

Limpo a minha garganta. — O barão está viajando a negócios, e é por isso que não posso pedir sua ajuda. Ele quer que eu cuide dessa questão sozinha e o senhor será devidamente compensado, *monsieur* Brown.

Seus olhos deslizam sobre mim, parando na abertura da minha camisa antes de um lento sorriso passar por seus lábios. Fecho o botão rapidamente.

— Não tenho dúvidas de que serei bem-sucedido, milady. Não tenho a menor dúvida.

— Quanto tempo isso vai demorar, *monsieur*? — Pergunto depois de um momento.

— Algumas semanas — ele responde, colocando sua xícara no carrinho entre nós. — Acredito que a senhora tenha alguma informação para me ajudar?

Balanço a cabeça afirmativamente. Depois de todo esse tempo separada de Salvatore, eu finalmente vou encontrá-lo. Embora ele nunca tenha escrito ou telefonado, eu sei que Salvatore me ama. Nosso... relacionamento era muito mais do que apenas estimular nossos apetites sexuais.

A garota que entrou neste casamento com estrelas nos olhos se foi. Agora sou uma mulher que exige mais deste mundo.

— O nome dele é Salvatore Di Luca — digo rapidamente antes de perder a coragem. — Ele era o nosso jardineiro mais estimado e meu marido gostaria que ele voltasse para a mansão.

— Seu marido? — Monsieur Brown arqueia uma sobrancelha. — E a senhora, milady? A senhora também deseja que ele volte?

Eu quero, mais do que posso colocar em palavras. Quando Salvatore partiu para a Itália, senti como se ele tivesse levado um pedaço do meu coração com ele. Eu não sabia o quanto eu poderia amar alguém, como o próprio ar que eu respiro. E o quanto eu estava chateada com a sua partida, eu não sabia. Ainda.

Não até que ele não estivesse mais ao meu alcance.

— *Bien sûr, monsieur* — finalmente respondo. — Claro que eu desejo que meu jardineiro retorne.

— Bem, então — o investigador diz com um breve aceno de cabeça. — Vamos trazer seu jardineiro de volta de onde ele nunca deveria ter saído.

Eu ouço enquanto ele fala de seus honorários e respiro, aliviada. Joseph tem dinheiro suficiente, mas eu não. Sou totalmente dependente dele e dos poucos centavos que eu arranco do orçamento mensal da casa. Tenho que guardar tudo o que puder.

— Então, já vou — diz ele depois de mais algumas perguntas sobre detalhes e informações que ele acha que podem ser úteis para sua busca, como por que Salvatore partiu (a morte de seu pai) e há quanto tempo (quase quatro anos).

Nós ficamos de pé e eu coloco minha mão na sua. — Esperarei ansiosa pela sua próxima visita, *monsieur* Brown.

— Espero trazer-lhe as notícias que a senhora deseja ouvir.

Eu dou-lhe um sorriso e ele sai do escritório, eu fico pensando sobre o que estou prestes a fazer. Eu já tenho dinheiro para comprar minha passagem para a Itália, mas não consegui encontrar Salvatore ainda.

Isso e uma doença repentina que me derrubou, me confinando na minha cama por quase um mês. Nervos, eu acredito.

Mas agora estou pronta para buscar minha felicidade.

Pressionando meus dedos na testa, penso na conversa de Collette comigo antes de partir de Londres.

O divórcio é uma palavra tão feia, com implicações feias, mas o barão e eu já estávamos a meio caminho para fazê-lo. Por que qualquer um de nós gostaria de ficar onde estamos infelizes?

Mas Joseph está viajando de um lugar para outro e não pode se incomodar em voltar para discutir comigo. Enviei-lhe uma carta por intermédio de seu secretário, explicando as razões pelas quais eu não queria continuar com nosso

casamento. Não que eu precisasse. Ele estava separado de mim pelas mesmas razões há muito tempo.

Ao que ele respondeu com outra carta.

Querida Chloé,

Espero que esta mensagem te encontre bem.

Ninguém na família Beardley pediu um divórcio e não serei eu – ou você – que quebrará a tradição.

Seria bom você lembrar que seus pais me devem muito dinheiro e, mesmo agora, a situação financeira deles não é muito boa.

Você também deveria se lembrar que não só você é completamente dependente de mim, mas você não tem qualificações para conseguir um emprego.

Além disso, os católicos não se divorciam. Nunca. Então, tire essas ideias da sua mente.

Seu marido,

Joseph

PS – Ainda estou muito ocupado com minha nova empresa e não vou estar em casa pelos próximos três meses.

*A*h, bem. Acredito em Deus e sou religiosa – bem, afinal passei sete anos da minha vida em um convento – mas não tanto para suportar uma vida inteira de abuso. E, vamos ser francos, se Deus alguma vez olha para os nossos problemas aqui, Ele deve estar horrorizado e enojado com seus filhos.

Já a situação financeira dos meus pais... Isso são outros quinhentos.

Esta é a verdadeira razão que me manteve trancada nesta prisão dourada. Agora, anos depois, vejo que o que eles fizeram foi um absurdo. Eles venderam a única filha para um homem rico e idoso em troca do pagamento de suas dívidas. Mas eu tinha apenas dezessete anos na época e tinha acabado de sair do convento. Eu não conhecia as verdadeiras razões pelas quais eles

foram tão rápidos em aprovar não apenas minha paixão por um homem muito mais velho, mas também me casar com ele.

Claro que eu poderia ameaçar a reputação de Joseph, sabendo que o negócio dele depende disso – droga, a vida dele depende de eu não falar nada sobre a sua homossexualidade –, e eu poderia fazer com que ele me desse o divórcio e mantivesse seu acordo com meus pais.

Mas eu não tenho coragem de fazer isso.

O barão, com todos os seus segredos e comportamentos estranhos, nunca me prejudicou de maneira alguma.

Bem, não fisicamente pelo menos. Ele já me aprisionou neste mausoléu por quase sete anos, mas ele não é um homem mau, e eu não tenho coragem de arruiná-lo para satisfazer meus próprios desejos. Além disso, isso é mais culpa dos meus pais do que dele.

Lembro-me de uma das coisas importantes que aprendi durante todos aqueles anos em que vivi no convento é que nunca se deve justificar as escolhas erradas de alguém sobre os maus julgamentos dos outros. Então, *non*, eu não serei culpada por Joseph.

Eu já cometi um grande erro estúpido – deixando meus pais me convencerem a aceitar a proposta de Joseph – e isso arruinou minha vida. E eu já deixei muitas pessoas tomarem as decisões importantes em minha vida, então se ele não vier para casa nos próximos três meses, bem, isso significa que eu posso viver um pouco, certo?

Suspiro profundamente, sem ver nenhuma luz no fim do túnel. A única maneira de sair desse casamento seria a mais fácil. E não, o suicídio não é uma opção. Rá!

Eu vou fugir para a Itália, para os braços do meu amor há muito perdido: Salvatore Di Luca.

Talvez quando meu marido chegar em casa, ele nem sequer se preocupe em procurar por mim. Talvez ele se sinta aliviado por ter sido eu a dar o primeiro passo.

Com outro profundo suspiro, saio do escritório em direção ao meu quarto, esperando que o investigador particular tenha sucesso em suas tentativas de encontrar meu amor.

Pois, se ele não tiver, eu provavelmente vou murchar e desaparecer nesta mansão como uma rosa sem sol, água e ar.

CAPÍTULO 2

Salvatore

— Isso não é sexo, Carla — digo, enquanto ela caminha para o banheiro para se lavar. — Isso é masturbação.

Ela olha por cima do ombro para mim e Enzo, meu irmão mais velho, e encolhe os ombros. — Geralmente é mais eficiente.

— Mas geralmente é mais divertido com outra pessoa, não é?

Ela sorri sedutoramente, arrastando lentamente os dedos pelo seu corpo, antes de atravessar o limiar e fechar a porta do banheiro.

— Ela é mestra em se fazer gozar — diz Enzo.

Enzo e eu somos filhos de dois irmãos diferentes, com os quais a nossa mãe foi casada. E se nossas suspeitas estão certas, Angelo, nosso irmão mais novo,

pode ter um pai diferente também. Mas essa é outra história e não é minha para contar, mas da minha mãe.

— *Si*, ela é, mas eu posso fazer ela gozar mais e melhor. — E saber disso me traz uma grande satisfação e, ao mesmo tempo, deixa um gosto amargo na minha boca, o que sinaliza para mim que é hora de terminar meu relacionamento com Carla.

Porque não tem nada demais em se masturbar – dar-se prazer físico e sexual, depois continuar com o seu dia ou adormecer durante a noite.

Mas quando você aplica essa mesma abordagem autocentrada ao sexo com parceiros, você perde e o seu parceiro também. Ou parceiros, no caso, eu e o Enzo.

O erro que tantas pessoas cometem quando fazem sexo – ou sexo compartilhado, no nosso caso – é que elas ficam tão empolgadas em fazer sexo, e também tão ansiosas em relação ao desempenho sexual, ficando excitadas e se mantendo assim o maior tempo possível, que elas esquecem o propósito daquilo: ter prazer em fazer sexo com parceiros.

A palavra-chave sendo *parceiro*.

Eu amo isto. Eu amo fazer as mulheres gozarem. É possivelmente o meu passatempo favorito.

Para piorar as coisas, Carla nunca está disponível para passar a noite. Para o Enzo está tudo bem, ele não quer um relacionamento estável, mas não para mim.

— Ela poderia ter feito a mesma coisa, ficado em casa e talvez falar com a gente no viva-voz. Só estou dizendo... Se não vamos ser íntimos e ter prazer um com o outro...

Enzo sorri com minha careta, rindo baixinho. — Você é muito mole.

Porra, o que há de errado em mostrar afeto ou querer se sentir perto de alguém? Se isso é algo para se envergonhar ou – Deus me livre – um pecado, eu confesso que sou um homem safado, condenado ao fogo do inferno.

Devo dizer que amo – com letras maiúsculas e brilhantes – sentir uma mulher se derreter de prazer comigo, saber que ela está vulnerável e confia em mim quando adormece depois de um bom sexo.

É incrível compartilhar isso com alguém, mas parece que as pessoas estão mudando e não para melhor.

E isso me lembra a minha Chloé.

Embora no meu cérebro racional eu saiba que ela não é a mulher mais

bonita que eu já vi, ela ainda me parece incomparável. Não é apenas sua beleza que me cativou cinco anos atrás, mas principalmente sua inocência e seu entusiasmo.

Ela me encantou.

Me enfeitiçou.

Arruinou-me para todas as outras mulheres.

Mesmo agora, mesmo depois de todo o tempo em que estivemos separados, ainda estou procurando por uma mulher que seja a metade do que Chloé é.

E havia algo nela que só poucas pessoas têm. Uma tenacidade para encontrar prazer da vida diária, a determinação de ter o que ela queria e o desejo de ver o melhor em tudo.

Sempre.

E escondida no fundo de toda a energia sexual que eu libertei, havia uma tristeza tão grande que me doía às vezes.

Mas era apenas um sintoma de toda a podridão: o marido dela. Todos os funcionários do Solar Beardley sabiam que o marido não gostava dela e tinha outros amantes. Amantes do sexo masculino.

Para mim, Chloé era como uma naufraga precisando de resgate. Impossível não ajudar.

Passamos meses deliciosos juntos e eu sabia que, no dia em que eu disse adeus, ela estava pronta para mais. Talvez ela tivesse fugido comigo. Mas, por mais que eu quisesse, eu não tinha nada a oferecer.

Eu mudei fundamentalmente depois dela. Não só o sexo com ela era incrível – embora isso tivesse me confundido por si só – mas os momentos que passamos juntos valeram a pena ir para o inferno.

Ela roubou meu coração e eu alegremente peguei o dela em troca.

Ela prometeu me seguir quando pudesse. Ou ligar ou escrever. Nós planejamos e traçamos e teríamos sucesso em ficar juntos.

Eu esperei por meses.

Eu disse a mim mesmo que Joseph, o marido bastardo dela, só tinha uma linha telefônica em todo o mausoléu em que ela estava trancada. Eu disse a mim mesmo que ela estava sendo vigiada pelos empregados e pela sogra e que não podia andar até o correio para me mandar uma carta.

Mas depois de um ano, minhas esperanças começaram a encolher e agora é meu coração que está atrofiando. Sem sua risada e sua provocação e seu olhar

inocente que poderia se transformar em sorrisos sensuais e piscadelas travessas, um dia ele vai parar de bater.

Ah, Chloé, minha vida é boa, mas é mais escura sem você.

— *Cazzo* — murmura Enzo, quebrando meu devaneio. — Você está pensando nela novamente, não é?

— Quê? — Finjo que não sei do que ele está falando porque Enzo não entende minha mágoa. Ou talvez ele entenda isso muito bem, mas como ele ainda não lidou com a sua, ele não quer ser lembrado disso.

— Ah, vamos lá, Salvatore. — Ele acende um charuto e, em seguida, se reclina de volta no sofá da sala de estar entre os nossos quartos. — Você está com essa expressão na cara. Como se você estivesse com muita dor.

Eu coço meu queixo, me perguntando se eu deveria me incomodar em negar, mas não posso. Além disso, não tenho que ter vergonha de estar com o coração partido. Na verdade, muito pelo contrário, tenho muito orgulho de ter amado e sido amado por uma mulher única. — *Si*. Minha baronesa.

— Então vá até ela. — Ele dá uma tragada profunda de seu charuto e deixa a fumaça escapar de sua boca. — Quando você voltou da Inglaterra, sua desculpa era a de que você não tinha nada para oferecer a ela. Agora, qual é?

— Ela é casada.

Enzo encolhe os ombros grandes como se isso não fosse uma enorme parede entre nós. E talvez não seja, no nosso caso. Ela nunca foi tratada como uma esposa deveria ser. Seu marido não tem nenhuma consideração por ela, nem mesmo como ser humano.

— Pelo que você me contou, ela não o ama. Nem ele a ela. — Ele dá uma tragada no charuto e observa por um momento enquanto a fumaça que deixa sua boca espirala em direção ao teto. — Ele não a deixa sozinha por longos períodos? Para estar com o amante dele? Que tipo de casamento é esse? Que tipo de amor hipócrita é esse?

Concordo. Mas ainda assim... — Ela nunca escreveu, nunca ligou. Eu poderia chegar à sua porta e encontrar uma Chloé diferente daquela que eu conheci. Ela poderia ter outro amante.

— Você se ressentiria disso? Foi você quem a deixou — diz ele com um tom estranho em sua voz, como se ele estivesse com raiva de *mim* por tê-la deixado.

O que não faz sentido, já que ele sabe que eu tive que cuidar do enterro do meu pai e trazer nossa mãe de volta para cá. Então eu tive que cuidar de muitas coisas: o testamento e as vinícolas, e, *Madonna mia*, nosso irmão mais

novo, Angelo, que na época ainda era um adolescente e um adolescente completamente perdido e cheio de cicatrizes.

— Não, eu não teria nenhum problema se ela tivesse outro amante. Não é como se eu estivesse usando um cinto de castidade.

— Você pode ir para a Inglaterra no meu lugar — sugere Enzo. — Além disso, você é que é o talentoso para vendas.

Sim, eu poderia. Eu posso. Não é como se ele gostasse de fazer a parte do marketing e da venda de vinhos. A degustação e a mistura de todas as uvas e sua decantação – o que Angelo chama de *alquimia* – é o que Enzo adora fazer. E ele está certo. Agora eu tenho algo para oferecer a ela.

— Quem vai me levar para casa? — Carla pergunta, finalmente saindo do banheiro.

Quando me levanto para pegar minhas chaves, faço uma anotação mental para cancelar a passagem de Enzo amanhã.

E comprar uma para mim.

CAPÍTULO 3

Chloé

— Deus todo-poderoso, Chloé! Tem formiga na sua cadeira?
Espetando cuidadosamente uma fatia de laranja com meu garfo, eu pego um pedaço e o empurro na minha boca, sugando os sucos de fruta. — Claro que não. Estou feliz que as chuvas finalmente tenham decidido parar, só isso.

Mas isso é mentira. Estou inquieta porque o investigador particular, o Sr. Brown, deve voltar hoje com notícias e espero que seja exatamente o que preciso ouvir.

A viúva olha para mim, seus lábios franzidos de uma maneira que não lhe valoriza. Ela também perdeu um pouco, como dizer, do seu brilho desde que o barão se foi. Todos sabiam que a viúva não ficara muito satisfeita com o

casamento do barão comigo e eu nunca fui a sua favorita entre as mulheres com quem ele poderia ter se casado.

Mas não era como se fôssemos inimigas, *non*.

Nós fazemos companhia uma a outra e ela se recusa a morar em outro lugar que não aqui na mansão, comigo.

— Chloé, é hora de fazer uma reforma na mansão — ela continua, dando uma mordida delicada na torrada. Durante todos esses anos a viúva nunca comeu outra coisa que a sua torrada seca e chá fraco para a sua refeição da manhã.

Eu, por outro lado, desfruto do café da manhã com prazer. Um bom café da manhã sempre define as atividades do dia e enquanto algumas das minhas... hmm... atividades mais vigorosas estão arrefecidas nos últimos meses, eu ainda espero pelos dias em que a vida vai mudar para melhor.

Começando por hoje.

— Que tipo de reforma? — pergunto, finalmente colocando meus talheres no meu prato, indicando ao lacaio alguns metros atrás de mim que já terminei. O Sr. Brown deve chegar dentro de uma hora e espero que a viúva se deite depois do café da manhã e não se demore conversando.

Parece que o destino não vai me ajudar esta manhã.

— Enfeitando o solar. — Ela dobra seu guardanapo de linho exatamente nas marcas dos vincos e o coloca ao lado de seu prato vazio. — Para o retorno do barão. Os jardins não foram tão bem mantidos como quando aquele jardineiro trabalhava aqui.

A lembrança de Salvatore faz meu peito doer. Não são apenas os jardins que sofreram após sua ausência.

— Acho que você está certa. — Eu empurro para trás a minha cadeira e me levanto. — Pode tomar todas as decisões.

Seus olhos se arregalam. — E-eu?

Aceno que sim. Não me importa se ela pintar toda a mansão de roxo. Eu tenho coisas mais importantes com o que me preocupar do que substituir o papel de parede.

Não esperando por sua resposta, saio da sala de café da manhã e vou para a sala da frente para aguardar a visita do Sr. Brown. Eu fiquei acordada a noite toda pensando sobre o que ele poderia trazer para mim e estou pronta para o que quer que venha. Já senti bastante dor e saudade na minha vida. Se

Salvatore não pode ser encontrado agora, então eu vou contratar outro detetive. Vou continuar procurando até encontrar.

Mas a espera pode me deixar louca. Não tenho mais nada para fazer. Nem hobbies, nem amigos. Nem mesmo trabalho de caridade.

A menos que eu considere a viúva um trabalho de caridade.

A única razão pela qual não enlouqueci é porque a Beardley Manor tem uma extensa biblioteca.

Meu marido? Ele prefere estar em qualquer outro lugar do que em casa com sua esposa. Bem, uma casa grande e vazia que não guarda nada além de memórias e fantasmas. Eu preciso encontrar algo para ocupar minha vida. Mas se eu não posso ir a lugar nenhum, o que posso fazer?

— Sr. Brown chegou.

— Obrigada, Sr. Longman — digo, respirando fundo para acalmar meus nervos. — Por favor, traga-o até aqui.

O Sr. Brown entra na sala um momento depois e não perde tempo apertando minha mão. — Eu trago boas notícias, milady.

O enorme sorriso em seu rosto e a impetuosidade em sua voz elevam ainda mais minhas esperanças.

Eu corro para fechar a porta, não desejando que nenhum passante o ouça. Às vezes, tenho certeza de que esta casa tem ouvidos, porque, se eu não sou super discreta, cada palavra que falo chega nos ouvidos da baronesa-mãe ou do barão no café da manhã do dia seguinte.

A sala de repente parece pequena quando volto para o investigador, apontando para o conjunto de sofás perto da janela. — Vamos nos sentar?

Ele se senta em uma poltrona e eu me acomodo na frente dele, cruzando as pernas para que ele não veja como estou nervosa.

— Seu jardineiro está vivo e bem, morando em uma pequena cidade litorânea na Sicília, onde administra uma vinícola com sua família — começa ele, tirando um envelope do bolso do casaco.

Salvatore está bem! Meu peito aperta e de repente parece que não há ar suficiente para eu respirar. Eu mal posso conter minha excitação quando pego o envelope. — Obrigada, *monsieur*. Você me trouxe muita alegria.

— O envelope contém instruções até a residência dele — explica ele. — Bem como algumas fotos tiradas recentemente. Achei que você gostaria de ver o quanto ele está bem.

Eu corro minha mão sobre o envelope, me controlando para não expulsar o Sr. Brown e rasgá-lo para ver o rosto do meu amante depois de tanto tempo.

Levo o Sr. Brown até a porta e sacudo sua mão com prazer, tentando transmitir toda a minha gratidão. — Muito obrigada, *monsieur*.

Seus olhos brilham de orgulho por um trabalho bem feito e ele sorri para mim. — Foi um prazer, *milady*.

Assim que ele sai, abro o envelope e a primeira coisa que tiro é uma foto do rosto de Salvatore.

Eu tenho que sentar e respirar fundo por um momento. Minhas pernas estão tremendo e me sinto fraca.

Esperei tanto tempo por isso.

Quando meus olhos voltam a se concentrar, examino as informações fornecidas para mim, acariciando as fotos de Salvatore com as pontas dos dedos.

Mesmo agora eu posso sentir seus lábios contra a minha pele, aqueles dedos longos e engenhosos dele fazendo coisas maravilhosas com meu corpo.

Fico feliz em ver que ele parece bem e próspero em seu país natal, mas isso não diminui minha necessidade de vê-lo, segurá-lo em meus braços e sentir seu corpo pressionado contra o meu.

Estou feliz em saber que ele não é casado e não tem uma mulher fixa em sua vida, embora meus dedos se transformem em garras quando eu vejo uma linda morena em seu braço. Eu quero arrancar os olhos dela.

Não que eu possa ter ciúmes de qualquer amante que ele tenha tido. Eu também tive os meus. E além disso, não tínhamos nenhum compromisso sério. Mas ainda assim... Vê-lo com outra mulher... Isso me incomoda.

Non, não sou uma mulher obcecada por um homem, sou uma mulher apaixonada. O tempo que estivemos separados não diminuiu nem um pouco o meu amor pelo meu jardineiro italiano.

Quero de volta essa conexão que tive com Salvatore.

Ele foi o primeiro homem com quem eu podia falar, o primeiro que me perguntou quais eram os meus sonhos, o que eu queria para mim – não que eu pudesse querer muito já que o barão me controla com suas cordas invisíveis. Nós compartilhamos opiniões sobre coisas bobas, como cores e comidas favoritas. Ele me ensinou a nadar e eu ensinei a ele... Hmm. Não sei. Certamente lhe ensinei alguma coisa.

Mas antes ir encontrar o amor da minha vida, há coisas mais importantes a pensar, coisas para planejar. Começando com a minha visita à Itália.

Ainda não tenho um plano sólido, mas sei que não tenho vontade de chegar lá, me ferrar e ter de voltar. Embora eu sinta muita falta da nossa conexão física e eu não tenha sido capaz de satisfazer meus desejos carnis ultimamente.

Até a Lucia, minha... Erm... Empregada me deixou há um ano. Ela se casou com um jovem treinador de cavalos escocês que trabalha em uma mansão nas proximidades, e eu meio que fiquei feliz. Eu tenho que confessar: já não estava tão satisfeita com o modo de fazer amor dela quanto antes.

Talvez porque eu queira mais do que um simples encontro. Eu precisava de mais do que apenas sexo. Não sou mais aquela jovem procurando por aventuras como já fui.

Mas... Como vou ficar na Itália e me sustentar? Eu nem sei se tenho algum talento escondido que eu possa explorar. Estou trancada dentro dessa casa há tanto tempo, esperando que Joseph tenha sucesso em seu grande desejo de me engravidar, que nem sei se *quero* buscar alguma coisa...

Mas tudo isso terá que esperar. Primeiro, preciso chegar lá.



— *N*on! Você não pode misturar essa cor com aquela. Elas vão colidir. — O tom cortante de Madame Viltran me tira da minha divagação.

Eu me junto à viúva na sala da frente com o designer de interiores, uma mulher pequena cuja roupa desleixada me faz pensar se ela realmente sabe o que a moda atual realmente é.

— Mas eu acredito que citron vai com o creme. Disseram-me que é o que a rainha está usando em sua própria sala de estar — diz a viúva, tentando justificar suas ideias cafonas.

— Que nada! Quem é que quer copiar a rainha? — Madame Viltran acena com a mão na frente da cara da minha sogra. — Estou cansada de todos quererem fazer seus quartos e salas iguais aos do palácio real. É um tédio percorrer aquele lugar.

Eu cubro minha risada com uma tosse, recebendo um olhar da viúva. — Por favor, desculpe-me, devo ter engolido o meu chá errado.

— Você. — A designer aponta o dedo na minha cara. — Esta é a sua casa. Que cor você deseja que a sala de estar seja?

Eu engulo os pensamentos estranhos correndo pela minha cabeça. Tenho certeza de que a viúva teria um ataque se eu deixasse escapar rosa-quentes ou azul-brilhante.

— Limão-chiffon — eu respondo, pensando nas rosas amarelas que são plantadas no meu jardim, aquelas que me lembram de Salvatore. — Com verde-folha, acho.

Madame Viltran olha para mim por um momento antes de um sorriso se espalhar por seu rosto. — Gosto desta menina. Ela tem bom gosto.

A viúva sorri para mim e eu pisco para ela. Ela não é tão ruim, só tem a cabeça nas nuvens.

A designer faz algumas recomendações sobre móveis e afins, mas eu não estou ouvindo.

Na verdade, eu não me importo nem um pouco com a cor da sala de estar, não vou mais ficar no Solar Beardley.

Se o barão não se importa de estar aqui, por que eu deveria?

Eu solto um suspiro, cruzando os braços sobre o peito, enquanto vejo a viúva e a madame discutirem sobre a cor das cadeiras.

Mas minha mente está tão distante.

Eu realmente não entendo porque Joseph não me deu o divórcio, uma vez que já desistimos de produzir um herdeiro para o baronato. Depois de seis anos de tentativas intensas e vários médicos, Joseph está certo de que eu sou estéril. Especialmente porque ele havia engravidado a primeira esposa, que morreu em trabalho de parto junto com o bebê.

Bem, eu não odeio o barão, nem sinto falta de suas visitas conjugais ao meu quarto. *Non, pas du tout!*

Ele visitava meu quarto durante o período fértil, sem conversas ou preliminares. Não é a coisa mais romântica? Mecanicamente bombeando para dentro de mim, então quando ele alcançava seu clímax, ele grunhia e dizia: — Boa menina. Boa menina.

Agora que sei que ele queria apenas um herdeiro e prefere homens, tudo faz sentido. Mas terei prazer em saber que nunca mais terei essa experiência.

Nós nunca deveríamos ter nos casado. Somos duas pessoas muito diferentes, como veleiros flutuando um para longe do outro em um mar turbulento.

Já que ele tem seu próprio objetivo, posso muito bem ter o meu, *n'est ce pas?*

E meu objetivo agora é ir para a Itália e encontrar Salvatore, aproveitar o amor que compartilho com meu jardineiro italiano e traçar o resto da minha vida com ele.

Mas não tenho planos porque as opções são variadas e muitas.

E se Salvatore me pedir para ficar com ele na Itália? E se nossa chama se acender novamente e eu não puder deixá-lo mais uma vez?

Estou flertando com fogo, sei disso, mas não há amor entre meu marido e eu. Duvido que ele vá lutar muito se eu me recusar a voltar para ele.

Serei uma pária, acusada de abandonar meus deveres como esposa.

As pessoas vão falar, é claro, mas tudo valerá a pena se meu Salvatore me amar.

Afinal, é tudo que sempre quis: ser amada.

Depois de anos de ter tempo para pensar sobre a minha vida, agora sei que meus pais me deixaram em um convento quando eu tinha dez anos de idade, não só porque eles eram pobres, *non*. Também foi porque era conveniente para eles. Como tinha sido conveniente me levar de volta em seus braços amorosos quando eu tinha dezessete anos e me vender para o maior lance em troca do barão pagar suas dívidas.

Eles não merecem meu respeito ou confiança – muito menos meu amor. Nem o barão, que me mantém aqui como um objeto para sua... procriação. *Non*, nem ele. E novamente a única palavra que vem à minha mente é conveniente.

Estou cansada de ser um *objeto conveniente*.

Há apenas uma coisa no meu caminho, que, no caso, é a viúva. Claro, ela nunca permitirá que eu vá para a Itália para encontrar meu amante. Provavelmente, a menos que eu tenha uma boa razão para ir a qualquer lugar, ela vai querer me acompanhar.

Madame Viltran a deixa alguns momentos depois e a viúva dá uma bufada. — Aquela mulher não faz jus à sua reputação!

— Talvez faça, quando você vir o produto final — digo, tentando mantê-la de bom humor. — Gostaria de conversar algo com você, se você tiver um momento.

— Sim, claro, minha querida. Vá em frente — ela responde, um pequeno franzido na testa. Tenho certeza de que ela está curiosa e um pouco surpresa, pois eu nunca pedi para falar com ela antes.

Tentando parecer nervosa, morde meu lábio antes de dizer: — Eu gostaria de ir à França para visitar uma querida amiga minha. Ela está doente e temo que ela não viva até o final do ano. — É uma mentira descarada, mas boa.

A viúva franze a testa, como eu sabia que ela faria. — Uma mulher viajando sozinha pode ser muito perigoso, Chloé.

— Estou ciente disso — digo graciosamente. Embora eu discorde. Até onde ela sabe, só vou para a França, não para a Índia ou para o Nepal. E estamos na Inglaterra, pelo amor de Deus. É tão próximo. Mas eu meio que entendo, considerando que vivemos nesta mansão abandonada, como se no século XIX, quando estamos a apenas vinte e cinco anos do século XXI. — Aprecio sua preocupação. Vou telefonar para Collette para ver se ela pode me acompanhar.

A baronesa-mãe medita sobre minhas palavras por um momento e depois me dá um aceno de cabeça curto. — Quem sou eu para te manter longe da sua amiga? Vou informar ao barão de sua ausência, é claro.

— Claro — murmuro, imaginando o que meu marido vai pensar quando receber a notícia de que sua esposa está prestes a vagabundear pela Europa. Ele vai se importar? — Obrigada. Vou ligar para Collette agora mesmo.

A viúva acena para que eu vá e corro para o meu quarto. Mesmo que Collette não possa viajar comigo, vou para a Itália. Fechando a porta do meu quarto, sento-me à minha pequena escrivaninha e pego o telefone, para discar o número de Collette em Londres.

Desde minha viagem a Londres, meses atrás, tenho meu próprio telefone privado, instalado no meu quarto fora do alcance dos servos que espionavam e da viúva. Minhas conversas não são nada empolgantes, mas me rio só de pensar que eles podem pensar que estou tendo conversas telefônicas ilícitas.

Ah, *oui*, e eu tenho uma TV no meu quarto agora também. Como o barão não está mais em casa, ele dificilmente poderia reclamar que eu perco meu tempo vendo programas de TV.

Mas minhas reflexões são interrompidas quando Collette atende no segundo toque. — *Bonjour. C'est Collette.*

— *Ma chérie amie!*

— Chloé — ela ri. — Jean e eu estávamos conversando ontem à noite sobre como sentimos sua falta aqui em Londres. Quando você vai voltar para visitar? Certamente o interior não pode ser tão divertido assim.

— O interior não é tão chato como você pensa. — Eu faço um biquinho. É uma mentira, pelo menos no meu caso. Caminhadas matinais, refeições com

minha sogra, hora do chá com as amigas dela e minhas leituras noturnas. É tudo o que tenho feito todos os dias. Bem, não foi sempre assim. Não realmente. Mas ultimamente? *Oui*.

— Só você, Chloé, encontraria excitação nesta antiga mansão — diz ela. — Por favor, me diga que você está vindo para Londres. Sinto sua falta.

Eu relaxo, meu corpo fica macio na cadeira enquanto suas palavras aquecem meu coração. Toda vez que converso com Collette, percebo o quanto tenho sorte em tê-la como amiga e, ao mesmo tempo, como sou solitária. Enquanto a viúva me mantém ocupada, suas conversas são muito diferentes das que eu teria com uma amiga.

— Na verdade, eu preciso de um favor.

— Que tipo de favor? — Collette pergunta, uma sugestão de excitação em sua voz.

— Eu gostaria de ir ver Salvatore e gostaria que você e Jean viessem comigo — deixo escapar, meu coração disparado no meu peito. Estou tão perto de estar nos braços dele mais uma vez.

— Você o encontrou.

É uma afirmação, não uma pergunta. — *Oui. Monsieur* Brown foi muito bom.

— *Superbe* — Collette responde, sua voz estalando pelo telefone. — E suponho que você ainda deseja reacender o seu... *affaire*?

— Sim — respondo, sentindo-me confiante.

— Bem, então — Collette respira animadamente. — Acho que vamos arrumar nossas malas para a Itália!



Eu aceito a mão do motorista para sair do carro em Dover, inclinando a cabeça para trás para ver a balsa que será o início da minha longa viagem para a Sicília. A aba larga do meu chapéu protege do sol os meus olhos e meu rosto.

— Chloé!

Virando, vejo Collette correndo na minha direção, a mão segurando seu próprio chapéu, com Jean bem atrás dela, com sorrisos em seus rostos. — Collette.

— *Fleur, ma chérie*. — Ela pisca para mim, chamando-me pelo nome falso

que concordamos que eu usaria para ficar incógnita, e me agarra pelos braços, excitação aparecendo em seus olhos brilhantes. — Não posso acreditar que finalmente está aqui! Depois de todo o nosso planejamento.

Divertida, dou-lhe um leve sorriso. — Todo o nosso planejamento? Tivemos apenas uma semana para fazer isso.

Ela estreita o olhar, franzindo os lábios. — Uma semana, mesmo? Querida, você está planejando isso desde que Salvatore deixou a mansão.

— Ela está certa — observa Jean, dando-me uma piscadela quando ele finalmente se junta ao nosso pequeno grupo. — E nós temos muita sorte de nos juntar a você, Chloé... quero dizer, Fleur. Será ótimo. Agora vamos?

Passando meu braço no de Collette, andamos juntos até a balsa que nos levará a Calais, na França.

A vida é sobre encontrar coragem para viver cada dia melhor e encarar os obstáculos de frente. Espero que seja o que estou fazendo.

Soltando uma respiração, eu aceito a mão de um atendente para entrar.

Não há como voltar atrás agora.

A balsa nem sequer começou a se mexer e eu já estou flutuando sobre o canal em direção à Sicília.

O que Salvatore vai pensar? Ele ficará surpreso em me ver, exultante mesmo? Vamos continuar de onde paramos com nosso caso de amor?

Ou ele vai me afastar, pensar em mim como uma fantasia caprichosa que há muito tempo se acabou? Estou colocando meu coração – meu futuro – no desconhecido?

Eu balanço a cabeça enquanto meu coração se aperta de dor. Collette e Jean me convidam para subir para o convés com eles, mas eu recuso. Eu prefiro ficar na cabine.

Eu solto meu chapéu, pendurando-o no gancho na minha frente. Este chapéu é uma das peças favoritas do meu guarda-roupa, me faz parecer elegante e meio misteriosa, já que cobre uma grande parte do meu rosto. Collette chegou a dizer que eu pareço sedutora no chapéu enorme.

Mas por dentro, estou me sentindo muito insegura pela primeira vez desde que decidi embarcar nessa jornada.

E se eu estiver cometendo um erro? E se não houver nada para mim na Sicília, mas apenas lembranças maravilhosas que ainda guardo no meu pobre coração solitário?

Meus músculos do peito se contraem quando o pânico me apodera. Eu tenho que fechar meus olhos e respirar fundo.

Eu ficarei arrasada se Salvatore virar as costas para mim.

Eu não tenho mais nada. Nada além de uma mansão perdida no meio do nada e um marido tirano e indiferente que prefere o outro sexo.

Eu não tenho nada e isso fica bem claro agora.



Dois dias depois, estou tão cansada e doente quando embarco na balsa em Villa San Giovanni, na Calábria, que eu nem sequer aceito o convite de Collette e Jean para tomar uma bebida no convés.

Eu tinha esquecido o quanto viajar de trem me deixa enjoada. Percebo que estou tremendo e isso é apenas parcialmente por estar enjoada e pelas dúvidas que permeiam minha mente dia e noite.

O outro motivo? Eu estou mais perto de Salvatore.

Enquanto Collette e Jean tomam uma bebida, eu vou em busca de um lugar para me recostar em paz.

Entro em uma pequena biblioteca. Tiro o chapéu e coloco na mesa enquanto perambulo pela saleta olhando os títulos empilhados nas prateleiras, mas não há nada em inglês ou francês.

A balsa balança quando deixa as águas calmas e eu troço, me encostando na parede com uma mão.

É então que eu ouço um gemido e vem de trás da porta que está meio fechada.

Quando vou olhar a outra sala, não estou preparada para o que encontro lá.

Minha respiração fica presa na garganta ao ver um jovem loiro encostado na parede, a testa enrugada, úmida de suor.

Ele respira fundo e geme suavemente de novo.

No começo, acho que ele não está se sentindo bem, mas depois sua cabeça abaixa em direção ao peito, uma mecha de cabelos loiros caindo graciosamente sobre a testa e eu olho para baixo também.

Mon Dieu! Ele está... se masturbando, as calças no meio das coxas.

Eu deveria sair.

Este é claramente um momento privado, em uma sala privada, e eu sou uma intrusa. Eu realmente deveria me virar, ir embora e absolutamente,

positivamente, não assistir mais nem um momento. Mas meus pés parecem colados ao chão enquanto meus olhos estão fixos em seu pênis exposto, espesso e longo, em sua mão fechada.

— *Dio, bella* — ele geme, com os olhos fechados. — Chupe, por favor.

Do outro lado da sala, meus lábios se abrem, como se o obedecessem. Meu clitóris pulsa em resposta a sua voz máscula dizendo aquelas palavras excitantes. Meus mamilos endurecem quando seu punho fode seu pênis.

— *Si, Dio*. — Sua outra mão segura suas bolas. — Isso mesmo, baby. Lamba-as. Chupe-as.

Meu olhar flui para seu rosto e eu estou hipnotizada pela beleza absoluta de suas feições retorcidas em uma careta de prazer.

Meu corpo inteiro ganha vida.

Esse homem é... perfeição. Ele também é musculoso e alto. Seus braços são fortes o suficiente para me fazer imaginar que ele poderia carregar qualquer coisa neles sem esforço... Inclusive eu.

De onde vem esse pensamento?

É uma sensação que eu nunca senti antes, como a chuva quente de verão me inundando.

— *Si*. Me leve para dentro da sua boca e enfie os dedos na sua boceta. Isso.

Ainda atordoada por sua magnificência e mais do que um pouco excitada, solto um som involuntário – um miado, quase um gemido para combinar com o dele.

As pálpebras pesadas se abrem e os olhos azul-bebê me olham, arregalando-se em uma expressão de choque.

Em vez de fugir, fico onde estou e aperto minhas coxas uma contra a outra, me dando qualquer alívio que eu possa.

E então ele solta um gemido rouco e seu punho se move mais rápido, e mais rápido, e mais rápido ainda, até que ele goza, jorrando na sua mão em concha, seus olhos colados aos meus.

Com um último puxão forte de seu punho e um grunhido baixo, ele deixa a cabeça cair na parede atrás dele, fechando os olhos finalmente.

Eu uso esse momento para me virar e correr de volta para onde eu deixei Collette.

Eu sou, talvez, a passageira mais aliviada a sair da balsa e colocar meus pés no sólido solo siciliano.

A travessia foi muito rápida, mas meu coração ainda está batendo como se eu tivesse uma cavalaria dentro dele. O vento no meu rosto é revigorante.

Multidões de pessoas estão subindo e descendo da balsa e dizendo olá e adeus a seus entes queridos e eu escaneio a multidão que parte, buscando evitar a todo custo o homem loiro. Estou aliviada por não o ver em lugar algum.

Atravesso a rampa, e depois de todas as noites que fantasiei sobre este momento, finalmente estou aqui. Estou na Sicília! Fico parada, espantada, e apenas olho em volta para a terra, os edifícios e as pessoas.

A moda é completamente diferente. A temperatura também. É quente aqui, mas a brisa é fresca. O clima abençoado e ameno do Mediterrâneo.

E a água. Que cor incrível... Turquesa-cristalina e verde-azulada, tão transparente que eu posso ver o fundo e os peixes.

Se eu não estivesse em uma missão, eu poderia ficar aqui, apenas olhando para isso o dia todo.

A Sicília sensual é uma mistura inebriante de decadência e esplendor. Com uma rica história e herança arquitetônica que remonta aos fenícios, por meio dos árabes e normandos, é um lugar como nenhum outro.

Não admira que Salvatore tenha escapado de volta para o seu belo país.

— Conseguimos! — Collette observa enquanto esperamos que a nossa bagagem seja entregue ao motorista aguardando por nós. — Que cidade linda. Eu não posso esperar para explorar.

Olho em volta, incapaz de ver qualquer erro em suas palavras. A pura beleza da ilha que Salvatore chama de lar me encanta, ainda que, depois de todos esses anos, se possa ver casas e áreas que foram gravemente danificadas durante a Segunda Guerra Mundial.

Há um forte cheiro do ar salgado do oceano enquanto subimos no carro que nos espera para nos levar à casa de campo do amigo de Colette e Jean.

Jean contatou um antigo colega de escola para ver se poderíamos ficar em sua casa enquanto estivéssemos na Sicília, em vez de em um hotel.

Enquanto o carro acelera, meus olhos observam os *palazzi* reluzentes e brilhantemente coloridos ao lado de ruínas desmoronando; ruas movimentadas e antigas e mercados que se abrem para praças aparentemente abandonadas. Um tesouro de arquitetura esperando para ser descoberto.

Ao longe, posso ver as colinas verdes, tudo exuberante e belo. Eu gostaria que tivéssemos mais tempo para passar nessa cidade.

Mas, infelizmente, não temos. Afinal de contas, já estou separada de Salvatore por mais tempo do que gostaria e, depois daquela desastrosa viagem de trem, quero terminar essa jornada.

Talvez eu possa visitar Catania com Salvatore. Levá-lo para me mostrar os lugares que ele gosta. Isso, sim.

Árvores perfeitamente alinhadas, de um lado e de outro, anunciam a entrada de carros que leva a uma incrível *villa* caiada de branco, aninhada contra o pano de fundo do mar azul.

— Que lindo — digo quando eu saio do carro.

— Talvez devêssemos nos mudar para a Itália — Collette suspira, passando seu braço no meu. — O ar cinzento de Londres é apenas uma lembrança distante.

Há algo sobre este lugar, algo sobre este país que me faz sentir tão relaxada, sem problemas.

— Venha — diz Jean, enquanto o motorista descarrega nossa bagagem. Collette e eu o seguimos até a porta que se abre quase imediatamente.

Um homem alto, de cabelos escuros, sai, com os braços bem abertos. — *Ciao e benvenuto in Italia!*

— Mario, meu amigo! — Jean ri ao abraçar o homem.

— Ele fala de Mario incessantemente — murmura Collette, olhando os homens se abraçando. — Posso ver porque agora.

— *Beau* — eu respondo com uma risada. Na verdade, nosso anfitrião é bonito à sua maneira. Não muito alto ou musculoso, mas seu sorriso brilhante é o destaque. Provavelmente faz muitas cabeças girar onde quer que ele vá.

— Esta é minha esposa — Jean finalmente diz, levando Mario até onde Collette e eu estamos esperando. — Collette, este é meu querido amigo e colega de classe, Mario.

— *Ciao, bella* — Mario murmura, pegando a mão de Collette e levando-a aos lábios. — O que esse homem fez certo para merecer uma flor tão linda como você?

Collette fica vermelha. — Aparentemente, muita coisa.

Mario deixa cair a mão dela, sorrindo. — Eu posso ver porque você a escolheu, *mio amico*. Ela é ferosa. As francesas te mantêm na ponta dos pés, não é?

— Pois é — Jean ri novamente e olha para mim. — E esta é nossa querida amiga, Fleur.

— *Ciao, bella* — Mario repete a mesma saudação, seus olhos nos meus enquanto ele beija minha mão. — Duas lindas rosas. Estou sem saber o que fazer comigo mesmo.

— Obrigada por sua hospitalidade, *monsieur* — respondo, inclinando minha cabeça.

— Francesa também! — Mario anuncia, arqueando a sobrancelha. — Uma mudança refrescante ser agraciado com duas lindas francesas em minha casa! Bem-vinda à minha casa, *bella*.

Ele pisca para mim, me fazendo corar. Todos os italianos são assim? Se forem, estou perdida. Ou... Talvez eu deva dizer que estou no *paradiso*.

— Venha — Mario bate as mãos. — Meus empregados trarão suas coisas. Preparei um lanche para vocês.

Seguimos o italiano para dentro e fico surpresa com a vastidão da casa, cada parede aparentemente aberta para uma visão do exterior. Uma brisa suave do mar flui pelo ar quando ele nos mostra a sala principal, os móveis macios e acolhedores. Tem uma mesa montada com várias frutas e queijos e meu estômago murmura feliz. Não querendo ficar enjoada de novo depois da viagem de trem, eu pulei o café da manhã.

Nesse ritmo, Salvatore não me reconhecerá se eu continuar a comer – ou não comer – assim.

— Sua casa é muito linda — observo.

Mario sorri para mim, com os olhos quentes. — *Si*, me orgulho muito dela. Espero que você goste da sua estadia.

Eu dou-lhe um sorriso, e vejo o calor em seus olhos enquanto eles vagam pelo meu corpo.

Homens. São todos iguais.

Claro, não tenho intenção de ficar sob o teto de Mario por muito tempo.

Embora seja um lugar encantador, espero estar em breve na casa de Salvatore. Apenas o pensamento me deixa tonta de excitação, sinto a esperança do que está vindo fluir pelas minhas veias.

Depois de ficar confinada no solar durante anos, desfruto do convívio e conforto dos amigos, das pessoas que conhecem meu sofrimento e das que não conhecem.

Não tenho motivos para esconder meus verdadeiros sentimentos, nem preciso sussurrar o nome de Salvatore como se os ouvidos da casa estivessem ouvindo.

Embora eu ainda seja a esposa do barão, é fácil para mim pensar em mim mesma de outra forma na companhia de amigos e neste cenário idílico.

Depois de uma refeição rápida, pergunto a Mario se posso fazer uma ligação. Eu tinha certeza de que poderia chegar à casa de Salvatore sem ser convidada e sem avisar, mas Collette me avisou que isso poderia levar a vários cenários obscuros e me convenceu a ligar antes.

Disquei o número e senti meu coração batendo mais rápido e mais forte depois de cada número. Eu me ressinto dos números maiores porque demoram tanto para discar.

Agora chama!

— *Pronto* — diz uma voz de mulher.

Fico paralisada por ela falar italiano – o que é uma grande estupidez – e por ser uma mulher. Mas parece uma mulher mais velha. Espero que meu Salvatore não esteja envolvido com uma mulher que o detetive particular não tenha percebido.

— *Pronto, pronto!* — A mulher quase grita no meu ouvido.

Em pânico, entrego o telefone para Jean.

— Chama o Salvatore — imploro.

— *Potrei parlare con Salvatore, prego?*

Eu não sei o que ele disse, mas eu amo o som do nome do meu amante em sua língua nativa.

— *Questo è Jean.* — Ele se vira para mim. — Você quer que eu diga que você que está telefonando?

Eu balancei minha cabeça rapidamente. E se ele recusar minha ligação? É melhor que ele responda ao telefonema sem saber que sou eu que estou chamando.

— *Grazie, signora. Dispiace disturbarla* — diz Jean, em seguida, desliga o telefone.

O que foi agora?

— Ele não está, mas vai voltar para a Itália em breve — diz Jean, dando-me as más notícias gentilmente.

Ele não está na Itália.

Um calor de preocupação se instala em meus ossos e me faz começar a suar, embora haja uma brisa deliciosa vindo das janelas abertas. É a mesma preocupação que me manteve acordada nas últimas três noites. E agora está crescendo e pode se tornar real.

Eu posso estar fazendo essa viagem por nada e voltar para casa de mãos vazias.

E de coração partido.

— Ela disse quando?

Jean fez uma careta. — Uma semana, pelo menos.

Eu respiro fundo e me centro. *Non*, eu não vou voltar de mãos vazias ou de coração partido. Isso não vai acontecer.

Esta é apenas uma má coincidência e uma semana são apenas sete dias. O que são sete dias quando comparado aos mais de mil dias que esperei? Nada.

Eu estou deixando essa pequena coisa se transformar em meu maior medo.

Eu não vou falhar.

Estávamos separados por circunstâncias insuperáveis – meu casamento, a morte do pai dele, suas responsabilidades – mas elas estão se diminuindo a cada passo que dou para me aproximar dele.

Ou assim eu espero.

Me acalmo respirando fundo e focando minha mente em quão bom será nosso reencontro.

Quero perguntar a Jean sobre onde Salvatore se foi e quando exatamente ele estará de volta, mas sei que estou sendo tola. O telefonema foi muito breve. Ele não conseguiu detalhes. Embora eu esteja tentada a pensar positivo, o medo do negativo me perturba.

Eu preciso de um momento – ou dois – sozinha.

Depois de me desculpar, cambaleio até o banheiro. Eu não estou bêbada, *non*. Seria indigno da minha parte, mas há um cansaço preguiçoso transformando meus ossos em mingau. Pode ter sido os dois copos de vinho que eu tomei durante o almoço, juntamente com o tempo prolongado que passei sem comer.

Sozinha, ganho o controle da minha mente indisciplinada. Eu sorrio para mim mesma enquanto refresco minha nuca e rosto. É bom estar livre de todas as regras estabelecidas pelo meu marido: caminhadas matinais, a proibição de beber bebidas alcólicas, e muitos outros tipos de bobagem.

Retomo meus pensamentos positivos sobre o futuro.

Tudo vai dar certo.

Saio do banheiro me sentindo como se estivesse flutuando.

Mas quando meu pé vira, já não parece tão bom.

— Oh.

Um par de mãos fortes me pega antes de eu tropeçar e cair. — *Signorina*, precisa de ajuda?

Eu seguro com força nos bíceps musculosos para me equilibrar e meus olhos sobem lentamente pelo seu torso atlético, ombros largos e...

Ah, *mon Dieu!*

Fico sem fôlego com o homem magnífico na minha frente. Ele é alto, muito alto, tenho que dobrar o pescoço para trás a fim de ver seu rosto. E bonito também, com feições aristocráticas e cabelos ondulados, pretos como a noite, com um pouco de cinza nas têmporas.

E então olho para seus profundos e intensos olhos azuis brilhantes, como poças de água do mar Mediterrâneo, brilhando em um rosto bronzeado e viril.

A falta de ar aperta meus pulmões por um momento angustiante e permite que eles se expandam enquanto eu respiro com um misto de dor e desespero.

Ele me lembra de alguém, mas não consigo identificar quem. Ou... O conheço de algum lugar?

Estranho.

É como se eu o tivesse conhecido antes, como se tivéssemos uma conexão espiritual, talvez? Não é só que ele seja um dos melhores espécimes de beleza masculina que eu já encontrei, *non*.

Há algo mais em seu olhar e eu posso sentir isso – uma solidão similar, um anseio por mais – seja o que for, está brilhando no ar entre nós.

— *Mi chiamo* Enzo. — Ele me dá um sorriso quando me diz que se chama Enzo e estende a mão.

Eu pego sua grande mão calejada na minha e um estranho frisson zumba em minhas veias. — *Piacere*, Fleur.

CAPÍTULO 4

ENZO

A princípio, ela não é nada mais do que uma confusão de camisa de linho vermelha e um enorme chapéu creme com rosas vermelhas tropeçando em minha direção.

Quando consigo firmá-la e ela olha nos meus olhos, todo o meu mundo sai do prumo.

Eu gostaria de poder impedir meu coração de bater muito rápido e minha pele ficar quente.

Depois de uma pausa, deixo minhas mãos caírem devagar e recuo. Não para longe, mas o suficiente para poder respirar de novo.

E como um caleidoscópio entrando em foco, fico impressionado com essa sensação de *déjà vu*, de reconhecimento. De familiaridade.

Eu já a conheci antes?

Não. Eu me lembraria daquele rosto inocente, da vulnerabilidade em seus olhos cor-de-canela, e aquela boca sexy rosada.

Eu tenho um sentimento estranho, de que posso... confiar nela, embora ela seja uma mulher e uma estranha.

Obviamente, é um *sentimento* no qual não posso confiar.

— Ah. Vejo que você encontrou minha convidada perdida — diz Mario atrás de nós, interrompendo nossa comunicação silenciosa. — Venham, venham, vocês dois. Ordenei que os *spumanti* especiais Di Luca fossem servidos no pátio.



Com uma vista da costa siciliana incrível, o pôr do sol com que somos presenteados é uma das coisas mais bonitas que eu já vi. Se Fleur não estivesse sentada na minha frente.

Nós apreciamos um almoço tardio agradável de pratos mediterrâneos: para entradas, *bruschettas* de tomate frescas e levemente apimentadas, como prato principal, uma deliciosa massa com lagosta e mariscos, harmonizadas com um dos meus melhores vinhos brancos.

Estamos sentados no pátio há mais de três horas e, apesar da leveza da conversa e da quantidade de vinho que bebi, a sensação estranha persiste.

Mario me apresentou a seus amigos, que são muito simpáticos e falantes e logo estamos todos brindando ao amor com os melhores *spumanti* que nossas vinícolas já produziram.

Em breve, todos os copos ficam vazios e Mario abre um vinho branco. — Vocês têm que provar isso. A vinícola Magma produz os melhores vinhos da Sicília.

Mario não é apenas um dos melhores clientes de nossa vinícola, já que ele é dono de hotéis e restaurantes aqui na Sicília e na Calábria, ele e Salvatore são amigos desde o berço. Quando Amalia me deixou e eu caí em uma depressão profunda, Salvatore me arrastou para cá por um fim de semana inteiro.

Eu ainda não tenho certeza se eu fiquei curado da depressão pela quantidade de vinho que Mario e Salvatore me fizeram beber ou pela quantidade das lindas bucinhas rosadas a que fui apresentado. Porque na

verdade não me lembro de um único rosto das mulheres que fodi naqueles dias.

Foi naquele fim de semana que Salvatore e eu descobrimos nossa paixão por compartilhar mulheres.

— Gosto desse... É mais rascante, não tão doce quanto os outros — comenta Fleur depois de provar o vinho. Ela levanta o copo contra a luz e depois toma outro gole. E para minha surpresa, ela o cheira, como se fosse uma conhecedora. — *E, Dieu, é tão... perfumado.*

— Este é um excelente vinho — observa Jean depois de provar o seu e pega a garrafa de vinho. Suas sobrancelhas sobem quando ele lê o rótulo. — É produzido aqui.

— Não fique tão surpreso, *mio amico* — Mario diz, piscando para mim e depois servindo Collette, que aceita o copo com um sorriso encantador. — Não são só os franceses que sabem como produzir um bom vinho, Jean.

— *Si*, nossa família tem revolucionado a produção de vinho aqui na Sicília. — Não estou me exibindo, apenas dizendo a verdade e tenho muito orgulho de tudo o que trabalhamos tão duro para alcançar. — Este branco é feito com a Albanello, uma uva quase extinta encontrada em torno das cidades de Vittoria e Zibibbo. Eu as misturo e deixo o vinho de molho em suas cascas por dez dias.

— Delicioso — diz Fleur e sorri, mas pelo pequeno vinco entre as sobrancelhas, posso ver que ela está preocupada com algo e não está prestando atenção à conversa. Logo estou conversando com Jean, cujo sogro é um conhecido dono de uma vinícola de Bordeaux, mas minha mente está tramando o que vou fazer com ela hoje à noite.

Si, porque não se engane, ela será minha.

— *Mio amico* Enzo aqui é um excelente chef, além de ser o melhor enólogo da Sicília, possivelmente em toda a Itália — diz ele, exagerando como sempre, mas pela primeira vez não me incomodo em corrigi-lo. — Agora, *signorine*, tudo que vocês têm que fazer é convencê-lo a ficar com a gente hoje à noite.

— Se a comida dele é tão boa quanto seu vinho, estou ansiosa por prová-la — diz Fleur.

— Ok, ok. — Levanto as palmas das mãos em rendição, sorrindo. — Estou convencido.

Não que eu precisasse de muito convencimento.

CAPÍTULO 5

Chloé

Quando desço para o café da manhã, eu finjo não ver Enzo dentro da cozinha, em meio a panelas e caçarolas, mas não posso evitar meu sorriso quando vejo que ele está usando um avental. Que sexy!

Depois do café, Collette, Jean e eu escapamos para um passeio matinal e, com o canto do olho, vejo Enzo entrando no seu carro – que, exatamente como o dono, é puro sexo, asas e cunhas e design aerodinâmico de cair o queixo.

Toda a atenção que ele dirige a mim parece com a água do mar puxando meus pés, uma ressaca. Há uma corrente nesta casa. Está girando sob a superfície, esperando para me puxar para baixo.

Não posso vê-la, mas eu posso senti-la.

Estou aqui para encontrar meu Salvatore, mas não é ruim desfrutar de algum tempo inocente com um belo espécime macho alfa.

Mario nos encontra assim que voltamos de nossa caminhada matinal e nos conta que Enzo estava na cozinha desde o início da manhã preparando um delicioso jantar para nós, mas ele teve que sair por algumas horas para o trabalho. Tudo bem se formos fazer um piquenique, em vez de almoçarmos?

Claro!

Quando voltamos do piquenique, Collette me puxa para dentro do meu quarto e tranca a porta atrás dela.

— Não comece — digo, antes que ela possa abrir a boca.

Seu olhar se aguça. — Eu quero que você seja feliz, *ma chérie*.

Eu também, mas é difícil falar sobre isso. — Estou tentando.

— E se não for com Salvatore, mas com... Enzo?

Meu peito se aperta, porque eu não estava esperando isso. Nego essa possibilidade com uma sacudida forte da minha cabeça e para ter certeza de que ela entende, acrescento: — Não é.

Ela suspira, sacudindo a cabeça também. Mas sua negativa é lenta, para um lado e depois para o outro, meio que resignada. Ela não acredita em mim – ou talvez ela ache que eu sou uma causa perdida.

Talvez eu seja mesmo uma causa perdida.

E Enzo... Ele não está facilitando. Ele não está escondendo sua apreciação e seu desejo; seu interesse.

Ele não se aproxima devagar, nas sombras, esperando não ser visto. Ele está à vista – como eu. Nós temos isso em comum. Nos une, quando prefiro esquecer que temos algo em comum.

Meu coração se aperta porque Collette está certa. Estou correndo e correndo, tentando encontrar o amor, desesperada para me manter escondida e segura, mas estou falhando.

É fácil ver que estou falhando, de pé em um quarto da casa de um amigo, me sentindo patética por causa de um cara que não é o Salvatore. Estou tentando o máximo possível encontrar algo durável, raízes – não sei.

Estou desistindo de tudo – até da minha dignidade – e não é suficiente. A vida está sempre jogando comigo. Seja na forma de um marido ou na forma de uma tentação.

Um nó se forma na minha garganta. Eu não conseguiria falar mesmo se eu soubesse o que dizer.

O rosto de Collette se desmancha. — *Merde*. Eu não...

— Não se preocupe com isso — eu digo, minha voz áspera e oscilante como meu humor. — Não acho que isso vai machucar alguém.

— Tão preocupada com as outras pessoas, *ma amie* — murmura Collette. — Quando realmente é você que pode acabar machucada.

Eu deveria ser mais cuidadosa e atenta com o meu coração.

Talvez assim eu pudesse ver o cupido se aproximando; ver quando ele atira sua flecha.

E mesmo assim, não haveria nada que eu pudesse fazer para impedi-lo.

CAPÍTULO 6

ENZO

No nosso quarto dia na casa de Mario, eu consegui ficar sozinho com ela durante a hora da *siesta*.

O sorriso que ela usa guarda um pouco de malícia como se ela soubesse que eu a conduzi até aqui. Eu não me importo porque estou mais ocupado em imaginar o quão rápido posso substituir sua expressão por uma de desejo.

Quanto mais eu aprendo sobre ela, mais eu gosto.

Há claramente algo que a está incomodando, mas ela está começando a gostar de mim.

Sei que um pouco do estilo tradicional do namoro é descobrir o que faz a mulher vibrar. Agora eu preciso conseguir um pouco mais de informações dela

para que eu possa marcar um encontro perfeito. — Você gosta de ir ao cinema? Concertos?

— Eu não vou a um concerto desde que eu saí do convento — diz ela em uma voz tão melancólica. A doce e sexy Fleur em um convento parece completamente errado. Eu decido levá-la para ver um assim que puder.

Mas por enquanto, ficarei contente com mais algumas horas sozinho com ela.

— Sai comigo? — Não estou realmente perguntando, porém mais como comandando. E eu quero acrescentar, *vamos dar início a essa coisa eletrizante que ambos queremos explorar*, mas deixo essa parte de fora.

Seu sorriso se vai. — Quê?

Me aproximo e finjo remover um fio de sua blusa de seda e deixo minha mão deslizar para o braço dela. Leve como uma pluma.

Seus olhos de canela se desgrudam dos meus e se voltam para o que estou fazendo. Quando ela volta a me olhar novamente, estou perto o suficiente para aproveitar o calor de sua pele.

Perto o suficiente para beijá-la.

Fleur respira fundo e lambe os lábios, enquanto olha para os meus. Lá está de novo, o desejo saltando dela e batendo direto na minha cabeça.

Ela ainda está olhando para os meus lábios. É preciso todo o meu controle para não me inclinar e responder ao que espero ser um pedido inconsciente por um beijo.

— Jantar, esta noite. — As palavras deslizam dos meus lábios em um fluxo suave e fácil. O tempo todo estou me imaginando empurrando meus dedos em sua boceta debaixo da mesa enquanto ela educadamente faz o nosso pedido ao garçom. — Só nós dois.

Ela pisca, mas sua resposta não demora muito.

— Combinado — ela sussurra.

Sua única palavra acerta o meu esterno e se direciona mais abaixo em um nó apertado de excitação. Não me lembro de ansiar por uma saída deste jeito.

Eu quero ver o cabelo dela esparramado no meu travesseiro.

Mas minha fantasia não para na cama também. Quero saber onde ela cresceu, quem são seus heróis. Eu anseio conhecimento sobre Fleur.

Quando eu volto para o pátio, um zumbido agradável de um começo... De quê? Um relacionamento? Não, é cedo demais.

De qualquer forma, uma agradável sensação, que há muito eu não sentia, se apodera de mim. Uma em que não tenho o menor interesse em analisar.

Só em aproveitar.

CAPÍTULO 7

Chloé

Depois de outra ligação para casa de Salvatore – que ainda está na Inglaterra, pel’amor-de-deus! De todos os lugares para ir, tinha de ser lá? – e após uma longa conversa com Collette, eu decidir que não poderia fazer mal ir jantar com Enzo. E se o pior acontecesse e Salvatore me rejeitasse, eu poderia ficar aqui e descobrir mais sobre minha atração por esse homem. Talvez seja um plano B delicioso, embora esteja começando a parecer mais uma senhora bagunça.

Para meu espanto, Enzo se comporta muito bem a noite inteira. Ele não coloca a mão na minha coxa, nem mesmo sobre a minha própria mão. Ele não faz nenhuma insinuação sexual ou tenta me seduzir, como eu achava que ele faria.

Nada.

Ele me levou para um restaurante local a uns trinta minutos da casa de Mario. O proprietário e sua esposa vieram recebê-lo na porta e quando Enzo me apresentou, explicando que sou francesa para justificar meus sorrisos de boca fechada e acenos. Os sorrisos deles para mim me diziam que eu estava prestes a me fartar em iguarias especiais.

O restaurante não é elegante nem refinado, mas é limpo e tem um jeito familiar.

Assim como eu, com minhas roupas novas, práticas e modernas, e rosto limpo.

E íntimo. Muito íntimo.

Mas não Enzo. Ah, *non*, não ele.

Não é que ele seja rude, distante ou esnobe. Muito pelo contrário.

Ele usa uma combinação de charme casual e classe como uma segunda pele.

Ele está vestido com uma camisa branca de botão – o segundo botão aberto me permite espiar seu peito esculpido e bronzeado – com as mangas arregaçadas mostram seus antebraços fortes, e calça preta com mocassins de couro sem meias, o que eu acho super sexy.

Ele é confiante, mas não arrogante. Está claro que ele é um homem acostumado a dominar todas as situações. Ele sabe o que ele quer e ele pega.

Tudo sobre ele grita sexy. Sexo. Macho. Até o jeito que ele anda, como se ele fosse dono do lugar. Ele carrega consigo uma autoconfiança que transmite poder e masculinidade.

Mas há outra coisa.

Algo sombrio e sério e solene.

Ele é conversador, mas não muito, e um bom ouvinte.

De todas as coisas que aconteceram na minha vida nos últimos anos, esta é a coisa que eu acho mais estranha: um homem que não está interessado apenas em si mesmo e em seus negócios, em seus hobbies ou em seus próprios interesses.

Ele me pergunta sobre o meu tempo no convento e sobre a minha vida na Inglaterra.

Quando fica claro que estou sendo reticente, ele modifica suas perguntas, o que me permite dar a ele as respostas mais verdadeiras que posso. Quase me

faz sentir culpada por não dizer a ele que meu verdadeiro primeiro nome é Chloé. Mas não é como se Fleur fosse completamente falso. Afinal, meu nome de solteira é Chloé de la Fleur.

Sua atenção é totalmente dedicada a mim, fazendo-me flutuar enquanto sua voz profunda e aveludada me deixa molhada e fraca.

— Açúcar? — ele me pergunta quando o café é servido.

Ele deixa cair um quadrado de açúcar no líquido preto e o mexe. Suas mãos me hipnotizam, tão grandes e fortes e ainda assim cuidadosas.

— Creme?

É minha imaginação ou a voz dele está um pouco rouca? Imaginação ou não, ela envia ondas de calor pela minha espinha.

Concordo com a cabeça e ele tira a tampa do pequeno pote prateado de creme de leite fresco, com as mãos quase grandes demais para a delicada colherzinha e tão bronzeadas em contraste com o creme branco.

Tenho pouca experiência com homens, sejam eles grandes e confiantes, como Enzo – ou Salvatore – ou mesmo magros e educados, como meu marido.

E, hoje em dia, não sou alguém que confie nos homens tão facilmente. Mas, de alguma forma, não acho que ele vai me machucar.

Talvez seja apenas um pensamento positivo.

Ou talvez... Seja uma ilusão! Será que estou sonhando?

Se eu me beliscar, vou abrir os olhos e me ver de novo no Solar Beardley, minguando de solidão?

Então, decido não me beliscar.

Se ele é uma miragem, não pode doer mais do que a verdade. Se ele não é... Eu tremo, não querendo pensar na minha realidade que se encontra em suspenso.

Eu envolvo minhas mãos em torno da porcelana delicada.

— Quer minha jaqueta? — Ele pergunta, quando percebe que estou tentando absorver o calor da xícara de café.

Ele tem feito esses pequenos gestos desde que nos conhecemos e hoje eles têm sido ainda mais flagrantes já que estamos jantando sozinhos.

É como se ele realmente se importasse se eu estou gostando da comida; se estou confortável ou não; se estou aproveitando.

Cada pequena coisa que ele faz, me faz gostar mais dele, querer mais ele. Mas isso é tão errado! — Não.

Mas meus dedos estão coçando para tocar esses fios de cabelo negro como carvão que estão caindo sobre a testa dele.

— Na verdade, sim. — Em um impulso, estendo a mão para a jaqueta. Ele a entrega para mim e eu sou banhada em seu cheiro viril quando a coloco em meus ombros. — Obrigada.

Divertimento cintila sobre sua face máscula. — Eu não tive que perguntar duas vezes.

— Não, você não teve. — Minha risada sai instável, quase ofegante. Receosa. — Eu sou... facilmente persuadida... Às vezes.

Embora eu não tenha dito essas palavras para chocá-lo, ele fica mais sério ao ouvi-las. Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim por um longo momento, antes de balançar a cabeça e me dar um pequeno sorriso. — De alguma forma, eu não consigo imaginar você obedecendo ordens a torto e a direito. Mais como uma mulher que ordena aos que estão por perto... Gentilmente, apesar de tudo.

Eu me movo na almofada macia da cadeira. Essa conversa está ficando séria demais para o meu gosto. Eu não quero pensar no passado. Mas meu passado está intrinsecamente ligado ao meu futuro. E isso me leva ao meu presente e o que estou fazendo aqui na Sicília. Vim procurar Salvatore, não encontrar outro amante.

Eu não deveria ter aceitado o convite dele. Além disso, há algo em seu comportamento que me assusta um pouco – e, ao mesmo tempo, me excita. Não é sua beleza, ou seu delicioso perfume masculino, ou sua clara necessidade de poder ou controle.

O problema é que a energia dele, as palavras dele, o... Tudo dele, faz as minhas entranhas se apertarem com desejo *proibido*, tanto, que dói.

Acho que ele me percebe recuando para dentro de mim, porque ele fala com tato: — Vamos?

Quando olho para o relógio, fico surpresa ao ver que já passa da meia-noite. Estamos conversando há mais de quatro horas.

Quando o motorista de Mario nos leva de volta para casa, percebo que ele falou muito pouco sobre si e me fez contar muito sobre mim. Apesar de tudo, gostaria de saber mais sobre ele.

Olho para o seu perfil enquanto o carro chega à casa de Mario e ele agradece ao motorista não só com palavras, mas com uma boa gorjeta que ele discretamente passa para o homem em um aperto de mão.

Ele é como uma pedra preciosa, atraente, mas dura, afiada e impenetrável.
Eu sou como o ar... volúvel, inconsistente e livre.

E eu já estou voando.

CAPÍTULO 8

ENZO

Osom das ondas quebrando suavemente na praia abaixo atrai Fleur para o pátio assim que entramos dentro da casa.

— Esta vista é absolutamente deslumbrante. — Ela acena com a cabeça para a lua cheia acariciando o Mar Mediterrâneo e solta um pequeno suspiro.

— Eu não poderia concordar mais, *Principessa* — respondo com meus olhos não na paisagem, mas nela.

Com as minhas palavras, seu rosto fica de um tom rosado e cativante.

— Ah, bem... Eu deveria ir dormir — ela sussurra, olhando para longe.

Eu me aproximo, me perguntando por que ela está tentando ignorar a química entre nós.

Coloco minha mão em seu cotovelo. Uma descarga elétrica corre em

minhas veias quando toco sua pele quente e macia, enviando todo o meu sangue para o meu pau e é um milagre que eu ainda tenha inteligência suficiente para pensar em algo para dizer.

— Posso acompanhá-lo até o seu quarto, se você quiser.

Ela hesita, mas apenas por um breve momento. — *Oui, s'il vous plaît.*

Eu ponho a mão dela no meu braço dobrado e a acompanho o resto do caminho.

Não falamos, mas parece que estamos em sincronia. Meus olhos estão voltados para ela enquanto nos aproximamos do quarto dela. Quando chegamos à porta, tenho certeza de que nossos pensamentos são os mesmos.

Com o calor fervendo em minhas veias, abro a porta e olho para ela, esperançoso, aguardando.

Ela olha para mim e eu posso ver estampado em seus olhos o mesmo calor correndo em minhas veias.

— Enzo, eu gosto muito de você...

— O sentimento é mútuo. — Eu meio que sorrio, confuso, porque não tenho certeza do que a está impedindo. — Vou mais longe e digo que sinto coisas por você que nunca senti por outras mulheres da minha vida.

A luz que brilha nos olhos dela cresce com a minha confissão. — Isso é bom, certo? Porque eu sinto o mesmo. Mas... eu não quero bagunçar... *isso...* ainda mais.

Minhas sobrancelhas se juntam. Não posso deixar de me perguntar se ela é outra Amalia.

Eu me apaixonei por Amalia quando era um pouco mais velho do que o meu irmão mais novo, Angelo, é agora. E ela colocou uma coleira em mim, me levou pela coleira por anos a fio.

Ela era linda e eu era uma idiota.

Depois de mais de dois anos namorando com ela na sala de estar, na frente de seus pais, com o pior caso de ereção dolorida e insatisfeita da Itália, decidi pedi-la em casamento.

Enquanto eu estava de joelhos, fazendo promessas de amor eterno, ela estava secretamente rindo de mim e certificando-se de que nosso vizinho, Gianni Guttuso, soubesse disso.

Eu ainda não entendo por que ela me deixou preparar o casamento, convidar todos os nossos – meus – amigos; por que ela me deixou acordar cedo e ir até a igreja se, desde o começo, ela estava planejando me fazer de palhaço.

Ela poderia ter me deixado uma nota pregada na porta da nossa casa depois que Gianni colocou o pau dele na boceta virgem dela, um diamante em seu dedo, e a levou para Gibraltar para se casar com ela lá.

Cazzo. Ela poderia ter me dito que não me amava.

Eu a deixei rasgar meu coração em pedaços e expor meus sentimentos ingênuos, e tão verdadeiros, à zombaria. O pobre e patético sonhador que foi traído no dia de seu casamento, era o que falavam os fofoqueiros da cidade.

Claro, Gianni era muito mais rico do que nós naquela época, mas ele era mais velho que o maldito pai dela, pelo amor de Deus.

Mas eu tiro Amalia e quaisquer memórias ligadas a ela da minha cabeça.

Quem se importa se Fleur é como Amalia? Não é como se eu estivesse propondo casamento. Isso é só sexo. Além disso, aprendi a não atrapalhar as coisas misturando sentimentos.

Apenas sexo, sim.

Isto é o que eu continuo dizendo a mim mesmo enquanto ela morde seus deliciosos lábios carnudos e olha para o outro lado.

— Existem coisas sobre mim que você não sabe. Coisas que podem mudar sua opinião.

Eu inclino o queixo dela para cima para que eu possa olhar em seus olhos. — Nada do que você possa dizer fará com que eu mude minha opinião sobre você.

Já chega!

Eu abaixo minha cabeça para tomar seus lábios.

Ela suspira na minha boca e seus olhos se fecham.

Minha língua desliza sobre seus lábios macios, pedindo permissão para entrar, e ela abre para mim, sua própria língua saindo para dançar com a minha em uma leve carícia.

Sua bolsa cai de sua mão e atinge o chão. Fleur envolve um de seus braços em volta do meu pescoço e com o outro ao redor da minha cintura e costas, abre seus dedos em leque e pressiona nossos corpos um contra o outro.

Eu rosno minha aprovação enquanto tomo sua boca em um beijo apaixonado. Meu pau está tão duro que está doendo. Eu não aguento muito dessa doce tortura.

Eu mudo meu ângulo, correndo uma mão pelas costas dela, pressionando-a ainda mais perto, deixando-a sentir minha excitação firme e alta contra sua barriga.

— Enzo — ela respira quando interrompo o beijo para pressionar a cabeça para trás e beijar a longa coluna de seu pescoço.

Sua mão macia puxa lentamente os cantos da minha camisa até que seus dedos acariciam delicadamente a pele nua das minhas costas.

Eu alcanço e aperto seu seio pesado através da seda, fazendo um grito suave escapar de sua boca.

— Eu quero você — rosno, sem fôlego de desejo. — Quero provar, chupar e foder você, *Princesa*.

Olhos carregados de paixão se abrem e olham nos meus. Há algo mais dentro desses olhos, mas estou muito excitado para parar e investigar.

Além disso, o sorriso que se espalha sobre seus lábios é toda a permissão que eu preciso.

CAPÍTULO 9

Chloé

Eu me vejo perdida nas profundidades azuis intensas e líquidas dos olhos de Enzo. Aquela voz rouca e sexy dele gira à minha volta, queimando minha pele, enviando uma onda de calor e deixando arrepios em seu rastro.

O desejo explícito que flui dele excita meu sistema. Ele abaixa seus lábios nos meus e toma posse da minha boca.

Ele tem gosto de vinho tinto e chocolate amargo. A combinação é o paraíso.

Quando eu passo meus braços ao redor de suas costas, seus quadris flexionam com ardor, mas o suficiente para provar o quanto ele está se segurando.

Parece surreal, esse sentimento tomando conta de mim.

Ele tem uma certa qualidade elementar com aquela camisa branca inocente abraçando seu peito largo, a jaqueta de couro preta simples, agora moldada em volta dos meus ombros, que antes abraçava seus musculosos braços.

É um disfarce, tanto quanto os meus chapéus de rosas vermelhas.

O meu é um tipo chamativo de sensualidade. O dele? Um tipo de charme suave. Ambos projetados para distrair.

Por baixo desse sorriso e desses músculos está uma inteligência, experiência e... vigilância, com as quais eu deveria ter cuidado.

Ele sabe exatamente o que fazer, uma pequena provocação, para me fazer derreter. Ele sabe exatamente o que dizer para entrar sob minhas defesas.

Eu deveria resistir, mas não posso.

E não preciso verbalizar nada, tudo que eu preciso fazer é sorrir. Em um instante, ele está dentro do meu quarto e tranca a porta atrás de si.

— Toque-me — eu exijo.

Mas acho que soa um pouco imperioso, porque ele faz tsc e diz: — Essa não é a maneira de conseguir o que você quer, *Principessa*.

— *Prego...* — digo, usando uma das poucas palavras italianas que conheço, enquanto deixo minha blusa flutuar até o chão.

— Por favor, o quê? — insiste ele.

Minhas mãos vacilam no zíper da minha saia longa. Eu não tenho tanta certeza agora. Oh, céus, ele vai me fazer implorar por isso?

Ele vai.

Ele arqueia uma sobrançelha negra para mim enquanto tira sua camisa da calça, puxa por sobre a cabeça e empurra suas calças e cueca para baixo, descalçando seus mocassins e descartando suas roupas para o lado em um movimento rápido.

Mesmo que não tivesse esquecido o que eu ia dizer, eu não seria capaz de empurrar palavra nenhuma para fora da minha boca.

— Por favor, o quê? — Enquanto repete a pergunta, ele desliza a mão pela minha espinha, uma pressão firme e envolvente que me puxa contra seu peito, meus seios quase se derramando do novo sutiã rendado que Collette trouxe de Paris para o meu enxoval da viagem.

Minhas entranhas queimam muito lentamente enquanto sua mão viaja do ponto de pulsação do meu pescoço até que ela repouse sobre o meu seio.

Eu me arqueio na carícia.

E meus lábios se abrem, em um apelo inquieto, implorando.

Seu dedo percorre a parte inferior curva do meu seio.

Minha mente corre, seguindo o calor do seu toque quando um leve beliscão no meu mamilo rígido leva minha paixão ainda mais para cima.

Deslizo minhas mãos sobre o peito dele, dando-lhe um olhar por debaixo dos cílios. — Você é tão grande e... e duro.

— Verdade, sou grande e duro. — Ele pega minha mão e a move sobre a evidência grossa de sua excitação. — Toque meu *cazzo*, *Principessa*.

Faço o que ele pede. Fico fascinada pela superfície aveludada sobre o aço da dureza. Seu pau longo e grande é belo, já apontando para cima em direção ao seu estômago, com a cabeça de cogumelo e comprimento ingurgitado implorando pela minha boca.

— Ah, *sì* — ele grunhe quando eu ajoelho no chão e circulo minha língua ao redor da cabeça. — Vá em frente, chupe.

Desejo.

É uma palavra tão bonita e sensual e descreve perfeitamente o que eu sinto por ele quando o coloco entre meus lábios, molhando-o.

— Chupa ele todo — ele rosna, agarrando mechas de meu cabelo em seus punhos. — Quero sentir esses lábios se esticando ao redor do meu pau.

Deixo-o afundar ainda mais até sentir a ponta do seu pau bater na parte de trás da minha garganta.

— Porra! Você não engasga?

Ele rosna alto quando eu engulo.

Essa é uma sensação tão inebriante. Meus seios ficam pesados e a dor entre minhas pernas se aguça.

Suas mãos emolduram meu rosto, ainda com meu cabelo entrelaçado em seus dedos e ele assume o comando. — Porra. Eu sabia que você era perfeita. Foda de perfeita.

Se eu pudesse, teria sorrido para a sua expressão de perplexidade.

— Agora, me engula, *Principessa*. — Bombeando seu pau entre meus lábios com fervor, ele se força na minha garganta e quando eu engulo a cabeça, ele solta um grito: — *Gesù*.

A umidade já está pingando entre as minhas pernas. Eu amo o jeito que ele está usando meu rosto, me fazendo de depositária do prazer dele. Isso me lembra de como Carlos, o limpador de piscinas do Solar Beardley, fodeu meu rosto, embora Enzo seja um pouco mais atencioso do que o piscineiro.

— Você vai beber até a última gota. Não deixe nem uma gota cair desses

lábios. — Ele se puxa para trás e bate na minha bochecha com seu pau e, em seguida, está novamente se bombeando entre os meus lábios.

As palavras e seu domínio apenas me encorajam, fazendo-me sugá-lo mais forte e mais rápido, combinando com seu ritmo. Quanto mais eu chupo, mais alto ele geme e xinga.

— Se você perder uma gota, em vez de foder essa sua boceta, eu vou espancá-la. Você me ouviu?

Com a boca cheia, só posso gemer enquanto continuo a chupar o mais forte que posso. E para ser sincera, estou pensando em deixar uma ou duas gotas me escapar.

Ah. Minha boceta se contrai e fica mais molhada com o pensamento de ser espancada.

Ele agarra minha cabeça, segurando-a no lugar, e mergulha ainda mais fundo do que eu pensei que poderia.

Ele grunhe e encontra um ritmo, enquanto eu aproveito e, usando minha língua e sugando em conjunto, o levo às alturas para o paraíso.

É uma faca de dois gumes entre nós, mas agora é ele que está sendo cortado. Ele é o único que estremece, gemendo, perdendo o controle enquanto fode minha boca.

Minha língua e meus lábios e até mesmo a ponta dos meus dentes trabalham para lhe dar prazer, chupando mais rápido e com mais força do que jamais fiz antes – não porque quero que acabe, mas porque vai acabar.

Quando acabar, ele se lembrará de mim – não exatamente da Chloé ou Fleur, mas do meu rosto, da minha boca e do prazer que estou dando a ele.

Eu relaxo minha garganta para deixá-lo ir mais fundo e então eu o engulo.

— *Cazzo* — ele ruge, líquido quente batendo na parte de trás da minha garganta, em seguida, minha língua. — Engula até a última gota.

Eu obedeço o mais rápido possível e lambo-o para finalizar, ansiosa para agradecer.

— *Principessa* safadinha — ele murmura com voz rouca, sem fôlego, esfregando o polegar no meu lábio inferior. — Se eu não tivesse conhecido você na casa de Mario e visto você com seus amigos, todos finos e elegantes, eu teria pensado que você é uma profissional.

Calor corre para o meu rosto. Eu não tenho certeza se isso é um elogio ou não e, do meu lugar a seus pés, eu olho para cima e levanto uma sobrancelha. — Alguma reclamação?

— Nenhuma. — Ele ri quando me puxa para cima em seus braços, pegando meus lábios com os seus, deslizando sua língua em minha boca com longas e lentas lambidas.

Estou tão carente que não posso evitar envolver sua cintura com as minhas pernas e me esfregar em sua masculinidade agora flácida.

— O que você quer? — pergunta ele.

— Por favor, estou sofrendo aqui. — Mas quando eu vejo que ele não vai me dar o que quero, se eu não implorar, respiro fundo e levanto minhas pálpebras, suspirando. — Foda-me, Enzo. Por favor.

— Como você pode soar mansa — ele brinca, me colocando na cama enquanto ele também começa a puxar o zíper da minha saia.

Eu engulo um gemido quando a mão dele desliza entre as minhas pernas e, empurrando minha calcinha para o lado, encontra meu clitóris sensível.

Faz tanto tempo – anos – desde que um homem me tocou. Eu estou toda molhada e já antecipando uma explosão orgástica. — Ah. Ah.

Os dedos dele tocam meu nó de prazer e depois abaixam, juntando umidade. — *Cazzo*, você está tão molhada.

Com poucos movimentos, ele tira meu sutiã e calcinha e em um instante, eu estou deitada de costas e ele está lambendo a minha fenda. Então, trancando meu clitóris entre os lábios, ele chupa forte.

Para minha vergonha, instantaneamente a parte inferior do meu corpo se tensiona e eu explodo em um clímax que me despedaça em um milhão de pedaços de cristal. — Ah, ah. *Mon Dieu!*

Ele redobra seus esforços e eu estou subindo novamente. Ele me lambe e chupa um pouco mais, persuadindo minha satisfação enquanto eu gemo e tento escapar de seus lábios. Meu clitóris sensível precisa de uma pausa, mas ele não pensa assim.

Ele sorri para mim como se minhas respirações trêmulas o divertissem e volta ao trabalho, presenteando meu clitóris com a sessão mais completa e estimulante de sexo oral que já recebi na vida. Enquanto acelera a língua, ele começa a pressionar os dedos para dentro e para fora do meu corpo.

— Isso é tão bom — eu mio, mas não me sinto bem o suficiente ainda, porque eu quero ele sobre mim, dentro de mim.

Quero ele me fodendo.

Quero a sensação de alongamento de um pau pressionando minha boceta apertada.

Eu me contorço e imploro — *Prego, prego, prego...* — Por favor, por favor, por favor...

Ele libera minhas pernas e sobe pelo meu corpo até que nós estamos olhando um nos olhos do outro. — Você está pronta para se juntar a mim, *Princesa*?

— Ah, por favor. *Oui*.

Ele substitui seus dedos por seu membro largo. Parece celestial deslizando para dentro de mim, uma posse grande e grossa que me deixa vibrando.

Mas só entra até a metade e isso faz o Enzo olhar para baixo, onde nossos corpos se encontram, espantados. — *Gesù*, você é apertada como uma virgem.

Uma bocetinha apertada para um pau grande? Os homens dizem que é melhor coisa na Terra.

Posso não ter mais dezoito anos; o barão pode ter me enchido com suas *boas meninas* por anos, e eu posso ter sido uma garota travessa, mas me orgulho de ter uma boceta como ele diz: tão apertada como a de uma virgem.

Em um dos livros da biblioteca do Solar Beardley havia... exercícios para mantê-la assim.

Mas meus pensamentos se espalham quando ele empurra minhas pernas contra os meus lados e começa a me foder com força, a cama tremendo sob suas poderosas estocadas.

Seus gemidos e grunhidos são um som primitivo que me estimula. Sua respiração é quente contra a minha pele. Seus quadris abrindo minhas pernas. Estou completamente invadida por ele, possuída, querendo mais.

— *Prego, prego, prego* — imploro em sua língua, sem vergonha e livre das algemas que usei por tanto tempo.

Eu me agarro a ele quando meu orgasmo se aproxima novamente.

— Olhe para mim, *Princesa*.

Eu fixo meus olhos naqueles azuis intensos, olhando para ele como me é ordenado. Meu corpo parece se esticar e florescer a partir da intensidade daquele olhar. Eles nadam à minha frente, brilhando dentro e fora de foco enquanto tremores começam a se agitar em meu corpo, a tensão se enrola.

Eu gemo alto, muito alto. Alto demais provavelmente, porque a mão dele cobre minha boca.

A sensação áspera de sua palma em meus lábios, sendo silenciada por ele, controlada... Isso me empurra para o orgasmo enquanto calor espirala fora de controle.

Eu explodo em outra erupção, de cor e som, sensações rolando sobre mim. E ele continua, levando-me com ele, mais alto. Não são apenas suas carícias ágeis, mas a sensação dele dentro de mim, preenchendo e me possuindo.

Já não é mais uma questão de saber se posso perder a compostura como com Salvatore, me debatendo, gritando e abrindo caminho por entre orgasmos múltiplos.

Já perdi.

Meu corpo está preso em um feitiço que ele me serviu de propósito.

— Mais uma vez, *Tesoro* — ele geme, martelando-se dentro de mim. — Vou gozar. Goza comigo.

— Ah — suspiro. — Ah, Enzo.

Quero que esse momento cataclísmico dure para sempre.

Eu me envolvo em torno dele, tremendo através do pulsar persistente enquanto eu o sinto se empurrando para dentro de mim, uma vez, duas vezes, e então ele grunhe, se arqueando, lindo em seu clímax.

Quando fecho os olhos, me sinto uma espécie de traidora. Mas para minha confusão, ele não parece como se fosse um total estranho, *non*, e não me arrependo de ter me entregado a Enzo.

CAPÍTULO 10

ENZO

Ela é sensacional.

Seus seios não são enormes, mas também não são pequenos. Talvez um pouco maiores do que a minha mão, e são incríveis. Seus mamilos – pequenos, um tom frágil de rosa – estão pontiagudos e tão prontos para voltarem à minha boca. A curva dos quadris dela; os longos músculos das pernas; a inclinação de sua clavícula e o mar de seus cabelos castanhos, como um halo escuro...

Cada pequeno pedaço dela é impecável, mas combinados, ela parece uma pintura, uma obra de arte que nunca poderia ser reproduzida.

Ela estremece e eu percebo que ela está com frio. Eu puxo o cobertor sobre nós e envolvo meus braços ao redor dela.

— Shh — acalmo.

— Não disse nada — diz ela com uma voz sonolenta.

— Ouvi você de qualquer maneira, *Principessa* — sussurro em seu ouvido.

— Basta você sentir e eu posso ouvir como um sino de igreja.

— E você é um homem religioso? — ela pergunta, sorrindo sonolenta.

Meu pau já está meio ereto contra sua perna e a última coisa em minha mente agora é religião. — Não muito. Você?

— Menos do que eu deveria ser para alguém criada em um convento. — Há um toque de tristeza em sua voz, uma vulnerabilidade que me deixa nu. — Mas... quero te adorar.

Sei que ela quer dizer algo mais do que o sexo que nós dois tivemos e vamos aproveitar novamente.

Um alarme soa em minha mente, mas coloco ele no mudo instantaneamente. Sei o que uma mulher de vinte e quatro anos vê em mim, um homem de quarenta: experiência, poder, dinheiro.

Mas de alguma forma, não acho que ela se importe com isso. Garota esperta.

Ela paga a sua promessa, me adorando com seus lábios e língua até que eu não aguento mais.

E, aqui, no quarto dela na casa de Mario, com as ondas quebrando na praia e enquanto a lua pesada nos espia com uma satisfação imensa, estamos a mil milhas de distância do mundo dos smokings e vestidos de baile; de negócios internacionais; vinhos brancos e tintos e *spumanti*. Longe de amor e ciúmes e vingança. De Amalia.

Existe apenas uma mulher que quer me chupar. E que me toca e que quer que eu transe com ela.

Lá fora, o mundo é duro e áspero. Aqui, é toda a maciez dos lábios, seios e coxas que sustentam minha dureza. Inesperada gentileza e consideração.

Eu me permito relaxar quando ela monta sobre mim, seus dedos delicados entrelaçados nos pelos do meu peito. E eu me permito aproveitar quando ela me beija suavemente, me cavalgando devagar; tão, tão devagar.

E desta vez é doce e gentil. E surpreendentemente bom e gratificante. Sexo baunilha com Fleur é tudo que eu nunca soube que queria, e ainda assim, eu quero mais.

Quando fecho os olhos, lembro que odeio querer alguma coisa.

Mas, de alguma forma, isso não importa.



Gostou?

Pegue o Enzo agora... Hmm... quero dizer, Do Diário da Baronesa 3 agora nas seguintes lojas on-line:

AppleBooks – <https://apple.co/2rSEBRd>

Kobo – <http://bit.ly/Chloe3-KoboBr>

Nook – <http://bit.ly/Chloe3-Nook>

GPlay – <http://bit.ly/Chloe3-GPlay>

Se quiser ver o trailer em inglês: ~ Trailer: <https://youtu.be/AOvP1Zc-xW0>

